

CONEXÕES VIRTUAIS, HISTÓRIAS REAIS



**Ana Idalina Carvalho Nunes
Diego Lucas Nunes de Souza
(Orgs.)**

CONEXÕES VIRTUAIS, HISTÓRIAS REAIS



**Ana Idalina Carvalho Nunes
Diego Lucas Nunes de Souza
(Orgs.)**

PACO  EDITORIAL

Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues

Prof. Dr. Antônio Carlos Giuliani

Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi

Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna

Prof. Dr. Carlos Bauer

Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha

Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida

Prof. Dr. Eraldo Leme Batista

Prof. Dr. Fábio Régio Bento

Prof. Dr. Gustavo H. Cepolini Ferreira

Prof. Dr. Humberto Pereira da Silva

Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa

Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino

Prof. Dr. Juan Drogue

Profa. Dra. Lígia Vercelli

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes

Prof. Dr. Marco Morel

Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira

Prof. Dr. Narciso Laranjeira Telles da Silva

Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins

Prof. Dr. Romualdo Dias

Profa. Dra. Rosemary Dore

Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus

Profa. Dra. Thelma Lessa

Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt

©2024 Ana Idalina Carvalho Nunes; Diego Lucas Nunes de Souza

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C747

Conexões virtuais, histórias reais / Organização de Ana Idalina Carvalho Nunes, Diego Lucas Nunes de Souza. -- 1. ed. -- Jundiaí, SP : Paco, 2024. 192p. ; 14 X 21 cm.

ISBN: 978-85-462-2811-9

1. Game. I. Nunes, Ana Idalina Carvalho (Organizadora). II. Souza, Diego Lucas Nunes de (Organizador). III. Título.

CDD: 794.8

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático

I. Game

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100
11 4521-6315 | 2449-0740
contato@editorialpaco.com.br

Foi feito Depósito Legal

SUMÁRIO

PREFÁCIO	5
INTRODUÇÃO: HISTÓRIAS DE VIDA COMO MÉTODO PARA COMPREENDER AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS	9
<i>Ana Idalina Carvalho Nunes Diego Lucas Nunes de Souza</i>	
CAPÍTULO 1. ARQUITETANDO SONHOS, INSPIRANDO VIDAS	21
<i>Alessandra Tramontini, Ale Maze</i>	
CAPÍTULO 2. ENTRE A VIDA E O JOGO: UMA HISTÓRIA DE FÉ E SUPERAÇÃO	29
<i>Lucas Ribeiro Fernandes, ChazzaN</i>	
CAPÍTULO 3. ESFORÇO, ESTRATÉGIA E DISCIPLINA COMO FERRAMENTAS PARA O SUCESSO DIGITAL	63
<i>Pedro, The Radioativo</i>	
CAPÍTULO 4. UM SONHO, UMA META E A ARTE DE NUNCA DESISTIR	91
<i>Rodrigo Aloán Ferreira Dias, SUPREME</i>	
CAPÍTULO 5. ENTRE AS POSSIBILIDADES VIRTUAIS E A VIDA REAL	99
<i>Carlos Saul, SaulTV</i>	

CAPÍTULO 6. CHE REKO REHEGUA **107**
Gilmar Tupã Chamorro, Biel Tupã

**CAPÍTULO 7. A GUILDA
INDÍGENA LOS TRIBOS** **119**
Elma Julia Tataendy Martines
Leonardo Tupã Rerojoguera Gonzales
Osmar Karai Miri Poty Ramos (Líder da Los Tribos)

**CAPÍTULO 8. DE MENINO A MESTRE:
A TRAJETÓRIA DE UM
PROFESSOR GAMER E LÍDER DE GUILDA** **127**
Diego Lucas Nunes de Souza, Arkan

CAPÍTULO 9. A GUILDA SUPRA **153**
Ana Idalina Carvalho Nunes
Andressa Cristina Peres Rangel (Dressa, manager)
Erineide (SPR Deusa)
Fernando Whyse (FN3F)
João Jhúnnyor (Sanin)
Kadu Rabelo (Shisui)
Luciana (Morena)
Natália (NalaX)
Robson (Negrito)
Vítor Rueb (Rueb)
Ana Idalina (SPR Lua)

RECADO FINAL **187**

BIBLIOGRAFIA **189**

PREFÁCIO

Raphael Bispo
Professor de Antropologia da UFJF

Esta obra que o/a leitor/a tem em mãos versa sobre autobiografias de jogadores de jogos eletrônicos. E se sempre é preciso optar por um bom início quando nos dedicamos a contar uma história de vida, começo este prefácio citando uma frase do antropólogo estadunidense Sidney Mintz, que muito me inspirou em inúmeros trabalhos de campo ao longo da carreira, principalmente quando, em conversas com variados interlocutores/as de pesquisa, solicitava a eles/elas que, justamente, narrassem suas próprias trajetórias.

Em sua célebre etnografia sobre o cortador de cana porto-riquenho Taso, *Trabalhador da cana: uma história de vida porto-riquenha* (“Worker in the cane: a Puerto Rican life history”, no original), Mintz lembra que uma das maiores conquistas decorrentes daquela experiência de campo foi a de, como pesquisador, ter “aprendido a olhar o corredor do tempo através do qual um homem caminhou” (p. 5, tradução nossa). Acredito que é isso que o livro *Conexões Virtuais, Histórias Reais* estimula, não só entre aqueles que aqui escrevem sobre suas vidas ao longo de cada capítulo, mas também em quem os lê, já que não somos nunca observadores passivos dessas narrativas: aprender a lidar com a passagem do tempo, saber observar o passado e, simultaneamente, escolher, optar, gerenciar memórias.

Ana Idalina Carvalho Nunes e Diego Lucas Nunes de Souza são os organizadores desta obra. E se eles estimulam que uma série de pessoas de origens socioeconômicas, idades e perfis muito distintos entre si, “aprendam a olhar o corredor do tempo”, como nos ensina Mintz, não deixamos também de nos indagar: Quem são eles? O que nos contam sobre suas vidas nessas páginas? Ambos são doutorandos no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pesquisadores do mundo virtual e dos jogos eletrônicos. A vida pessoal e acadêmica emerge neste trabalho como parceria frutífera, demonstrando que

a objetividade científica é uma mera ficção (narrativa?) e que, sim, afetações, pessoalidades e consistentes relações subjetivas são amparos imprescindíveis para um qualificado trabalho antropológico.

Falar de si mesmo não é uma tarefa fácil, especialmente quando sentimos a necessidade de narrar os eventos com certa coerência. Isso porque escrever implica a repetição de estilos e convenções já mais ou menos estipulados, mas, sobretudo, porque falar de nós mesmos nos coloca em inúmeras encruzilhadas. Como começar? O que contar? Quais momentos deixar de lado? Será que somos tão coerentes assim como estamos demonstrando? Convidados/as pelos organizadores da coletânea, jogadores e jogadoras de games tornam-se narradores de suas próprias trajetórias, desafiados a encararem esse conjunto de questões que aqui levanto. Os/as autores/as passam assim a ter a missão de contar sobre suas próprias biografias, selecionar as memórias que acreditam ser edificantes e, por outro lado, esquecer, no sentido de deixar de lado, aquilo que não importa, que não convém ao outro saber sobre suas experiências com os games.

Cabe também realçar as particularidades comuns que rondam essas vidas: todos e todas dedicam horas de seus dias ao espaço digital de Free Fire, jogo com o maior número de usuários no Brasil atual. Como contam os organizadores na Introdução, no Free Fire os/as jogadores/as são transportados/as virtualmente para uma espécie de área isolada em que precisam buscar sobreviver, protegendo a si mesmos ao eliminarem concorrentes. O último sobrevivente é o/a vencedor/a, herói ou heroína da trama de manter-se vivo/a. Assim, a missão dada por Diego e Idalina aos que aqui escrevem suas biografias é única e muito inspirada na ideologia máxima do Free Fire: tornem-se os heróis de suas próprias vidas, contem sobre suas experiências vitoriosas e... ponham-se a narrar!

Por fim, é sempre importante realçar o papel de iniciativas de pesquisa como esta, que refletem sobre os usos do “tempo livre” dos sujeitos em sociedade. Em muitos momentos vistos como assuntos pouco “sérios” – por conta das urgências em se pensar as desigualdades sociais na era do capitalismo – o lazer e a diversão foram temáticas secundarizadas no âmbito das ciências sociais mais hege-

mônicas. Assim, por meio de obras como *Conexões Virtuais, Histórias Reais* podemos perceber a relevância de olharmos com atenção para aspectos da vida que se constituem, em muitos casos, como os acontecimentos sociais mais significativos de nossas existências, na maioria das vezes associados à felicidade e ao sentido máximo que damos à vida. Não à toa, este rico depoimento-síntese da gamer Alessandra Tramontini, dentre muitos outros que compõem o livro: *O Free Fire transformou minha vida*.

Transforme a sua vida também, leitor/a, enveredando pelas páginas que seguem, tão bem conduzidas por Ana Idalina e Diego, em sua delicada curadoria sobre trajetórias de jogadores de Free Fire. Boa leitura!

INTRODUÇÃO: HISTÓRIAS DE VIDA COMO MÉTODO PARA COMPREENDER AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Ana Idalina Carvalho Nunes

Diego Lucas Nunes de Souza

Esta obra reúne histórias de vida conectadas por um ponto comum: o espaço digital de Free Fire, um dos *games mobile* com maior número de usuários no Brasil. Com o propósito de contribuir para estudos que buscam desvendar o desconhecido mundo dos jogos eletrônicos e compreender a dinâmica de interações que absorve a maior parte das horas da vida de milhares de jovens brasileiros, apresentamos aqui histórias que mostram a humanidade, o trabalho árduo, os sonhos e projetos de vida daqueles que vivenciam o cotidiano no mundo do referido jogo. Trata-se de uma leitura que atende a vários públicos: interessados em conhecer mais a fundo a atuação profissional na área dos games, criadores de conteúdo digital, estudantes, psicólogos, profissionais da educação e, principalmente, pesquisadores do campo das Ciências Sociais e Humanas. Para estes últimos, além das histórias de vida, oferecemos alguns caminhos metodológicos que podem contribuir para o desenvolvimento de pesquisas envolvendo a análise de narrativas autobiográficas.

De início, é importante esclarecer que a obra conta com autobiografias e histórias de vida, conforme a diferenciação apresentada por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1987): a autobiografia é a narrativa da própria existência, sem a interferência do pesquisador – ou seja, o autor produz o texto da forma que deseja, sem seguir um roteiro ou sugestão para sua construção. Por outro lado, a história de vida, segundo ela, é o relato do autor sobre a própria vida, com a interferência do pesquisador. Considerando que alguns dos participantes solicitaram uma espécie de roteiro com sugestões de tópicos que pudessem nortear a produção, enquanto outros produziram seus textos

de forma independente, sem qualquer tipo de interferência, temos um livro com autobiografias e histórias de vida. Contudo, não faremos distinção: todas serão tratadas como histórias de vida.

Queiroz (1987) define a história de vida como um relato construído por um indivíduo sobre os acontecimentos mais importantes que viveu e as experiências que adquiriu ao longo de sua jornada. Durante a produção, o narrador vai delineando as relações que teve com outras pessoas do seu grupo social, do seu meio estudantil ou profissional e, no caso deste livro, também com os diversos sujeitos com quem interage no ambiente do jogo. Por esta razão, ao fazer a leitura de histórias de vida, ela recomenda que o pesquisador procure

captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence. Porém, o relato em si mesmo contém o que o informante houve por bem oferecer, para dar ideia do que foi sua vida e do que ele mesmo é. (Queiroz, 1987, p. 275)

A análise detalhada desses relatos pode contribuir significativamente para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais contemporâneas, influenciadas pela intensa interação no ambiente digital dos jogos eletrônicos, considerando que

a incorporação das histórias de vida como caminho metodológico expõe, para as ciências humanas e sociais, o desafio de trabalhar fora do quadro lógico-formal e positivista, reenviando o olhar para uma perspectiva aberta à incorporação da subjetividade como elemento fundamental da constituição epistemológica do saber nesse campo do conhecimento, já que fundada na interação social, no olhar do sujeito. (Bragança, 2012, p. 38)

A dimensão principal desse tipo de abordagem metodológica é a temporalidade, que pode abranger tanto as narrativas orais quanto as escritas, além de documentos pessoais e outros materiais que possam “constituir apoio material e simbólico à expressão e à busca de

sentido para a vida nas tramas do tempo” (Bragança, 2012, p. 54). Ou seja, a história de vida é um relato cronológico no qual o narrador busca apresentar as várias experiências que vivenciou através do tempo. Embora essa narrativa seja individual, é preciso destacar que, no campo das Ciências Sociais, ela serve como base para delinear a dinâmica de interações dentro do grupo social do qual o narrador faz parte, bem como da sua área profissional. Além disso, através das histórias de vida pode se tornar possível compreender as necessidades e costumes de diferentes faixas etárias na sociedade.

Em estudos que envolvem a coleta de relatos autobiográficos, sejam eles orais ou escritos, Queiroz (1987) destaca que é necessário observar que eles contêm “o que o informante houve por bem oferecer, para dar ideia do que foi sua vida e do que ele mesmo é” e, nesse sentido, pode ocorrer que não seja respeitada uma ordem cronológica nos relatos. Pode ocorrer que o narrador comece a narrar uma determinada situação da infância e que, no momento seguinte, passe a falar do momento presente. Diante desse tipo de situação, o bom pesquisador não interfere para restabelecer cronologias, pois sabe que também estas variações no tempo podem constituir indícios de algo que permitirá a formulação de inferências; na coleta de histórias de vida, a interferência do pesquisador seria preferencialmente mínima (Queiroz, 1987, p. 275).

Importante destacar ainda que a presença do pesquisador jamais deve inibir a expressão da subjetividade do participante – a história de vida deve assumir o formato de um diálogo (Bragança, 2012, p. 51). Dentro desse contexto, o narrador deve ter o poder de decisão sobre o que vai relatar e, para isso, o pesquisador deve interferir apenas quando solicitado, “suas interferências devem ser reduzidas, pois o importante é que sejam captadas as experiências do entrevistado” e, vale ressaltar que “nada do que relata pode ser considerado supérfluo, pois tudo se encadeia para compor e concluir sua existência” (Queiroz, 1987, p. 276).

Nas histórias de vida que compõem este livro, todas enviadas no formato escrito, será possível perceber diferenças na linguagem, na forma de construção do texto, no vocabulário utilizado, o que

se deve à diversidade regional e, principalmente, à liberdade que cada qual teve na escolha do que deveria abordar em seu texto e na forma como deveria construí-lo. Todavia, é preciso estar ciente de que, até mesmo na seleção do que o autor irá narrar ou não, há uma história oculta e, diante disso, o não-dito significa tanto quanto o dito. Escrever um texto autobiográfico e contar a própria história é algo bastante complexo, pois envolve emoção, lembranças boas e também ruins.

Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (Benjamin, 1994, p. 197-198)

Quando contamos nossa própria história, acabamos revivendo cada momento, seja ele agradável ou doloroso. Por outro lado, percebemos o quanto há que se contar e o quão pouco é o tempo e o espaço para publicar o que escrevemos. Como colocar uma vida em algumas páginas apenas? Como selecionar os momentos mais importantes e de que forma encadeá-los em forma de texto?

Queiroz destaca ainda que é necessário observar que os relatos autobiográficos, tanto quanto as histórias de vida, contêm “o que o informante houve por bem oferecer, para dar ideia do que foi sua vida e do que ele mesmo é” e, nesse sentido, pode ocorrer que não seja respeitada uma ordem cronológica nos relatos. Pode ocorrer que o narrador comece a narrar uma determinada situação da infância e que, no momento seguinte, passe a falar do momento presente. Diante desse tipo de situação,

o bom pesquisador não interfere para restabelecer cronologias, pois sabe que também estas variações no tempo podem constituir indícios de algo que permitirá a formulação de inferências; na coleta de histórias de vida, a interferência do pesquisador seria preferencialmente mínima. (Queiroz, 1987, p. 275)

Além disso, a presença do pesquisador jamais deve inibir a expressão da subjetividade do participante da pesquisa – a história de vida deve assumir o formato de um diálogo (Bragança, 2012, p. 51) e, dentro desse contexto, o narrador deve ter o poder de decisão sobre o que vai relatar. Dessa forma, o pesquisador deve interferir apenas quando solicitado e “suas interferências devem ser reduzidas, pois o importante é que sejam captadas as experiências do entrevistado”. Vale ressaltar que “nada do que relata pode ser considerado supérfluo, pois tudo se encadeia para compor e concluir sua existência” (Queiroz, 1987, p. 276).

Para aqueles pesquisadores que, como nós, coletam histórias de vida durante o seu percurso etnográfico no campo de pesquisa, é fundamental considerar também a etnobiografia como caminho de análise, já que

o conceito de etnobiografia afeta necessariamente não só o modo como tratamos as histórias que os sujeitos etnográficos nos contam, mas também como contamos nossas histórias etnográficas sobre essas histórias e seus personagens-pessoas.

Por este viés de análise, considera-se que, ao escreverem, os autores criam o mundo e a realidade desse mundo, a partir da sua perspectiva individual. A partir dessa perspectiva, eles

criam e agregam novos significados ao mundo e às coisas ao mesmo tempo em que transformam aqueles que constroem a narrativa etnográfica, seja o antropólogo, seja seus personagens etnográficos. Neste agregar de novos significados, a narração é tida como simultaneamente constitutiva da experiência, do evento, do social e dos personagens-pessoas. É tomada para além de uma função representativa, evidenciando assim sua função poética de dar forma ao ‘real’. No lugar de tratar a narrativa como distinta de práticas sociais ‘concretas’, a etnobiografia recusa a separação entre discurso, linguagem e experiência, insistindo na qualidade produtiva do discurso. (Gonçalves; Marques; Cardoso, 2012, p. 10)

Paralelamente às orientações metodológicas já apresentadas, não se pode deixar em segundo plano a importância do interacionismo simbólico como guia de análise das histórias de vida: nascida da sociologia e da psicologia social, essa corrente de pensamento promove a emergência do indivíduo como o intérprete do mundo, através de uma metodologia que privilegia sua visão de mundo. Segundo Georg Herbert Mead, um de seus precursores, a base da significação que um sujeito constrói está na conduta social, é ali onde emergem os símbolos significantes. Entretanto, é apenas no momento em que o sujeito passa a se identificar com esses símbolos que a significação é trazida para o plano consciente (Mead, 1977, p. 165).

Dentro desse processo, os objetos percebidos no ato social se definem e redefinem continuamente, num dinamismo que se configura como interação simbólica – ele não ocorre por um tipo de reação direta às ações ou gestos de outras pessoas, mas sim por uma interpretação de tais ações ou gestos, tendo como fundamento os significados que lhes são conferidos. Para explicar esse processo de definição e redefinição de objetos do ambiente, Mead (1982) utiliza a ideia de “self”, que é a representação da pessoa que interage socialmente consigo própria, da mesma forma como o faz com outras pessoas, alguém que se faz “objeto de si mesma”, ou seja, que “não só se escuta a si, mas também se responde (...) tão realmente como se responde a outra pessoa” (Mead, 1982, p. 171, tradução nossa).

Ser capaz de refletir sobre si mesmo, segundo Mead, contribui para que a pessoa consiga se colocar no lugar do outro – lugar que lhe permite perceber o que outro percebe e sentir o que ele sente; e o desenvolvimento dessa capacidade, de acordo com ele, amplia o sentido de “self social”. É através dessa “generalização do outro” que os processos sociais exercem influência sobre o comportamento dos sujeitos e a comunidade consegue controlar a conduta das pessoas. Entende-se, assim, que a sociedade é o espaço onde surge e se desenvolve o “self” – ou seja, é na forma do outro generalizado que os processos sociais influenciam a conduta dos indivíduos, como também é assim que a comunidade exerce controle sobre o comportamento dos seus membros individuais.

Tomando como fundamento os princípios e conceitos da psicologia social de seu mestre, Mead, Blumer passou a estudar o comportamento coletivo e, com base nos pressupostos teóricos de Mead, trouxe a reafirmação da ideia de significado como um produto social, uma espécie de criação que surge das atividades dos sujeitos na proporção em que interagem uns com os outros. Dessa forma, através das múltiplas atividades dos usuários de Free Fire, dentro e fora do jogo, ocorre um fluxo incessante de criação de significados e ressignificações que consistem em um produto social que, em sentido coletivo, tem o poder de promover uma grande transformação social que, embora não pareça muito aparente nos dias atuais, pode vir a se evidenciar com mais força no futuro.

Cada uma das histórias de vida publicadas neste livro tem potencial para conservar sua força através de décadas, de séculos e, mesmo

depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver, o que faz da narrativa biográfica um importante instrumento para que consigamos penetrar em espaços e períodos históricos de uma maneira que, através de simples relatos descritivos não seria possível compreender. (Benjamin, 1994, p. 204)

Partindo desse pressuposto, podemos pensar que, ao longo das próximas décadas, é provável que os relatos aqui apresentados tragam alguma contribuição para a compreensão da gênese do processo de transformação social e econômica que está ocorrendo neste momento, a partir do game.

Considerando a riqueza das narrativas apresentadas no livro, tomamos por empréstimo as palavras de Benjamin (1994), segundo o qual os narradores das histórias de vida são como os mestres e os sábios, pois eles trazem para a sua narrativa não apenas as memórias da própria vida, mas também as experiências de outras pessoas à sua volta, “seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira” (Benjamin, 1994, p. 221).

O Free Fire como espaço de conexão de vidas reais

Em sua obra *Homo Ludens*, Johan Huizinga, um dos historiadores de maior destaque do século XX, apresenta o jogo como um elemento da cultura, ele “é uma função significante, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende s necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação”, o que indica claramente a sua presença como “um elemento não material em sua própria essência” (Huizinga, 2018 p. 4-5). Ainda que a obra tenha sido escrita em 1938, período em que o avanço da tecnologia era inimaginável, as teorias de Huizinga se adequam perfeitamente ao estudo dos games: “o jogo não é vida ‘corrente’ nem vida ‘real’, ele é uma evasão da via ‘real’ para uma esfera temporária de atividade com orientação própria” (Huizinga, 2018, p. 11). Ele alivia o estresse cotidiano, nos permite viver uma outra realidade, ver novas paisagens, vivenciar situações diferentes das que enfrentamos no dia a dia.

Entretanto, mesmo consistindo em entretenimento, o jogo é marcado pela seriedade, “ele cria ordem e é ordem. Introduce na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem suprema e absoluta” (Huizinga, 2018, p. 13). É a seriedade que leva milhares de jovens de todas as regiões do Brasil a dedicarem tempo, dinheiro, disciplina e esforço na busca por oportunidades profissionais nesse campo, especialmente no Free Fire, que é o ponto de convergência de todas as histórias de vida que compõem este livro.

O Free Fire é um game do gênero *Battle Royale*, que surgiu sob a inspiração do best-seller japonês de mesmo título, escrito por Koushun Takami e publicado em 1999. O livro foi comercializado em dezessete países, inspirou uma série de mangás e teve a sua adaptação para o cinema no ano de 2000. A narrativa gira em torno de um programa anual do governo japonês, através do qual um grupo de estudantes do ensino fundamental é selecionado para participar de um jogo mortal. Os alunos são transportados para uma área isolada, recebendo um kit de sobrevivência com uma arma para se protege-

rem e eliminarem os seus concorrentes. O jogo só termina quando resta um único sobrevivente: ele se torna o vencedor e aparece como herói em todos os telejornais nacionais, ao final da competição. A justificativa para a criação do programa seria mostrar à população a crueldade humana, convencendo a todos de que ninguém é totalmente confiável, nem os melhores amigos da escola (Takami, 2014).

O Free Fire foi lançado no Brasil em dezembro de 2017 e, pouco tempo depois do lançamento, tornou-se o jogo mais baixado, com mais de 100 milhões de downloads no país. O sucesso pode ser atribuído a dois fatores principais: o fato de ser gratuito e por ser planejado exclusivamente para dispositivos móveis. A dinâmica do jogo se assemelha à narrativa do livro: cinquenta jogadores são colocados em um avião e lançados de paraquedas em uma ilha. Durante o voo, é possível visualizar um mapa no canto superior esquerdo da tela – o que permite aos jogadores marcarem o ponto exato onde querem desembarcar. Ao chegarem em terra firme, eles precisam se manter em movimento na busca por suprimentos e armas para sobreviver, explorando casas e outros locais. Cada partida dura, em média, 10 minutos e, à medida que o tempo passa e os jogadores são eliminados, o mapa se reduz em um círculo de gás mortal. Essa redução força os sobreviventes a confrontos inevitáveis, resultando na vitória do último jogador restante, que é celebrado com o “Booyah” – uma expressão de alegria que marca a vitória. Existem vários modos de jogo disponíveis que podem ser selecionados na tela inicial. O modo descrito acima é o “modo clássico”.

Para além da dinâmica do campo de batalha, há todo um sistema de interações entre a desenvolvedora e os jogadores, com lojas e promoções, chamada para eventos e uma ampla gama de ofertas que exercem um grande poder de sedução sobre os gamers. O sistema envolve também artistas e personalidades do mundo do esporte e da música, que aparecem como personagens do jogo, representando a marca Free Fire no mundo digital e no atual. Dentro desse contexto, os criadores de conteúdo, conhecidos como Influenciadores da Garena, desempenham um papel crucial: eles mantêm um contato mais humano com os milhões de usuários do game no Brasil e re-

cebem antecipadamente todas as *skins* (roupas, armas, acessórios), de forma que podem sorteá-las e premiar seus seguidores, além de disseminar o desejo de posse de tais mercadorias virtuais.

Tornar-se um Influenciador Oficial da Garena é uma ambição para inúmeros jogadores que seguem esses ícones. A atuação dos influenciadores é crucial, tanto para a movimentação financeira do jogo quanto para o direcionamento do comportamento dos jogadores. Por meio da presença marcante nas plataformas digitais, eles exercem influência sobre a comunidade, moldando tendências, estabelecendo padrões de comportamento e proporcionando entretenimento e orientação.

Eles desempenham um papel essencial na motivação dos sonhos de seus seguidores, atuando como modelos de aspiração e inspiração. Através de transmissões ao vivo, vídeos e interações nas redes sociais, demonstram a possibilidade de alcançar sucesso e reconhecimento no mundo dos esports. Essa visibilidade é especialmente significativa para os jovens, que percebem na trajetória desses influenciadores um caminho viável para a transformação social e profissional.

A seleção de influenciadores para representar a Garena é conduzida diretamente por meio do *Free Fire Creators* (FFCP). Este programa de parceria foi especificamente concebido para criadores de conteúdo comprometidos em produzir, de forma voluntária, materiais de qualidade relacionados ao jogo. Os critérios para adesão, assim como os benefícios e exigências associados, são revisados periodicamente pela empresa. Atualmente, os requisitos mínimos para se qualificar são: a) ter mais de 18 anos de idade (ou autorização dos responsáveis, para menores); b) possuir um mínimo de 200 mil seguidores no TikTok e/ou 150 mil no YouTube ativo e/ou 40 mil no Instagram; c) demonstrar um histórico consistente de criação ou divulgação de conteúdo relacionado ao Free Fire por, pelo menos, um ano em várias plataformas; d) dedicar pelo menos 75% do conteúdo às temáticas do Free Fire, mantendo um engajamento mínimo de 3% em suas publicações.

A contrapartida oferecida pela Garena aos criadores de conteúdo inclui diversos benefícios, tais como atendimento direto e exclusivo com o time de comunidade da Garena, acesso ao HUB,

canal exclusivo de suporte ao criador(a), suporte para dúvidas, planejamento e direcionamentos de criação de conteúdo, convites para participação em ações de promoção (como campeonatos on-line ou presenciais, festas de lançamento, oficinas criativas, sessões de fotos e filmagens), possibilidade de aparecer nos canais oficiais da empresa, envio de kits de merchandising (sem frequência específica), recebimento semanal de novidades sobre atualizações no jogo, acesso ao Servidor Avançado do FF, insígnia de verificado no jogo, banner e avatar angelical, diamantes, acessórios, personagens, pets e outros itens, além de um cartão para salas personalizadas do jogo e códigos com itens exclusivos.

A obtenção do status de influenciador da Garena proporciona outras vantagens ainda mais significativas. Além da visibilidade que gera, o status de influenciador abre portas para oportunidades de integrar equipes de marketing de grandes empresas e instituições, permitindo uma ascensão social não apenas no ambiente digital, mas também fora dele. Ademais, tornar-se influenciador oferece a oportunidade de profissionalização e construção de estabilidade financeira.

Para os seguidores, a busca por esse status representa mais do que uma simples aspiração pessoal, reflete uma busca por visibilidade e, em muitos casos, prestígio, fama, ascensão social e financeira. A motivação por trás desse desejo pode ser atribuída ainda à busca por reconhecimento e validação social, não apenas dentro da comunidade de jogadores, mas também perante um público mais amplo. Essa trajetória não apenas alimenta o desejo individual de sucesso, mas também contribui para a dinâmica e o crescimento da comunidade.

A variedade de formatos, de linguagens, de roteiros e de vivências presentes nas páginas deste livro talvez seja uma pequena amostra do que coexiste no ambiente digital de um jogo onde a regra é matar. Na contramão do que apregoam os leigos, o Free Fire é um espaço de acolhimento, de amizade, de disciplina e trabalho – acima de tudo, um espaço de construção de histórias de vida.

CAPÍTULO 1. ARQUITETANDO SONHOS, INSPIRANDO VIDAS

Alessandra Tramontini, Ale Maze¹



Fonte: arquivo da autora.

Eu nasci numa cidade chamada Cianorte, no interior do Paraná, tenho 29 anos e meu nome é Alessandra. Tive uma infância bem tranquila, bem típica do interior: sou a caçula de três irmãos, meus pais são separados e eu morei a minha vida toda com a minha mãe e meus irmãos. Durante toda a minha infância eu sempre gostei muito de jogos. Lembro que o meu irmão tinha um PlayStation 1 e que nós tínhamos em casa um único computador para dividir entre nós três e então era aquela famosa briga!

Sempre fui uma criança mais caseira que gostava bastante de ficar em casa e, conseqüentemente, jogava muito! Confesso que eu

1. Influenciadora e apresentadora de Free Fire/esports.

não era uma criança tão esforçada nos estudos, tinha dificuldades em algumas matérias específicas. Eu sempre estava ali na média, também tinha certa dificuldade pra socializar dentro da sala de aula, principalmente na escola particular onde estudei até a oitava série, antes de ir para o colégio público no ensino médio. Nessa época, minha prima Júlia tinha um PlayStation 2 e eu ia todos os dias na casa dela para a gente jogar.

No terceiro do ensino médio, por conta de toda a pressão familiar, eu queria fazer Medicina, mas aquilo não era um sonho meu, de fato. Eu pensei em fazer Direito também, mas prestei vestibular, não passei e fui para a faculdade de Arquitetura e Urbanismo em 2013. Durante o tempo da faculdade eu não tinha muito o hábito de jogar porque, como eu precisava estudar e me dedicar à faculdade integralmente, se eu ficasse jogando, eu não iria conseguir me formar e, competitiva como eu sou, ia querer só jogar. Então eu evitava ao máximo jogar qualquer tipo de jogo porque, ao contrário da escola, na faculdade eu queria ser uma das melhores alunas.

Formei em 2018 e o meu sonho, naquela época, era exercer minha profissão como arquiteta, atuando, principalmente, na parte do urbanismo. Mas confesso que, depois que entrei no mercado de trabalho tradicional (famoso CLT), não me senti bem, algo faltava naquele momento. Queria morar fora, viver novas experiências, conhecer outras culturas, pois a cidade onde eu morava nessa época era uma cidade muito pequena e que não oferecia oportunidades profissionais. Dessa forma, eu comecei a usar minhas redes sociais para mostrar meus projetos de arquitetura e sem muito sucesso eu fiquei mais perdida, não tinha clientes, não conseguia captar novas pessoas pelas redes sociais, e isso foi me deixando cada vez mais frustrada com a minha profissão.

Nesse mesmo período, eu comecei a jogar Free Fire e estava também fazendo um curso de inglês pra ir morar na Irlanda e tentar a vida lá, já que meu sonho como arquiteta não estava indo tão bem. Meu professor de inglês era muito fã de jogos, assim como eu; ele foi a primeira pessoa a me incentivar a fazer as *live streaming* de Free Fire. Então eu comecei a pesquisar sobre o assunto, fui acompanhando in-

fluenciadores e acabei decidindo me aventurar nesse mundo. Comecei fazendo live às escondidas, sem mostrar para a minha família e amigos o que eu estava fazendo porque, naquele momento, eu tinha um pouco de vergonha e, além disso, tinha todo aquele preconceito.



Fonte: arquivo da autora.

Por eu ter terminado a minha faculdade e não estar feliz no meu emprego, comecei a enviar o meu currículo para todas as empresas que eu conhecia de jogos, de times de sports, mas, infelizmente (ou felizmente), nenhuma delas me aceitou. Porém, uma dessas empresas com as quais eu tinha feito contato, me indicou pra ser apresentadora de um campeonato de Free Fire: eles queriam uma mulher que pudesse morar em São Paulo e que soubesse jogar Free

Fire, falar sobre Free Fire, que não tivesse vergonha frente as câmeras, enfim, que tivesse desenvoltura. E eu, como não tinha nada a perder, aceitei a oportunidade e fui.

Foi nesse momento que, realmente, eu mudei o rumo da minha vida profissional: larguei meu emprego na cidade onde eu morava com a minha mãe e fui morar de favor em São Paulo, na casa do meu primo. Fiquei um ano e meio na liga NFA, campeonato no qual eu era apresentadora – foi onde a maioria das pessoas me conheceram. Ali foi onde eu dei o start na minha carreira, pois a minha atuação era vista como um trabalho, profissão. E então eu já podia mostrar para as pessoas que aquilo era mesmo o que eu fazia, profissionalmente.

Graças a Deus, foi algo bem rápido: em questão de um ano e meio eu ganhei muitos seguidores nas redes sociais. Tanto no Instagram como no YouTube e TikTok, aí eu recebi o convite pra ser a primeira influenciadora do time de esports Fluxo, que é um dos maiores times de esports do Brasil. Com a pandemia e a ascensão do Free Fire, muitas marcas se interessaram pela minha persona e aí foi que fui me profissionalizando, cada vez mais.

Acredito que eu tenha realizado meu sonho de infância: eu sempre tive vontade de ser conhecida, mas não sabia como. Eu sempre quis trabalhar com a internet, ser Youtuber, mas eu não sabia como, de fato, eu ia fazer aquilo - e foi no Free Fire que eu me encontrei. Foi o jogo que me deu oportunidade de transformar minha vida no que ela é hoje. Graças ao Free Fire hoje eu tenho acesso a coisas maravilhosas, eu tenho marcas que confiam no meu trabalho, que acreditam em mim. Eu vejo que tem pessoas, principalmente meninas, mulheres que se inspiram e gostam de consumir meu conteúdo e acompanhar minha caminhada.



Fonte: arquivo da autora.

O Free Fire transformou minha vida: hoje, aos 29 anos, eu tenho carro, eu tenho casa, eu tenho oportunidade de morar em São Paulo, de ter uma vida confortável, de viajar. Já fui pra vários países e eu tenho a consciência de que, com a minha profissão de arquiteta urbanista, eu demoraria muito mais tempo pra alcançar esses objetivos, e muitos deles nem seriam possíveis. Também tive oportunidade de conhecer muitas pessoas, celebridades, artistas, muitos dos quais eu sou fã. Também fiz muitos amigos que tiveram a sua vida transformada pelo Free Fire.

Sem dúvida, o meu maior aprendizado foi acreditar no meu sonho, sem ter medo da minha idade, sem ter medo dos julgamentos. Afinal, eu já era relativamente mais velha que o pessoal e já estava formada, eu já estava sendo cobrada para ter um bom emprego, uma vida estabilizada, um bom salário, era um momento um pouco conturba-

do. Quando você se torna um adulto, você precisa ter novas responsabilidades, você precisa se explicar, você precisa sair da casa dos seus pais – e o Free Fire foi, realmente, o que me salvou naquele momento.

Então eu sempre falo pra todo mundo que nunca é tarde, que a gente tem que fazer aquilo que gosta sem medo, sem ter medo do olhar do outro, sem pensar em nossa idade, sem pensar nos julgamentos. É preciso acreditar que nós somos capazes de vencer fazendo aquilo que amamos. Hoje, com as tecnologias, com as novas oportunidades que estão aparecendo, podemos tentar nos aventurar e não ficarmos mais tão presos só nas profissões tradicionais.



Fonte: arquivo da autora.

Eu sigo na carreira como influenciadora, quero continuar apresentando campeonatos, quero ter marcas que conversam com meu público, quero influenciar novas gerações – principalmente meninas – a seguirem seus sonhos, a não terem medo. Quero levar também a minha profissão pra um lado mais empreendedor, pensando em soluções para a profissionalização nos games e também na forma como nós, gamers, consumimos as marcas. Enfim, quero pensar em algo mais voltado pra esse público, para a nossa bolha. Para nossa comunidade, que para mim é o que faz sentido e o que me inspira.

O conselho que eu deixo aqui é que é preciso desapegar dos medos, acreditar nos sonhos e se esforçar, correr atrás dos objetivos, sem pensar no que vão dizer, no que estão falando. O mundo dos games é gigantesco e tem tantas profissões, tantas possibilidades, tantas formas de conquistar a vida!! Só precisamos começar a nos permitir viver essas experiências!

CAPÍTULO 2. ENTRE A VIDA E O JOGO: UMA HISTÓRIA DE FÉ E SUPERAÇÃO

Lucas Ribeiro Fernandes, ChazzaN¹



Fonte: arquivo do autor.

Nascido em 1996, no dia 13 de abril, na cidade de Caculé (BA), iniciava ali uma história de superação. Com um ano e quatro meses de existência eu travei a primeira batalha pela vida. Minha mãe percebeu que eu estava passando muito mal e ela tomou uma decisão de me levar ao médico de uma cidade vizinha, que tinha mais estrutura para examinar o que eu tinha. Pessoas da minha família sugeriram para ela levar em Caculé, porém, ela insistiu que teria que ser na cidade vizinha, que ela sentia isso. Infelizmente, uma criança da mesma idade que eu tinha e apresentava os mesmos sintomas, foi levada ao hospital de Caculé, mas não resistiu. Assim, eu fui levado a Ibias-

1. Criador de conteúdo digital e influenciador oficial da Garena Free Fire Brasil.

sucê-BA e os médicos conseguiram diagnosticar o quadro inicial de pneumonia; assim, com essa decisão precisa da minha mãe lá atrás, eu posso estar aqui hoje para contar a minha história de vida a vocês.



Fonte: arquivo do autor.

Sou o filho caçula de uma família com cinco irmãos. Com pouco menos de três anos de nascido, em janeiro de 1999, fizemos a primeira mudança de cidade: minha mãe, Maria Lucia, sempre foi exemplo de fé e perseverança; meu pai, Edivaldo, sinônimo de trabalho duro e resistência. Eles decidiram nos levar – eu e meus queridos irmãos Leandro, Lenilton, Leila e Liliana – para morarmos em uma cidade maior, que poderia nos proporcionar uma melhor qualidade de vida. E ali partimos em direção a Bom Jesus da Lapa (BA).

O meu pai Edivaldo viajava pelo Brasil vendendo cofres no seu caminhão e enviava o dinheiro que conseguia para a minha mãe Maria Lucia criar os filhos e administrar a casa. Sempre que possível, ele passava em Bom Jesus da Lapa para visitar a família; eu era uma criança e não tinha a noção do esforço dos meus pais para criar meus irmãos e eu. Desde que eu me entendo por gente, minha mãe sempre foi uma

mulher que me ensinou sobre a fé em Deus: sempre com um terço na mão e com suas orações constantes, a sua fé inabalável nunca deixou que algo nos faltasse, sempre foi solícita e solidária com o próximo. Os meus irmãos não tiveram oportunidade de estudar em uma escola particular porque as condições da época não permitiam, porém, sempre se comprometeram com os estudos; a minha irmã mais velha, Liliana, começou a trabalhar muito cedo para ajudar em casa e conquistar uma melhor qualidade de vida. Eu, como caçula, tive os meus privilégios, confesso. Os meus irmãos queriam que eu vivesse ou tivesse experiências que eles gostariam de ter tido, mas nunca tiveram a oportunidade; então, assim que os meus irmãos conseguiram um dinheirinho, compraram um carro de brinquedo com controle remoto e foi uma experiência muito marcante porque ficávamos Lenilton, Leandro e eu brincando com o carrinho de controle, fazendo balizas para conseguirmos estacionar uma Ferrari vermelha de brinquedo - lembro até hoje, foi algo muito especial para mim.

Como caçula da família, eu fui o único que teve a chance de estudar em uma escola particular e adquirir uma base muito boa de ensino - esse conhecimento que obtive me abriu portas e me permite, hoje em dia, escolher onde eu quero estar. Além do esforço para me proporcionarem uma escola particular, também me levaram para o dentista muito cedo porque eu possuía os dentes extremamente tortos, ao ponto de não conseguir fechar a boca corretamente. Por esse motivo, tive que usar aparelho ainda com os meus dentes de leite, usei tudo que é tipo de aparelho, fiz diversos tipos de exames e eu sou eternamente grato aos meus pais pelo esforço de investir nos meus estudos e na minha saúde bucal, usei aparelho dos meus 7 até os 17 anos quando, finalmente, pude terminar toda a manutenção necessária.

De 2002 eu tenho as minhas primeiras lembranças mais nítidas com a minha família, quando o Brasil conquistou o pentacampeonato e o meu irmão Lenilton gravou em fitas de vídeo cassete os jogos do Brasil. Eu achava aquilo incrível porque dava para reassistir o jogo a hora que quisesse e quando quisesse - uma opção que não tínhamos na época. Naquela época, eu gostava de consertar todos os meus brinquedos que quebravam; às vezes não dava certo, mas eu

sempre tentava – aprendi desde cedo que se eu quisesse ter aquele brinquedo que eu gostava ou eu o consertava ou eu ficaria sem, não tinha a opção de pedir um novo.

Em 2003 as coisas foram melhorando e pudemos nos mudar para uma casa melhor, saindo do aluguel para a aquisição de uma casa própria e muito maior do que a antiga, em um outro bairro melhor que o anterior. Nessa nova casa foi onde passei toda a minha infância, pude jogar bola, soltar pipa, conhecer diversos colegas na vizinhança, alguns dos quais posso dizer que viraram irmãos. Dois, mais especificamente, filhos de uma senhora muito abençoada à qual eu posso chamar também de mãe, seu nome é Cristina Vitória. Os filhos dela, Marco Roberto e Victor Henrique sempre estiveram próximos a mim, da minha infância até a vida adulta e eu considero os dois como irmãos que a vida me deu.

Minha irmã Liliana, tanto quanto o meu irmão Lenilton e a minha irmã Leila se formaram em administração, que era o melhor curso que tinha na cidade naquela época. Já o meu irmão Leandro, sempre foi apaixonado por roça, por fazenda e, movido por esse gosto, desde muito cedo ele optou por acompanhar o meu pai em muitas das suas viagens que fazia. Até que chegou o momento em que ele conseguiu conquistar o seu próprio caminhão e, tempos depois, veio a se tornar um proprietário de um caminhão boiadeiro, e, até os dias atuais, ele faz fretes de gado e viaja por todo o Brasil.



Fonte: arquivo do autor.

Em 2013, eu fiz o Enem e meses depois daquela prova, eu me formei no ensino médio. Pouco depois da formatura eu fui à casa de uma amiga com o Victor Henrique, meu amigo/irmão, para uma noite bem descontraída jogando um jogo de cartas chamado de Uno. E foi naquela noite, sentado à mesa onde estavam espalhadas as cartas, que a minha vida começou a mudar. Durante uma das partidas, eu vi algo internamente no meu olho tomando totalmente a minha visão direita. Jogando eu estava e continuei a jogar; ao terminar a partida, fomos para casa e eu não comentei com nenhum dos que estavam ali o que tinha acontecido.

Chegando em casa à noite, a minha irmã Leila abriu a porta e eu disse a ela que não estava enxergando com o meu olho direito e ela, sem reação, falou para eu parar de brincadeira. Eu disse que era sério e fui tentar dormir, mantendo muita calma, com fé de que seria algo passageiro, mas o problema não se resolveu e no dia seguinte meus pais e eu viajamos para Salvador (BA), a fim de fazer exames e tentar reverter esse quadro. Ao chegarmos em Salvador, o médico me explicou que eu tive um derrame ocular e o que me impedia de enxergar era o sangue que estava na frente da visão, mas que, internamente, quem olhava de fora não percebia nada.

Esse mesmo médico me informou que, possivelmente, eu tinha uma doença rara chamada de Von-Hippie-Lindau (VHL)² e, em virtude disso, eu tinha sete tumores benignos no meu olho direito. Na ocasião, fiz um tratamento para que sangue provocado pelo derrame ocular fosse eliminado e, dessa forma, voltei a enxergar. Foram procedimentos com valores elevados, mas, graças a Deus, consegui recuperar a visão do olho direito.

Já em 2014, com o novo diagnóstico em mãos, eu me senti um pouco assustado, mas com muita fé de que eu iria seguir em frente e vencer na vida. Com a minha nota do Enem que eu fiz em 2013, fui chamado para várias faculdades: para o curso de Engenharia Elé-

2. A doença de Von Hippel-Lindau (VHL) é uma síndrome de predisposição para cancro familiar associada a uma variedade de tumores malignos e benignos, mais frequentemente hemangioblastoma espinhal, cerebelar e retiniano, carcinoma de células renais (RCC) e feocromocitoma.

trica, na Federal de Bom Jesus da Lapa (Ufob) e para o curso de Engenharia Civil, no Centro Universitário Estácio da Bahia, Unifacs e Unijorge (nestas duas últimas com bolsa de estudos integral). Eu fiquei muito contente por poder escolher e muito grato aos meus pais por sempre investirem na minha educação.

Ali eu percebi que conhecimento abre diversas portas e é algo que ninguém rouba. Antes, porém, de descobrir que eu tinha sido chamado para as faculdades, teve um detalhe que me levou à decisão de ir: antes de descobrir que eu tinha passado, meu pai pediu para eu comprar um celular pela internet, que chegaria dias depois. Eu estava aguardando a chegada do celular, mas, no dia da entrega, eu recebi dois aparelhos e então decidi conferir o e-mail de confirmação da compra (coisa que eu nunca fazia) e vi que, realmente, eu tinha comprado um celular a mais, por engano. Por ter ido conferir o engano dessa compra, eu acabei vendo, na minha caixa de entrada do e-mail, o convite de uma das faculdades: foi o meu primeiro convite e, como eu acabei colocando o meu número errado de celular no cadastro (sem perceber), eles não conseguiram me ligar. Depois de notar o meu erro, eu o corriji, mas foi através daquele e-mail que eu encontrei o convite para a Faculdade Estácio, com bolsa integral para o curso de Engenharia Civil, que expiraria no dia seguinte.

Eu estava em Bom Jesus da Lapa e no mesmo dia à noite peguei um ônibus com minha mãe porque eu tinha 17 anos e precisava de um responsável para preencher os dados da matrícula para cursar a faculdade no dia seguinte. Foi muita correria, precisei de diversos documentos para que eu pudesse ter minha bolsa aprovada e começasse o meu ensino superior no Centro Universitário Estácio da Bahia. Os convites das outras faculdades vieram no semestre seguinte. O meu irmão Lenilton Ribeiro Fernandes se tornou administrador da Ufob naquele mesmo ano e, ao ligar para os alunos que iriam compor a primeira turma de Engenharia Elétrica, percebeu que o meu nome estava na lista. Ao me ligar, ele cumpriu o seu dever de informar que eu tinha passado e naquela ligação eu ouvi o sorriso orgulhoso do meu irmão. Mas eu o informei de que não iria porque

eu já tinha um semestre realizado no curso de Engenharia Civil e era onde, de fato, eu queria estar.

Mas antes de ir para a faculdade, tive que cumprir a minha parte em uma brincadeira que fazíamos sempre, eu e meus amigos: quem passava para a faculdade tinha sua cabeça raspada. Como eu passei, era a minha vez. Assim, eu combinei com meus amigos para passarem a máquina com o pente de número três, mas eles passaram a máquina com o pente no zero e fiquei com um visual careca (quando se é careca, todo vento que bate na cabeça dá uma sensação de refrigeração haha).

Tudo estava acontecendo muito rápido e eu estava muito feliz com a conquista, por me tornar um universitário. Ao mesmo tempo, eu estava com medo por causa daquela nova descoberta de que eu tinha a Síndrome de Von-Hippie-Lindau (VHL). Porém, eu ainda não tinha certeza de que, de fato, tinha essa síndrome, eu tinha que fazer um teste genético e, ao mesmo tempo, tinha que entender como funcionava essa síndrome, cuidar do meu olho para não perder a visão e estudar para a faculdade.

Em Salvador, o primeiro médico pelo qual eu passei e que examinou meu olho quando eu tive o derrame ocular, teve comigo a seguinte conversa:

Médico - Então Lucas, suspeito que você tenha uma doença chamada VHL (Von Hippel-Lindau).

Eu - Que tipo de doença é essa, doutor?

Médico - Bom, Lucas, em resumo: ela pode causar vários tipos de tumores, na maioria dos casos benignos, em algumas partes do corpo. E estou suspeitando que no seu olho direito já haja alguns desses tumores (no caso, de fato, existiam).

Faça o exame genético para confirmação ou não da doença.

Já dá para imaginar como meus pais e eu saímos do consultório, de repente vi minhas esperanças sumindo, por desconhecimento e medo, eu tinha receio de que pudesse morrer em pouco tempo, mas, com a fé que a minha mãe ensinou, eu sabia que, enquanto existir um por cento de chance em algo que você está fazendo, acredite, existirá noventa e nove por cento de fé.

Naquele tempo eram apenas suspeitas, faltava o teste genético para a confirmação, mas eu sentia que, de fato, a partir daquele momento isso fazia parte da minha vida. Quando eu recuperei a visão do meu olho direito fiquei bem contente, parecia que tudo estava normal. Eu não tinha plano de saúde, então teve que ser tudo particular e foi muito caro. Eu observava a luta dos meus pais para conseguir o dinheiro e, com apoio dos meus irmãos e vendo o tanto de dinheiro gasto, eu me sentia mal em não poder ajudar. Eu queria poder ajudar de alguma maneira, financeiramente falando. Conseguimos um plano de saúde após o incidente e a recuperação da visão, mas esse plano de saúde tinha o período de carência de um ano, ou seja, eu só poderia utilizar para cirurgias e coisas mais caras a partir desse prazo.

Ao longo daquele ano, eu fui sentindo a minha visão piorar, mas eu não comentei muito com os meus pais, pois eu tinha visto a luta e o tanto que foi gasto até aquele momento. Eu imaginei que eu poderia, após um ano, correr atrás e então seria mais fácil. Mas esse foi um dos meus maiores erros nessa vida, pois, após um ano, quando eu fui correr atrás, a minha retina do olho direito tinha descolado e eu tive que passar por diversos médicos em várias regiões do Brasil, como Belo Horizonte (MG) e Curitiba (PR) para tentar recuperar novamente a visão que eu tinha perdido de novo, em virtude do descolamento de retina. Dessa vez, os tumores pressionaram minha retina, o que causou o descolamento.

Enquanto eu cuidava do meu olho direito, fazendo exames para recuperar novamente a visão, eu fui até um médico em Brasília (DF), o dr. José Cláudio Casali da Rocha, que tinha experiência nessa doença e a partir dali eu comecei a entender o seu funcionamento completo. Fiz também lá o teste genético para descobrir se eu tinha ou não a doença (realizei o teste na esperança de ser negativo).

Dois meses após saiu o resultado do exame: positivo para a Síndrome de Von-Hippie-Lindau (VHL). A VHL é uma doença onde a deformação do crescimento de vasos sanguíneos pode se tornar tumores benignos ou malignos, pode aparecer nos olhos, cérebro, coluna, pulmões, rins, pâncreas e por aí vai. Essa doença não tem

cura. Então o doutor me olhou e falou: “Toda a família precisa realizar o teste genético, pois essa doença é hereditária”.

(Enquanto ele falava algumas coisas para os meus pais, eu era inundado por diversos pensamentos. Muitas perguntas sem respostas: e agora? O que irei fazer? Como conviver com algo assim? Dá para viver assim? Como isso será possível? Por que eu?).

Foram perguntas que me rodearam durante bastante tempo, e eu não tinha respostas para nenhuma delas. O primeiro semestre da faculdade, em 2014, se arrastava... apesar do diagnóstico, eu teria que seguir em frente.

Já estava determinado a viver sozinho e seguir a vida na solidão, porque eu imaginava que todo mundo com quem eu criasse um laço poderia sentir a minha ausência quando eu morresse e na minha cabeça eu não tinha muitos anos de vida. Porém, pelo menos meu estudo eu teria, então me dediquei por completo a ele, iria me formar engenheiro civil com louvor. Eu não queria fazer amizades, mas sempre tratei todos como eu gostaria de ser tratado.

Passava meus dias em casa estudando as matérias, com o objetivo de sempre tirar a nota máxima – era exatamente isso que eu fazia. Isso me ajudava a manter meus pensamentos longe da realidade, sobre o que estava acontecendo e o que eu teria a enfrentar em algum momento. E quando, em alguma prova, eu tirava uma nota inferior a dez, eu me cobrava e na seguinte, o dez estava lá.

Meu olho direito, aos poucos, foi ficando cada vez pior. Então chegou o momento de realizar a minha primeira cirurgia invasiva no olho, porque até aquele momento eu tinha feito apenas aplicações para o sangue causado pelo derrame ocular desaparecer. Mas, na situação em que eu estava, não se tratava mais de derrame ocular e sim de descolamento de retina. Fui para a cirurgia com muita fé que desse certo.

Com a primeira cirurgia feita, estava em casa de repouso, com a fé de que tudo estaria bem. Mas um dia após a cirurgia, o dr. Otacílio Maia percebeu que, em virtude dos tumores, o descolamento tinha continuado em um ponto e, dessa forma, logo em seguida tive que refazer a cirurgia para ver se daria certo. Os tumores estavam neutralizados, mas eles já tinham causado muito dano à minha reti-

na. Infelizmente, em duas tentativas de cirurgia num prazo bastante curto, foi constatado que minha retina não poderia mais ser colada.

Enquanto as cirurgias aconteciam, o meu irmão Lenilton se tornou um tipo de pesquisador sobre a VHL: ele procurou os especialistas e foi ele que encontrou aqui no Brasil o médico referência em VHL, doutor Casali e ele também foi a Brasília comigo em uma segunda viagem, agora sabendo que o teste genético tinha dado positivo. Lenilton marcou novamente uma consulta com esse médico em seu consultório em Brasília e fomos juntos entender tudo aquilo. Ele me deu todo um apoio para entender os problemas dessa doença e buscou me ajudar a ter a melhor qualidade de vida possível.

O doutor Casali nos explicou a respeito da doença e sobre como devia ser feito o acompanhamento da mesma. A cada seis meses, era preciso realizar ressonâncias para monitorar atividade tumoral no corpo inteiro.

Ainda existiam muitas dúvidas: até onde eu viveria? Fui deixando o tempo passar por cima de mim, sem prestar atenção no que estava acontecendo, cada vez mais mergulhado na incerteza, sem saber se haveria um futuro. Por fora eu tentava me manter normal, como se nada estivesse acontecendo. Mas por dentro eu estava desabando, mas pela fé em Deus eu nunca entrei no fundo do poço.

Na faculdade, eu comecei a ter crises de ansiedade, muitas vezes tive que sair no meio da aula. Durante as crises eu suava litros e precisava sair de perto das pessoas, para elas não notarem; algumas vezes isso era impossível, então eu começava a suar na frente de todo mundo e recebia olhares e comentários como: “que menino nojento” – como se eu pudesse controlar o que estava havendo até ali ... eu nem mesmo sabia que realmente eram crises de ansiedade. Mesmo estudando e tirando boas notas, eu sentia que poderia partir a qualquer momento.

Todo dia eu pegava o mesmo ônibus aqui na cidade para ir à faculdade e acabei fazendo amizades ali. O trajeto até a faculdade era um espaço onde existia muita risada com várias resenhas, era onde eu conseguia me divertir um pouco, apesar de tudo que eu passava.

O quarto semestre se iniciava em 2015 e no roteiro do ônibus chegavam pessoas novas - uma delas era a irmã de uma das amigas que eu fiz nesse roteiro. O mais estranho era que essa amiga nunca havia falado para mim que tinha uma irmã. Ela nos apresentou:

Amiga: — Lucas, essa aqui é minha irmã.

Bianca: — Olá Lucas, tudo bem?

Amiga: — Você pode levá-la até a sala dela?

Eu: Posso sim.

Então Larissa, a minha amiga, desceu as escadas e nos deixou. A Bianca ficou me encarando e olhei para ela, porém, ela saiu da minha frente sem dizer uma só palavra e pensei: nossa! Que garota metida! E não nos falamos, desde esse encontro.

Até que num belo dia Bianca teve uma atitude inusitada: na volta do roteiro para casa, eu estava sentado na minha poltrona e Bianca sentou no meu colo porque o ônibus estava lotado e ela não quis ir em pé. Eu ainda tentando deduzir o que estava acontecendo, ela puxou assunto comigo, mas confesso que não achei ruim tal atitude. Ela perguntou: “Posso me sentar aqui?” e eu respondi que sim.

A conversa durou até a chegada do roteiro próximo a minha casa. Ao chegar em casa, demorou um pouco e recebi uma mensagem no WhatsApp de um número não salvo. Era ela: “Oi Lucas, aqui é Bianca, já salva meu número aí”. Respondi: "oi Bianca, tá certo" (e coloquei o emoji de um sorriso).

Desse dia em diante, ela começou a me enviar mensagem com frequência e comecei uma amizade com ela. Próximo ao fim do semestre, o professor passou uma atividade em grupo que era sobre pontes, nessa atividade teríamos que desenvolver uma ponte que suportasse bastante peso em cima dela. Era uma atividade que seria apresentada para toda a faculdade ver, a competição de pontes era uma prova que testava o quanto de peso cada ponte suportaria antes de romper. A ponte que aguentasse mais peso seria a campeã. Então, no dia da apresentação mandei mensagem para Bianca:

Lucas: — Bia, está por aí?

Bianca: — Oi estranho, “tô” sim.

Lucas: — Gostaria de ir ver a apresentação do trabalho de pontes comigo?

Bianca: — Sério, gostaria sim.

Fomos juntos para a apresentação do trabalho de pontes, a faculdade parecia um coliseu com bastante aluno assistindo dos andares de cima, gritando e torcendo para as pontes suportarem os pesos. Enquanto a apresentação acontecia, Bianca me disse:

Bianca: - Lucas, estou com fome; preciso de algo para comer.

Lucas: - Ok, vamos lanchar. Hey moço, me dá esse lanche aqui da ponta por favor.

Bianca: - Nesse lanche tem pimenta calabresa?

Atendente: - Não tem, moça.

Bianca: - Ok, obrigada.

Retornamos para o local da apresentação de pontes e, do nada. Bianca começou a tossir bastante e eu perguntei a ela: Bia, o que houve? E ela respondeu: “No lanche tinha pimenta calabresa e eu estou com a gastrite atacada, preciso beber água urgente”.

E lá fomos nós, andares acima para beber água e ela quis sair um pouco para pegar ar fresco. Ela melhorou e ficamos conversando. Quanto ao concurso de pontes, minha turma ficou em segundo lugar, eles estavam lá apresentando.

Naquele momento ao ar livre, o assunto evoluiu, ela falava algo sobre beijo e então aproveitei a oportunidade e falei:

- Poderia me demonstrar um beijo?

- Você quer eu demonstre?

- Sim.

Nos beijamos naquele momento. Fomos para casa e não nos falamos mais depois desse dia, até o início do próximo semestre. Eu não queria que alguém se apegasse a mim, sabendo que eu poderia partir a qualquer momento.

Com início do quinto semestre, tudo começava de novo: assuntos, provas avaliações... e eu ainda me perguntando: O que vou fazer? O que será da minha vida? Terei algum propósito para seguir adiante? Algum dia tudo isso fará sentido? Parecia tudo um pesadelo, um tormento, mas a fé em Deus me mantinha de pé.

Sempre reservado, eu não falava da minha condição para quase ninguém, afinal não queria que as pessoas ficassem com pena de mim ou com algum pensamento parecido. Eu falava poucas coisas com algumas pessoas, algo que não fosse tão pesado para não preocupar as pessoas do meu ciclo de amizades.

Já na minha família, cada um se portava de um jeito diferente: os parentes mais distantes sempre com aquele pesar ao perguntar sobre mim e como eu estava... acredito eu que eles estavam se preparando para a chegada da má notícia da minha partida a qualquer momento.

Ao realizar as ressonâncias de rotina, descobri que possuía alguns tumores: um na coluna cervical, outro na Supra adrenal, um no cerebelo e outro no pâncreas. Mas eu entendi que os tumores iriam acontecer a qualquer momento e em qualquer lugar do meu corpo, mas que, na maioria dos casos, seriam benignos e, dessa forma, a única coisa que eu poderia fazer seria viver, acompanhar o tamanho de cada um e, quando necessário, realizar intervenção cirúrgica para sua remoção. Mas cirurgias podem gerar sequelas e, a depender da localização do tumor no corpo, podem até ser fatais.

Aquela era uma realidade que cada vez me distanciava de meus objetivos. E comecei a achar que, realmente, eu só teria mais um, dois, três ou, na melhor das hipóteses, quatro anos de vida. Seguir adiante parecia impossível. Um dia eu não consegui segurar todo esse peso e chorei bastante no quarto. A minha mãe chegou me perguntando o que estava acontecendo e ela, muito preocupada, também começou a chorar comigo, mas eu expliquei:

— Mãe, é o seguinte... eu vou ficar bem. Só estou chorando porque, como ser humano, eu preciso chorar, extravasar um pouco, mas não serei derrotado, eu tenho um propósito nessa passagem pelo planeta Terra, mas agora eu preciso chorar.

E ali choramos, minha mãe e eu. Com muita fé em Deus, eu me mantive de pé e minha mãe também. Incessante nas suas orações, minha mãe era a pessoa com quem eu podia desabafar quando eu me sentia sufocado pelo peso de todos esses acontecimentos da minha vida. A Bianca voltou a falar comigo e passamos a ter muitos diálogos, ela sempre me dava bastante atenção, não perguntava diretamente sobre como eu estava, mas acredito que ela suspeitava de que algo estava errado comigo.

Em maio de 2016, fui com minha mãe para a cidade de Belo Horizonte atrás de uma segunda opinião médica a respeito do meu olho direito. Infelizmente, não tivemos sucesso e voltamos para casa. A Bia estava comigo todos os dias em que ela tinha aula, sempre preocupada e, mesmo sem perceber, ela estava sendo um suporte para mim. Até que um dia chegou novamente a crise de ansiedade dentro do ônibus do roteiro, já estávamos para descer na faculdade. A Bia me olhou, viu o suor escorrer e, sem me perguntar nada, ela falou: “Lucas, vamos para a biblioteca, lá tem aquelas salas com ar condicionado, eu ligo para você”. Só concordei gesticulando com a cabeça e então descemos pelo estacionamento.

Ela ligou o ar condicionado para mim, me colocou sentado na cadeira e continuou a falar: “Vai ficar tudo bem, viu?”. Segurou minha mão e disse: “Eu sei que você precisa de ajuda, sua alma pede socorro, mesmo sem você dizer uma única palavra”. Naquele momento, senti muito respeito por ela. Dali em diante, a Bia chamou minha atenção com suas palavras e ações: não me julgou, não me olhou com nojo, apenas me ajudou, sem muitas interrogações. Até ali, eu nunca tinha contado nada da minha doença para ela.

Em outubro precisei passar novamente por cirurgia, uma última tentativa de colar a retina do meu olho direito. Dessa vez, fiquei mais de um mês em processo de recuperação na minha casa, deitado, olhando para baixo para facilitar na recuperação. Era a minha última chance. A Bia insistia em conversar comigo e, por mais que a afastasse, ela sempre me mandava mensagens. “Oi Lucas, tudo bem? Como você está? Não vai mais para faculdade não?”

Então, numa bela tarde de outubro, o meu oftalmologista Dr. Otacílio Maia encontrou um tumor pequeno no meu olho esquerdo, que era o único olho com que eu enxergava naquele momento; e eu fui fazer um procedimento a laser que poderia ser o fim da minha visão e da vida normal. Eu fui com o coração na mão, tenso, mas com fé que daria certo, com a certeza de que Deus me colocou nesse mundo por algum motivo. Naquele dia o procedimento a laser no meu olho esquerdo foi um sucesso, sem sequelas! Na volta para casa eu resolvi contar para a Bianca tudo o que se passava comigo, desde quando recebi o diagnóstico até os dias atuais da cirurgia no olho.

Digitei bastante no WhatsApp, enviei para ela e aguardei que respondesse. Eu achei que após a minha revelação ela se afastaria de mim porque, normalmente, é isso que as pessoas fazem; pensam que eu vou morrer, sentem dó ou coisas do tipo, enfim, tudo o que eu não quero transferir ao próximo, que sintam a meu respeito. Quando Bianca leu a mensagem que eu enviei, ela me respondeu:

Bianca: — Que dia posso ir te visitar. Preciso te ver. Pode ser amanhã?

Lucas: — Pode vir na outra semana, pode ser?

Bianca: — Por favor deixa eu ir te ver amanhã.

Lucas: — É que a cirurgia está recente, não quero que me veja assim, está muito feio.

Bianca: — Eu não me importo com isso, quero ver você.

Lucas: — Peço que venha na semana que vem.

Bianca: — Está bem, irei respeitar sua vontade, até semana que vem.

Eu não esperava essa reação da parte dela, saber que uma pessoa tem uma doença grave e, mesmo assim, querer estar perto. Achei isso incrível, percebi que ela era diferente.

Chegou o dia da visita dela, eu estava no meu quarto ao abrigo da luz pois ainda estava em recuperação. Ela pegou uma cadeira e colocou ao lado da cama.

Bianca: — Você está bem?

Lucas: — Sim estou, o inchaço já está passando e já está quase bom.

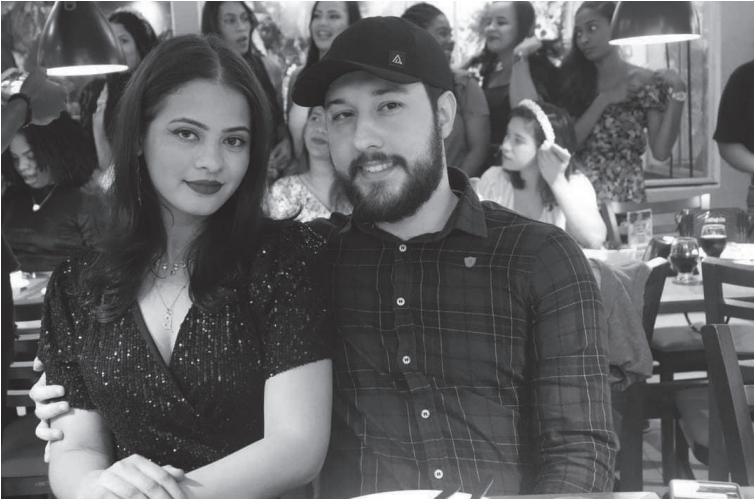
Bianca: — Que ótimo, agora me conte como é tudo isso que você passa, pode me falar.

O tempo passou mais rápido que o normal e quando eu percebi estava contando várias coisas da minha vida para aquela menina que insistiu em falar comigo, mesmo eu dando todos os sinais para que ela se afastasse de mim.

O horário estava avançando e estava perto dela ir para a faculdade. Mas antes dela sair eu a abracei forte, pois estava com saudade. E logo em seguida, eu a beijei, só que de uma forma apaixonada. Eu senti que ela era diferente.

Eu me recuperei e voltei para a faculdade. O fim do sexto semestre se aproximava e, mesmo com toda essa tempestade na minha vida, eu estava indo bem nas disciplinas, com boas notas. Mas a minha retina não foi colada e, infelizmente, a partir daquele momento eu tinha a certeza que a minha visão do olho direito não retornaria mais e passei a cuidar da estética do olho para evitar olhares com julgamento e também para manter a minha autoestima elevada. Passei a cuidar mais ainda do meu único olho, o esquerdo.

Agora que a Bianca sabia da minha condição, mesmo continuando a me tratar da mesma forma, achei que em algum momento ela sentiria pena de mim ou se afastaria, mas isso não aconteceu: ela continuava sempre conversando comigo, perguntando como eu estava. Começamos a ter um relacionamento da forma mais estranha possível, eu gostava dela e ela de mim, mesmo com todas as circunstâncias dizendo não.



Fonte: arquivo do autor.

Com essa doença, passei a ter fobia para sair casa, era complicado ir para qualquer lugar. Eu ia para a faculdade porque era o lugar em que meu cérebro já estava condicionado a estar, mas qualquer lugar novo me fazia ficar desesperado. Demorei sete meses para ir até a casa dela pedir aos seus pais a permissão para seguirmos com nosso relacionamento. Até que um dia, finalmente, fui até lá para conhecer e conversar com o pai e a mãe dela: senhor Robson e senhora Luciene.

Minha família e eu somos de fé católica, a Bianca e a família dela são de fé protestante (já dá para imaginar como seria o nosso relacionamento).

Lucas: — Olá, muito prazer me chamo Lucas.

Robson: — Oi, Lucas, sou Robson e essa a minha esposa, Luciene.

Conversa vai, conversa vem, a Bia ficou basicamente calada o tempo todo. Próximo à despedida, a mãe dela, sra. Luciene, disse:

- Lucas, eu não tenho nada contra sua pessoa, a primeira impressão te achei um excelente rapaz, porém, como sou cristã

evangélica e tenho nossos costumes, não posso ser a favor desse relacionamento, pois se caracteriza como julgo desigual.

Já o pai dela, o senhor Robson, se manifestou dizendo que:

- A única coisa que me importa é que minha filha seja feliz com você, enquanto estiver fazendo-a feliz, não tenho nada contra.

Então, a partir da opinião da mãe dela e do posicionamento favorável do seu pai, oficializamos o nosso relacionamento. Éramos, enfim, namorados!

A Bia tentava de todas as maneiras me colocar para cima, para eu seguir em frente. Ela citava muitas passagens bíblicas, a fé dela me inspirava e me dava forças. E todas aquelas perguntas que me atormentavam tanto, já não estavam sendo tão importantes assim.

Ela sempre me falava sobre Jó, que sofreu bastante, esteve nas piores condições (e eu me via nele) e depois Deus restituiu toda sua saúde e ele se recuperou de todo mal que sofreu e viveu melhor que antes. Esse testemunho alimentava a minha fé que, por sinal, foi o que me permitiu e me permite até hoje seguir em frente. Eu tenho um propósito nessa Terra! Todas as vezes em que eu pensava em desmoronar, a Bia sempre tinha algo da parte de Deus para me animar novamente. Todos esses momentos com ela, sempre muito guerreira e valente, vencendo e subindo degraus cada vez mais altos, se devem ao fato de termos um relacionamento cuja base é a nossa fé em Deus.

Passamos por momento difíceis nos quais as nossas diferenças de crença, de fato, quase nos separaram. Chegamos a quase terminar algumas vezes por conta disso, porém, já não conseguíamos viver um sem o outro, o amor tinha crescido de uma forma que foi impossível terminar a relação. Então superamos essas diferenças e decidimos seguir com nossos planos, mesmo eu tendo várias incertezas relacionadas ao meu futuro. Eu sempre perguntava para ela:

Lucas: — Tem certeza que quer ficar comigo?

E ela respondia: — Estou e estarei com você até o dia que Deus permitir, porque, se depender de mim, eu nunca irei te deixar, jamais irei sair do seu lado.

Nosso relacionamento se tornou cada vez mais firme e sólido, começamos a progredir como um verdadeiro casal, estávamos decididos que queríamos ficar juntos. Meu medo de sair foi indo embora e, aos poucos, comecei a frequentar a casa dela e tinha uma boa relação com toda a família.



Fonte: arquivo do autor.

Meu cunhado Douglas sempre me apresentava alguns jogos do momento, jogávamos juntos e ele sempre ia mudando de jogo, até que ele me apresentou o Free Fire no fim de 2017. Logo fiz minha conta e partimos para o combate, acabei me viciando no jogo, tinha uma temática muito boa e logo se tornou muito popular aqui no Brasil. Jogar Free Fire se tornou um ótimo refúgio do mundo real.

Comecei a jogar Free Fire quase que diariamente e fui me especializando no jogo no modo mobile. Porém, como sempre joguei em computador, então fui tentar instalar o Fortnite, que também é um Battle Royale com muito alcance. Mas, como eu só tinha um notebook e não rodava o Fortnite, acabei aderindo ao emulador para jogar Free Fire.

Alguns dias se passaram e percebi que o centro do meu olho direito estava ficando cinza, meu olho direito estava morrendo aos poucos, fiquei com muito receio de contar para a Bia. Até que resolvi chamá-la para conversar.

Lucas: — Bia preciso te falar algo, mas não sei por onde começar.

Bianca: — Pode me falar qualquer coisa.

Lucas: — Eu não sei como você vai reagir..

Bianca: — Pode falar moço, se demorar de falar é que ficarei nervosa.

Lucas: — Então... sabe meu olho da cirurgia? Ele está ficando com o centro cinza

Bianca: — Achei que iria terminar comigo, mas é o seu olho, tá com medo de quê?

Lucas: — Pensei que fosse me deixar se visse meu olho mudando de cor.

Bianca: — Quando você vai entender que eu te amo pelo que você tem por dentro e não como você é por fora? Não esqueça isso, que te amo.

Eu perdi a visão central do meu olho direito e fiquei apenas com a periférica, mas mesmo com tudo isso eu ainda seguia em frente. Não demorou muito tempo e a retina que havia sido descolada, mesmo com três cirurgias, o médico não conseguiu colar novamente. Então veio a primeira sequela grave da Síndrome VHL, fiquei cego do meu olho direito e não foi nada fácil aguentar minha nova realidade. Já não bastava ter uma doença incurável, agora estava cego de um olho. Foi dolorido e sofrido aceitar essa condição de visão monocular e, como agora estava cego, a retina que era colorida foi assumindo uma coloração totalmente cinza. O médico

oftalmologista que me acompanha desde o início, doutor Otacílio Maia, sugeriu realizar uma cirurgia para pôr um tipo de óleo dentro do olho e uma lente para manter a estética.

O Free Fire virou um tipo de distração para mim, pois lá dentro do jogo eu não tinha problemas, então sempre jogava diversas partidas ao longo de 2018, e fui ficando pro player nesse jogo onde o último a sobreviver alcançava a vitória. Minha vida real também se assemelhava a uma partida na qual eu estava lutando pela minha sobrevivência. Havia perdido a visão no olho direito... o que mais eu teria que perder?

A cirurgia para melhorar a parte estética do meu olho tinha corrido bem, fiquei novamente em recuperação. Pelo menos meu olho estava com a coloração castanha igual ao outro, quem me olhasse jamais iria perceber que eu era uma pessoa com visão monocular. Isso me deixava mais confortável com a minha atual condição e conseguia manter minha autoestima. Graças ao apoio da minha família e da Bia ao meu lado tive forças para não ficar emocionalmente abalado - apesar dos pesares, eu não me sentia sozinho, conseguia dividir e aliviar um pouco aquela carga que vinha acompanhada de incertezas.

Ainda em 2018, alguns outros sintomas da doença começaram a aparecer, eu comecei a sentir fortes dores na cabeça e tontura intensa, o hospital virou minha segunda casa, eu passava mais tempo lá do que em qualquer outro lugar. Houve uma vez em que fiquei internado na emergência do Hospital São Rafael, em Salvador, e teríamos que esperar até o amanhecer para passar pelo neurologista. Minha mãe dormiu dentro do carro com meu pai e a Bia dormiu sentada em uma cadeira ao meu lado. Dessa vez, o neurologista não encontrou nada anormal na minha tomografia craniana, fui liberado e voltei para casa.

Os sintomas, porém, continuaram e, a cada dia que passava, mas eu ficava tonto, perdia o equilíbrio. Até que eu passei novamente pelo doutor Casali e então ele veio com uma informação que me surpreendeu negativamente. Possivelmente, haveria algum tumor dentro de algum canal auditivo e era esse o motivo de tanto mal-estar com tontura e desequilíbrio; e o doutor recomendou que

eu realizasse a ressonância com contraste tardio. Fui para a clínica com Bia e meus pais para a realização dos exames e repassei o recado para os profissionais locais.

Com alguns dias, saiu o resultando do laudo da ressonância: tumor no saco endo linfático do canal auditivo do ouvido esquerdo. Precisaria ser operado, mas, devido ao local ser estreito, a cirurgia iria tirar minha audição e, por outro lado, deixar o tumor também me deixaria surdo e, além do mais, o tumor poderia crescer e causar mais problemas. Eu não tinha saída nem escolhas, ficaria surdo do ouvido esquerdo de qualquer forma, mas o tumor estava afetando o meu labirinto do ouvido esquerdo, o que estava causando tonturas.

Antes de chegar o momento da operação, um dia eu acordei e vi sangue no travesseiro: a surdez havia começado acompanhada de uns zumbidos altíssimos. Então fiquei surdo do ouvido esquerdo rapidamente. Não tinha o que fazer, eu não enxergava do olho direito e não ouvia com o ouvido esquerdo. Por quais testes mais eu teria que passar?

Em uma das conversas com a Bia ela me disse:

Bianca: — Deus não dá uma cruz que não possamos carregar!

Lucas: — Mas está muito difícil de carregar tudo isso.

Bianca: — Estou aqui para carregar com você.

Novamente, meu irmão Lenilton partiu para a busca de profissionais que realizassem a cirurgia de forma segura, pois, devido à região onde estava o tumor, tinha o risco de eu ter paralisia facial e de ocorrerem sequelas mais graves, até mesmo o óbito.

Fomos a um médico em São Paulo, diante do qual eu não senti muita segurança – e então encontramos um médico otorrino e cirurgião plástico em Curitiba (PR), que tinha 100% de acertos em todos os tipos de cirurgia realizadas desse tipo. Então fomos lá, eu e meus pais para Curitiba, para a realização dessa cirurgia.

Durante o voo a caminho de Curitiba, eu imaginei que ali, naquela cirurgia, estaria o fim da minha vida. Eu meio que me despedi de todas as pessoas, imaginei que não iria retornar, eu estava indo

com um aperto no peito porque eu queria viver mais, queria amar mais, queria compartilhar essas experiências da minha vida com as pessoas. Essa história não poderia morrer ali, então, embora eu imaginasse que seria ali, no ano de 2018, exatamente naquela mesa de cirurgia, o meu fim... eu pedia a Deus para que eu pudesse continuar de pé por milagre e permissão dele e sem mais sequelas. O peso era enorme nos meus ombros, eu estava cansado de tudo que eu vinha passando desde 2014 e pensei... pelo menos descansarei em paz... mas se Deus me permitir e eu sair vivo dessa mesa de cirurgia, sem sequelas, em algum momento da minha vida irei escrever um livro sobre tudo isso e fazer uma palestra sobre essa história de vida.

Chegou o dia da cirurgia e lá fui eu, mandando mensagem para a Bianca que ficou na Bahia, me despedindo. Abracei apertado meus pais, aquele poderia ser o último abraço. E ali foi o fim - o fim do meu eu antigo. Foram 12 horas de cirurgia e muitas orações de pessoas queridas de muitos lugares desse Brasil. Eu saí dali consciente, a cirurgia foi um sucesso, sem sequelas, sem tonturas e sem dores na cabeça. E eu comecei a entender muitas coisas nesta vida.

Nada acontece por acaso, em algum momento da nossa história todas as peças se encaixam. Eu passei a valorizar o ar que respiro, o fato de poder falar, enxergar, ouvir, viver... eu pude, com essa doença, me tornar um ser humano melhor, ser a melhor versão de mim, levar alegria e diversão a todas as pessoas à minha volta. Um mês depois da minha cirurgia, ainda em Curitiba, a minha namorada Bianca foi me visitar e o reencontro foi tão marcante! Eu nunca pensei que sentiria vontade de casar com alguém na minha vida e a Bianca me mostrou que, às vezes, aqueles nossos planos que parecem ser verdades absolutas na nossa mente... eles podem mudar. E eu passei a sentir cada vez mais vontade de vencer tudo aquilo para estar ao lado dela logo, casados. Ali mesmo em Curitiba eu pedi a minha namorada em noivado e ela não pensou duas vezes em aceitar, foi uma alegria só.

Com a surdez no ouvido esquerdo vem um zumbido infinito que nunca se desliga, eu não conheço mais o silêncio absoluto, sempre escuto um zumbido no meu ouvido esquerdo. Mas, aos poucos,

eu aprendi a ignorar e a viver com ele, me faz lembrar que eu estou vivo, vivo para levar alegria em todo o lugar que eu passar, me fez agradecer mais e reclamar menos, ser a solução e não o problema.

Naquele mesmo ano eu tive que trancar a faculdade no meu último semestre de engenharia civil, para me recuperar da cirurgia. Graças a Deus, após o êxito na cirurgia eu tive duas certezas: de que eu terei que escrever um livro, em algum momento da minha vida, relatando todos esses detalhes; e de que terei que fazer uma palestra para mostrar às pessoas que todos nós temos problemas e que existem duas maneiras de encarar o problema: se trancar em um quarto, se isolar do mundo e deixar a vida passar ou ir para a luta com todas as adversidades e buscar a vitória, independente das suas limitações. E por falar em limitações, uma curiosidade: quando você perde a audição de um dos ouvidos você não consegue localizar de onde o som vem — então se eu escutar alguém me chamando e não enxergar a pessoa, eu não sei se o som vem da direita ou da esquerda. E quando se enxerga só de um olho você não tem a perspectiva 3D — então assistir filmes em 3D não adianta nada, porque apenas com um olho você não tem a perspectiva de profundidade dos objetos.

Eu tinha levado o meu notebook para Curitiba, então eu jogava bastante naquele período, para passar o tempo. E eu jogava tão bem que eu comentei com a Bianca: — Eu gostaria que as pessoas pudessem ver o quão bem eu jogo.

Dia 4 de Janeiro de 2019 eu tive a minha primeira experiência com uma transmissão ao vivo, eu estava passando as férias em Bom Jesus da Lapa com a minha noiva Bianca e o meu notebook estava comigo, então um amigo fez live em uma plataforma de transmissão ao vivo da época chamada Cube TV e eu fui tentar fazer também porque achei incrível a possibilidade de jogar e poder mostrar para as pessoas o meu talento, minha forma de pensar no Free Fire, que tanto joguei ao longo de 2018.

Eu abri uma live na Cube TV e apareceu que tinha algumas pessoas me assistindo, então fechei correndo e fui falar para a Bianca o que tinha acontecido, eu estava nervoso e tenso. Depois ela falou para eu relaxar e me divertir, então voltei, abri a live de novo, com-

partilhei para os amigos e me diverti muito! Achei aquilo incrível e dali não parei mais. Comecei a fazer as lives na Cube TV e em março tive o meu primeiro salário: lembro que, na época, eu recebi o dinheiro e fui todo contente falar com a minha mãe e, por se tratar de algo novo que a minha mãe não conhecia até então, ela se assustou e perguntou se o dinheiro era correto. Eu expliquei para ela e, mesmo sendo pouco, fiz o meu primeiro investimento no canal: com a ajuda da minha mãe, eu comprei uma memória ram para o meu notebook e uma câmera.

Fui contratado pela Cube TV e a minha vida estava começando a melhorar, porém, em agosto daquele mesmo ano, nas ressonâncias magnéticas que eu fazia a cada seis meses foi constatado que eu tinha um tumor no meu ouvido esquerdo, no mesmo lugar do que foi removido no ano anterior. Então corremos rapidamente para Curitiba e, com os exames de lá descobrimos que, na verdade, tinha havido um erro nos exames feitos na Bahia e que não havia tumor algum.

Porém, com as coisas quase encaminhadas para o meu casamento, ainda em Curitiba, eu recebi a notícia de que a Cube TV iria fechar no Brasil e eu fiquei muito mal. Estava planejando o casamento e, em virtude do fechamento da empresa, lá estava eu desempregado de novo. Voltei para terminar a faculdade, passei um mês sem fazer transmissão ao vivo e a cada ida para a faculdade eu sentia que já não me encontrava ali, já não sentia mais vontade de exercer a profissão. Então voltei, ainda em 2019, a fazer transmissões ao vivo, dessa vez no YouTube, que era uma plataforma sólida. A partir daquele momento eu decidi que, mesmo que eu fizesse transmissões ao vivo em outras plataformas, eu jamais largaria a transmissão ao vivo no YouTube. Então comecei a fazer lives simultâneas diárias no YouTube e na Nimo TV, que era uma plataforma chinesa que funcionava no Brasil. Inicialmente foi muito difícil, já não ganhava mais sequer um centavo para pagar a energia ou ajudar em casa, mas todos os dias eu estava lá fazendo as *streams*, porque não era somente pelo dinheiro, era um momento de alegria, eu me desligava da realidade e me divertia no mundo virtual com as pessoas que me assistiam.

E nesse meio tempo continuei indo para a faculdade, não consegui pegar todas as oito disciplinas do último semestre e então deixei quatro disciplinas finais para o primeiro semestre de 2020 e aí então seria a minha formatura. Nesse meio tempo eu comecei a estudar para concursos porque eu queria casar logo e, para isso, precisava de dinheiro e então fiz um concurso para o Ministério Público da Bahia. Os meus exames mostravam os tumores com tamanhos estáveis, então nada precisava ser feito, só monitorar e seguir a vida. Ainda em 2019, eu consegui meus primeiros mil inscritos no YouTube depois de cinco meses e a minha noiva, orgulhosa, olhou para mim e disse: “Só faltam 99 mil inscritos para 100 mil e vamos conseguir”. O seu brilho no olhar, seu sorriso no rosto e a sua alegria contagiante renovaram as minhas energias, mas o canal estava crescendo devagar e continuava sem gerar um único centavo de receita. Foi um ano bem difícil, pela sensação de ter que recomeçar do zero, ter que adiar meu casamento com Bianca por eu não ter receita. E na época, ela também só estava estudando, mas Deus esteve sempre no comando, me ensinando cada dia um pouco mais: nada nessa vida acontece por acaso, então eu não questionava Deus, eu só entendia que em algum momento lá na frente tudo iria fazer sentido.

No início de 2020 eu postei um vídeo chamado “Estratégia procurando o Nemo” no canal ChazzaN no YouTube e esse vídeo ensinava as pessoas a pegarem a patente mais alta no Free Fire que, na ocasião, era o tão sonhado “Mestre” no jogo. Com essa estratégia, eu ajudei muita gente a conquistar essa patente mais alta, o vídeo não deu certo, mas eu fiquei sem entender o porquê, se era um vídeo relativamente bom. Então eu gravei novamente e postei outro vídeo também com o mesmo título “Procurando o Nemo” e dessa vez o vídeo decolou, o canal saiu de mil inscritos para 2 mil... 4 mil... 10 mil... e enquanto o canal crescia por causa da estratégia, eu tive que fazer novamente uma cirurgia no meu olho direito para trocar o óleo e manter a sua estética (parecia até um carro trocando o óleo de tempos em tempos, haha).

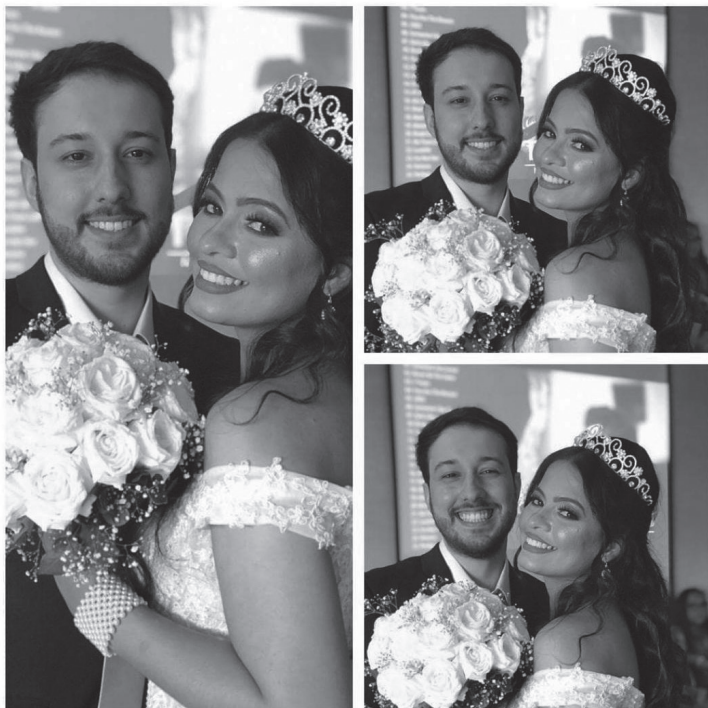
A cirurgia foi um sucesso e eu segui em frente: o canal, nessa altura do campeonato, já estava nos 40 mil inscritos, em questão de dias.

Eu continuava com muita fé na volta por cima, com meu notebook que, na ocasião, já começava a apresentar travamentos. Como eu não tinha condições de trocar, então eu gravava os vídeos e fazia as transmissões com alguns travamentos, mas era o que tinha; e o canal seguia crescendo com os vídeos. Mas aí chegou à pandemia de Covid-19, tive que trancar a faculdade novamente porque, em plena pandemia, fui diagnosticado com tuberculose, então a chance de pegar o vírus e morrer era mais alta, já que eu estava com a imunidade baixa.

Iniciei um tratamento de seis meses tomando remédio diariamente, sem poder faltar nenhuma dose. Enquanto eu estava fazendo o tratamento, a plataforma da Nimo TV entrou em contato comigo para me contratar, chamou a mim e mais 29 pessoas para duas semanas de teste — quem terminasse o ranking em primeiro seria contratado por seis meses (eu lembro que ter um PC bom era um dos requisitos). Lá no grupo todos tiveram que falar o modelo do seu computador e placa de vídeo e tudo mais e eu disse que só tinha um notebook.

O YouTube começou a gerar uma pequena receita que já me permitia pagar algumas contas e ajudar em casa minimamente e quando eu vi aquele ranking com 30 pessoas, lembro que eu disse em voz alta: “Eu não sei como irei terminar em primeiro, mas Deus me mostrará o caminho!” E com muita fé e muita luta eu fui subindo no ranking, até terminar em primeiro e ser contratado, mas ainda assim eu não tinha o suficiente para comprar o PC porque eu comecei a pagar meu plano de saúde e o boleto da internet que era tudo que o dinheiro dava para pagar na época.

Mas as coisas foram melhorando e, graças a Deus, ainda naquele ano, eu pude realizar dois sonhos: ter o meu primeiro PC gamer e realizar o meu casamento, em 9 de outubro de 2020, já curado da tuberculose. No mesmo dia do casamento, após sair da festa, eu vim para casa abrir uma transmissão ao vivo para compartilhar toda a conquista com os meus espectadores, eu os tenho como família, minha família INSANOS.



Fonte: arquivo do autor.

Ali, no dia do casamento, eu entendi que nada é no nosso tempo e sim no tempo de Deus. Se eu casasse em 2019 e a plataforma fechasse depois eu estaria muito encrencado, mas no ano seguinte, agora já no YouTube e também contratado pela plataforma chinesa Nimo TV, eu pude ter estabilidade e uma melhor estrutura para realizar esses sonhos. No final do mesmo ano, o meu canal saiu de 100 mil para 200 mil inscritos e eu só tinha gratidão a Deus, à minha esposa e a todas as pessoas à minha volta. Sempre tratei todos como eu gostaria de ser tratado, eu não ligo para fama, entendo que o dinheiro é um mal necessário para ter uma melhor qualidade de vida, mas não souapegado ao dinheiro.

Os princípios vêm antes do dinheiro, eu nunca fiz uma única parceria no canal que pudesse vir a prejudicar alguém, pois algo que

eu não quero para mim eu não anuncio para os outros. E o que parece algo óbvio para mim parece não ser para as pessoas: muitos espectadores do meu canal se sentiam surpresos por eu não ter mudado o meu jeito ao longo do tempo. Não entendiam como aquele cara simples e humilde do início do canal conseguia ser o mesmo cara simples e humilde depois de tanto crescimento e aumento do alcance. E a resposta era simples: com o canal grande ou pequeno, eu sempre sou e serei eu, os “status” desse mundo não me impressionam, Deus me deu a cada dia que passava muito mais do que eu sonhei.

Em 2021, a minha esposa conseguiu um emprego e assinou a sua carteira de trabalho, uma linda vitória para ela e comemoramos muito a sua conquista. Em um dia aparentemente normal, minha esposa amanheceu sentindo que tinha que ir ao hospital fazer exame de Covid e ao fazer o teste, deu positivo. Preocupada comigo, ela não quis voltar para casa e ficou na casa dos pais isolada com toda assistência nossa possível. Ela chorava muito por imaginar que poderia ter me transmitido Covid e que eu iria morrer por causa disso porque a minha imunidade estava mais baixa que o normal. Mas, mesmo dormindo na mesma cama, eu não tive Covid, ela se recuperou e logo retornou para a nossa casa, sem sequelas.

Nesse mesmo ano, o concurso que eu tinha feito em 2019 para o Ministério Público da Bahia me convocou, então eu tive que decidir entre me tornar um servidor público, abandonar o canal e ter uma vida “normal” ou viver do meu sonho de levar alegria para as pessoas. Optei por continuar com o canal, porque ali era um sonho de anos que estava se consolidando.

Em 2021 o canal continuou crescendo a todo vapor e me tornei influenciador oficial da Garena Free Fire Brasil, mas em 14 de outubro daquele mesmo ano o Free Fire tomou a decisão de remover os emuladores (players que jogavam no computador do jogo) ficando apenas players que jogavam pelo celular, mesmo diante do fato de que a maioria dos influenciadores eram jogadores de emulador.

Porém, todo o investimento que eu tinha feito era para que eu pudesse entregar a melhor qualidade possível no computador. Como eu passava horas em live, fazer as transmissões pelo compu-

tador se tornava minimamente confortável e, ainda assim, fui parar na emergência algumas vezes por extrapolar a quantidade de horas de transmissão e forçar o meu corpo a ir além do limite. Essa decisão do Free Fire foi uma rasteira não só na minha carreira, mas também o fim de muitas carreiras de outros streamers no game.

Na minha vida pessoal, tudo corria bem: meus exames continuavam com os tumores estáveis e sem necessidade de intervenção cirúrgica. Com a impossibilidade de jogar Free Fire no computador, eu tentei migrar para outros jogos e daí o canal começou a sofrer uma queda abrupta, embora ainda desse para manter as contas em dia. Mas em 2022, com a expulsão dos emuladores do Free Fire no ano anterior, eu mudei para outros jogos, e vi o canal passar de 1000, 2000 pessoas simultâneas para apenas 30. Ainda assim não desisti, busquei inovar, renovar... e entendi que no YouTube, os canais de Free Fire, em sua grande maioria, não têm fãs da pessoa que está ali promovendo as lives e sim fãs do jogo. Ao longo de 2022, o canal se tornou insustentável, então pedi rescisão contratual com a Nimo TV porque a plataforma já não estava tendo um suporte de qualidade no Brasil. E um mês após minha rescisão com a Nimo TV, a plataforma faliu no Brasil.

E quando eu já não estava tendo nem mesmo uma receita mínima para pagar as contas e o canal do YouTube seguia inviável, o emprego da minha esposa começou a nos salvar de ficar com dívidas. Então, com muita dor no coração, eu decidi que precisaria abandonar o canal e focar nos concursos, mas, como ato final para tentar salvar o canal, comecei a acordar às cinco da manhã todos os dias para abrir a live das 5:00 às 13:00 e de 14:00 até 20:00 eu estudava para o concurso do BRB (Banco de Brasília).

Naquele ano o canal caiu de 306 mil inscritos no início do ano para 303 mil inscritos seis meses depois. O Free Fire tinha um modo 4 players vs 4 players chamado de Contra Squad, que podia ser jogado por emuladores. Então eu passei a dedicar meu tempo naquele modo e, depois de dedicar um tempo ao Free Fire, eu ia para os estudos.

Chegou, enfim, o dia do concurso e eu fui convicto, pronto para passar e infelizmente dar adeus ao canal. Fiz o concurso com

uma certeza que iria passar e ser chamado, mas para a minha surpresa dias depois, por uma questão eu não passei, então, como eu não acredito em coincidência, entendi aquilo como uma oportunidade para voltar a focar no canal. Então passei a fazer live de Free Fire das seis da manhã até as oito da noite... isso mesmo, 14 horas de live de Free Fire por dia, de domingo a domingo, para salvar o canal. E devagar, bem devagarinho, o canal voltou a crescer. Em marcha lenta, mas deu para voltar a ter uma receita mínima para pagar as contas, então não precisei abandonar o canal, segui fazendo quatorze horas de live por dia, todos os dias durante muitos meses. E o canal foi ganhando novamente uma tração, o que um dia era 1000, 2000 pessoas simultâneas e tinha se reduzido para 30, naquele momento voltou a subir para 170 a 300 pessoas simultâneas.

Em 2022, eu e a minha esposa passamos por momentos de muito aprendizado, nossa fé nos manteve de pé. Minha esposa sente muitas dores no corpo e, às vezes, dificuldade de locomoção. Então eu a levei ao médico e ela foi diagnosticada com uma doença rara também, a Síndrome de Hiper mobilidade Articular. Em 2023, fizemos o teste genético e ela foi diagnosticada com uma outra doença rara também, chamada Síndrome de Ehlers-Danlos e, como eu presencio a sua batalha diária, posso dizer que a cada dia, embora ela conviva com dores (que é uma das condições dessa síndrome), ela tem sua vida normal e... cá para nós... eu sou fã dessa mulher com a qual Papai do Céu me abençoou. Sou grato por Ele ter me permitido ter essa mulher incrível como esposa.



Fonte: arquivo do autor.

No início de 2023, o Free Fire teve uma atualização e o meu canal teve um ápice no número de visualizações em uma transmissão ao vivo – foram mais de 200 mil e mais de 8500 espectadores simultâneos no seu pico, uma reviravolta! E novamente a vida começou a mostrar que é tudo no tempo de Deus e que foi muito bom eu não ter passado no concurso do BRB, em 2022.

Ainda em 2023, o canal chegou nos 464 mil inscritos e eu segui vivendo o meu sonho. Comecei a fazer lives simultâneas em sete plataformas: YouTube, Facebook, Kwai, TikTok, Instagram, Bigo Live e Twitch; e em 2024 o meu canal do YouTube passou a contar com 560 mil inscritos em apenas seis meses, uma baita volta por cima! Hoje sou parceiro de diversas plataformas e não dependo somente do YouTube e nem do Free Fire para sobreviver, mas sigo fazendo as minhas lives diárias das seis da manhã até uma da tarde de domingo a

domingo, novamente com cerca de 2000 pessoas simultâneas diariamente. E graças a Deus, ao longo dos últimos anos não precisei realizar nenhuma cirurgia e a doença não me tirou mais nada. Recentemente, surgiu um medicamento para o tratamento dessa Síndrome que está em fase de testes em pacientes, então estou entrando com o pedido e todas as solicitações necessárias para que esse medicamento possa, quem sabe, me fornecer uma melhor qualidade de vida, com menos “surpresas” de tumores daqui para a frente.

Até aqui eu só tinha externado para os meus familiares e amigos mais próximos minhas batalhas da vida, os meus inscritos me acham humilde e me admiram pelo que eu sou, mas até hoje não sabem da minha história de vida ou, pelo menos até agora, não sabem. Mas na cirurgia de 2018, que eu fiz para remover o tumor do meu ouvido esquerdo, eu sabia que chegaria o dia de escrever um livro da minha história, aqui é o início desse livro, que virá completo no futuro. Deixo aqui meu agradecimento ao Diego Lucas pelo convite que me fez para escrever uma das histórias de vida desse incrível livro. No futuro, também irei compartilhar em vídeo e em palestra a minha trajetória até aqui.

Deus faz maravilhas em nossa vida! Então, se você tem um sonho, nunca desista! Ninguém vai correr atrás do seu sonho por você, cada um tem os seus problemas e as suas limitações, encare isso de frente e viva! Essa passagem pela Terra é curta, mas vale muito a pena ser vivida!

CAPÍTULO 3. ESFORÇO, ESTRATÉGIA E DISCIPLINA COMO FERRAMENTAS PARA O SUCESSO DIGITAL

Pedro, The Radioativo¹



Fonte: arquivo The Radioativo.

Início esta trajetória com um pouco de dificuldade, afinal, falar de si mesmo não é fácil. Mas vamos lá!

Eu crio conteúdo pra internet há pouco mais de 4 anos, de forma ininterrupta, sem parar, dia após dia. A internet hoje me paga e me sustenta através do personagem “The Radioativo”, mas no começo nem tudo foi tão fácil como parece. Aliás, hoje ainda não está

1. Pós-graduado em Marketing Digital, cria conteúdo para internet há mais de cinco anos sobre o nicho de games.

sendo fácil, mas seguimos com o principal segredo que descobri durante esses todos estes anos na internet, a constância.

Eu nasci em 20 de junho de 1996, na capital da Paraíba, João Pessoa, cidade da qual me orgulho bastante, eu falo dela com muito gosto sempre que surge uma oportunidade. Voltando para o começo de tudo... embora na época da infância/adolescência estivessem surgindo as tecnologias atuais, tudo ainda estava muito longe do nosso alcance, devido aos altos valores dos computadores ou videogames da época. Lembro bem de quando eu frequentava uma *lan house* de *videogames* em que só tinha o *Playstation 1* e guardo na memória o medo que meu pai tinha de me ver ali – ele temia que eu ficasse viciado no jogo ou algo assim.

Naquele tempo, mesmo sem recurso financeiro para poder jogar, eu já era encantado com o jogo e ficava feliz até mesmo só em assistir os meus amigos jogando, para saber como funcionava aquele game, entre outras coisas. Porém, isso foi há muito tempo atrás – mas o mais incrível é que esse meu interesse perdurou por bastante tempo, durante a fase de crescimento até a chegada da adolescência: eu gostava de assistir os amigos jogando, eu era viciado a esse ponto.

Como eu já disse, infelizmente havia poucas pessoas com condições de ter um *Playstation* ou computador. Eu vim a ter meu primeiro console quando eu tinha cerca de 15 anos, foi um *Playstation 1* comprado do meu primo pelo valor de 100 reais (e ainda parcelado em duas vezes). Eu era muito viciado, jogava todas as noites sem parar e, se tem uma fase da minha vida da qual eu tenho muita saudade nos dias de hoje, é dessa hahaha... até hoje guardo com muito carinho os *memory cards*² da época.

Porém, pouco antes das *lan houses*³ tomarem conta do nosso bairro e daquela região, todo dia, sem exceção, eu e meus amigos nos reuníamos em qualquer calçada próxima pra jogar conversa fora - algo que, acredito eu, não exista mais, pois, com toda essa globalização à

2. *Memory cards* são dispositivos de armazenamento usados em consoles de videogame para salvar dados de jogos, especialmente após a introdução dos jogos em discos óticos.

3. *Lan houses* são estabelecimentos comerciais que oferecem aos clientes acesso a computadores e à internet mediante pagamento por hora ou por sessão.

nossa volta, as crianças já nascem com um tablet nas mãos. Naquele tempo, quando não estávamos conversando nas calçadas, estávamos sempre jogando bola - quase que diariamente isso também acontecia, o famoso “gol travinha”: três de cada lado jogando bola e vida que segue, com histórias pra contar e o tampão do dedo arrebicado.

Acho que boa parte dos meninos daquela época tinha o sonho de se tornar jogador de futebol. Eu cheguei até a entrar em umas escolinhas quando mais novo pra jogar, esse vício de jogar bola também existiu fortemente enquanto eu era menor. Eu jogava na escola durante o intervalo da manhã, jogava à tarde na rua com amigos, jogava à noite na escolinha de futebol. Era um passatempo de que eu também sinto saudades até hoje, pois eu não pratico futebol há um bom tempo, há pelo menos uns seis meses.

Mas, à medida em que o tempo foi passando, as coisas foram mudando - não é tão fácil assim conseguir se tornar um jogador, requer bastante esforço, além de vários outros fatores. Com o passar do tempo, comecei a perceber que eu não conseguiria fazer isto, até também pela minha idade e tamanho: eu era bem esbelto naquela época e continuo sendo.

Mas, voltando à minha fase de frequentar *lan houses*, acredito que ela perdurou até a minha fase adulta, durante todo o ensino fundamental e ensino médio. Meio que... eu não me importava tanto com outros assuntos, eu, basicamente, gostava de jogar e jogar.

Em meados de 2011/12 conheci um jogo que se chamava *League of Legends* em uma *lan house* e foi novamente um vício e acabei querendo entender mais o game, jogar, praticar, entender toda a mecânica dos campeões. A escola, nisso tudo, também me preocupava, já que eu tinha a obrigação mínima de passar de ano.

Por meus pais serem bem conservadores, eram muito rígidos, eu já escutava desde criança que precisava ser alguém na vida e que o caminho mais fácil seria estudar. Era o mínimo que eu deveria fazer, então sempre surgia esse peso na consciência, eu tinha que passar de ano. Felizmente, eu sempre conseguia fazer, pelo menos, o básico na escola - se eu precisava fazer aquilo, eu ia lá e fazia. Só não fazia pra ser o melhor de todos, ou algo assim, era mais importante pra

mim a nota do que, de fato, aprender. Assim eu segui por um bom tempo. E, felizmente, eu sempre conseguia dividir as horas de cada dia para dar conta de todas as atividades: jogar, passar horas em *lan houses*, mesmo que apenas assistindo e fazer a minha parte na escola pra conseguir passar de ano.

A respeito desse jogo em questão, o LoL... é importante dizer que muitos amigos também gostaram bastante dele, que até formamos um time competitivo e daí foi dado o primeiro passo para tentar monetizar o que eu estava fazendo. Embora tudo fosse muito desorganizado, a aventura era boa. No final das contas, não chegamos longe, mas rendeu bastante história e até hoje, quando encontro com amigos da época, vale a pena lembrar. Ressalto que todos jogávamos em *lan house*, seja para treinar ou para jogar contra outros times: éramos sempre cinco jogadores versus cinco outros jogadores.

Porém, mesmo com tudo aquilo acontecendo, eu ainda não sabia se aquele era o caminho que eu queria para a minha vida - parecia ser mais uma aventura como qualquer outra, em um jogo de que eu gostava. Naquela época, eu não tinha objetivos ou pretensão do que poderia fazer quando crescesse, fui tomar um choque de realidade somente após terminar o ensino médio. Eu sempre quis trabalhar, pois, dentro das condições financeiras em que vivíamos, meu pai sempre deixava claro que o salário dele era pra manter as coisas em casa, onde morávamos eu, meu pai, minha mãe e minha irmã. Hoje, meu pai não está mais nesse plano, mas eu sempre entendi que teria que me virar se eu quisesse ganhar dinheiro para fazer algo. Mas minha mãe dizia que eu precisava terminar de estudar primeiro, então eu me segurei até finalizar o ensino médio, antes de tentar conseguir alguma coisa pra trabalhar. Meu pai, que sempre trabalhou desde criança na roça, plantando e colhendo, ficava muito feliz em saber que eu almejava isso.

Mas, ainda na adolescência, surgiram alguns “bicos” que fizeram com que eu comprasse meu segundo console, um sonho que eu estava determinado em realizar. Eu já estava enjoado do meu *Playstation 1*, o *Playstation 2* já tinha sido lançado há anos e já se falava em lançar o 3. Na época do *Playstation 1*, vale ressaltar que eu não tinha dinheiro pra comprar jogos e meu pai me dava um valor

baixo por semana para eu poder jogar ou comprar bombom. O jogo custava 4 reais, eu comprava em uma casa de jogos próxima, o cara que vendia se chamava André. Todo o meu dinheiro era sempre pra gastar na *lan house*, ou então pra comprar jogos para o meu *Ps1*. Na época, as *lan houses* já tinham computadores.

Para conseguir comprar jogos de *Playstation 1*, que custavam quatro reais, eu me lembro bem que eu juntava as latinhas de cerveja e os litros de cachaça do meu pai e vendia no ferro velho. Eu saía de lá muito feliz, já direto pra comprar alguns jogos; cerca de dois a três jogos já era muita coisa, o preço na promoção era de três jogos por 10 reais. E aí eu me fartava de jogar.

Ainda naquele período da minha adolescência, um dia eu estava jogando e chegou meu vizinho, carinhosamente apelidado de buchudinho – ele chegou da escola ao meio-dia e foi lá pra casa; ele jogava comigo ou ficava assistindo eu jogar. Nesse dia, ele tirou da mochila a sua atividade da escola e, como era algo tecnicamente mais fácil, eu decidi ajudá-lo a fazer a atividade. No dia seguinte, a mãe dele me chamou e perguntou se eu não podia ajudar nas atividades de casa dele todo dia e, em troca, ela pagaria 25 reais por mês. Não pensei duas vezes e comecei a ajudar o Rafael (o buchudinho) em todas as atividades de casa diariamente. (Vale a pena mencionar isso, pois eu juntava todo esse valor todos os meses). Com o tempo, a prima do Rafael também se interessou e passei a dar esse auxílio para dois alunos, o que me garantia 50 reais todo mês. Para quem não ganhava praticamente nada, ter aquele dinheiro todo mês era como estar rico. Consegui juntar 450 reais em alguns meses, mostrei para o meu pai e ele ficou surpreso. Disse que eu precisava de ajuda pra comprar meu segundo console *Playstation 2*, então esperamos a *Black Friday* e fomos no atacadão comprar: o *Ps2* saiu por cerca de 800 reais: meu pai inteirou o valor restante e eu saí dali sendo a pessoa mais feliz do mundo!

Com o tempo, eu parei de ensinar, parei de dar essas aulas de reforço e a vida foi seguindo. No ensino médio, eu e minha irmã convencemos meu pai de que precisaríamos de um computador pra fazer trabalhos, pesquisa, etc. E de fato precisávamos. Meu pai então comprou um computador simples, mas aquele foi então o primeiro passo pra eu começar o que eu faço hoje. Porém, até que eu come-

çasse a criar meus primeiros vídeos, foi um processo demorado. Eu ainda queria continuar jogando e assim o fiz, só que agora no computador - fazia de tudo pra comprar jogos na feira e depois tentar instalar e jogar no computador. Isso perdurou por um bom tempo, até que eu tive umas ideias aleatórias de gravar jogos para o YouTube sobre Minecraft. Fiz alguns vídeos, mesmo sem recurso algum de voz ou vídeo, apenas gravando a tela do computador - fiz uns dez vídeos e descobri que adorava ensinar as pessoas, pois todos os meus vídeos estavam ligados a ensinar, tipo “saiba como aprender algo” ou “veja como fazer isso” - e esse formato de vídeo atraía bastante pessoas, pois as pessoas, geralmente, buscam tirar as dúvidas no YouTube. Porém, eu parei um tempo depois e a vida seguiu

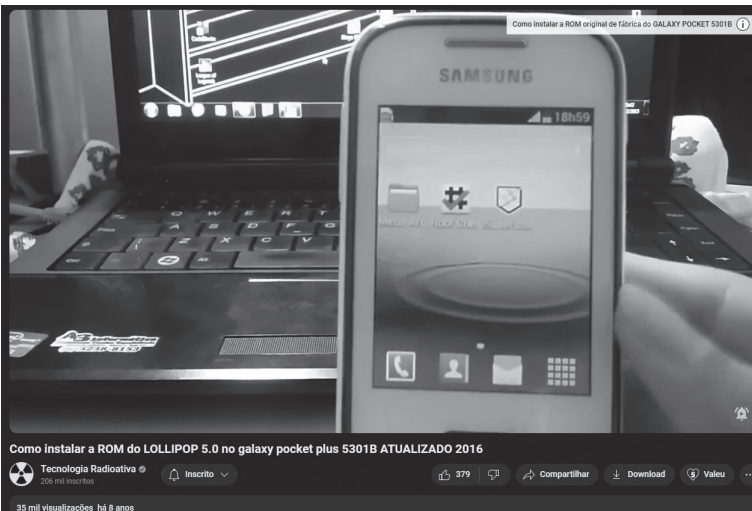
No ensino médio, eu não sabia o que fazer no futuro, que caminho seguir. Eu sabia que futebol não daria certo pra mim, mas a outra coisa de que eu gostava era de jogos, então eu precisaria trabalhar com isso. A idade estava chegando na conta, o ensino médio eu estava já terminando e a minha irmã (três anos mais velha que eu) me obrigou a estudar. Eu não queria, pois era tímido a ponto de temer apresentar um trabalho na escola e, dessa forma, naquele momento esse era o meu principal empecilho, o que me impedia de querer fazer algo como uma faculdade, por exemplo. Mas minha irmã brigou com meu pai, com minha mãe e comigo por conta dessa questão e daí eu não tinha outra escolha, a não ser fazer o que ela queria. Me inscrevi então pelo Fies no curso de Informática da Nassau - Análise de Sistemas, pra ser mais exato. No meio do curso eu descobri que 90% da sala era igual, ou até pior que eu. Um fato curioso é que, nos primeiros semestres, quando os estudantes tinham que apresentar trabalhos, eu descia do ônibus uma parada antes e então comprava duas cervejas, bebia e depois seguia para a faculdade pra tentar me soltar ou perder a vergonha. E o melhor de tudo é que dava certo.

Até um pouco antes de entrar na faculdade, lembra que eu falei que eu queria trabalhar? Pois é, após sair do ensino médio eu queria ter um dinheiro fixo para mim, sentia que precisava, então comecei a trabalhar em uma loja de capinhas e películas de celular, dentro de um mercado público no meu bairro. Eu terminei de estudar o ensino médio no final de dezembro de 2014 e, uma semana após, ainda

em dezembro, eu já estava lá trabalhando, vendendo artigos para celulares e aplicando capinhas e películas. Um amigo me indicou e tudo fluiu de forma bem fácil.

Eu trabalhei durante dois anos nessa lojinha e inicialmente ganhava muito pouco, 70 reais por semana, mas o valor foi subindo, até eu ganhar 250 por semana. Os outros empresários viram que eu estava vendendo bem, que eu sabia lidar com a área de vendas e então me chamavam para ir trabalhar com eles em suas lojas, pagando mais. Ali eu aprendi muita coisa: como me comunicar com o público, aprendi a falar, a vender e a ser um pouco mais solto - coisa que eu não era, por ficar mais preso ao computador.

Com um ano trabalhando lá no famoso camelô (assim eu posso dizer), foi que eu tive aquela discussão com minha irmã em casa e acabei tendo que iniciar a faculdade, como já citei anteriormente. Assim, a partir do início das aulas da faculdade, eu tinha um trabalho durante manhã e tarde e ainda a faculdade de noite. Literalmente, o tempo estava resumindo a trabalho e estudo - mas eu gostava, fazia jus à sensação de ser alguém na vida, que eu tanto ouvia dos meus pais quando eu era criança.



Os primeiros vídeos do canal Tecnologia Radioativa

Fonte: arquivo The Radioativo.

Em meio a tudo o que eu estava vivendo, entrou o que eu acredito que tenha sido o ponto chave da minha história, da construção da minha trajetória profissional, aquilo que me trouxe para o YouTube, mesmo sem recurso algum, com meu primeiro computador fraco que meu pai comprou apenas para estudo. Pois é... da loja de celulares, eu acabei indo parar em outra loja, que trabalhava com conserto de aparelhos (troca de peças, entre outras coisas). Aquele foi mais um passo para aprender muita coisa, eu comecei a aprender o que eu sei hoje na minha área profissional. E ainda fui um pouco mais a fundo: os aparelhos também quebram – não falo da forma material, visível, mas de danos no software do aparelho. Eu me especializei nesse tipo de trabalho e comecei a trabalhar com a formatação dos aparelhos - resumidamente falando, eu instalava um novo sistema operacional no *Android/Apple*, que eram os tipos de aparelhos que chegavam na época. E sempre que chegava um aparelho novo era um desafio, pois eu não tinha os arquivos para fazer o mesmo tipo de procedimento em outros tipos de aparelhos e então eu tinha que fazer uma pesquisa em fóruns gringos e canais do YouTube de outros países, antes de tentar fazer isso. Esse foi o ‘pulo do gato’! Então eu pensei: e se eu entregar de mão beijada todo esse trabalho que eu estou tendo em formato de vídeo no YouTube para o pessoal que tem a mesma dificuldade que eu tive?

Assim eu fiz: comecei a gravar todos os formatos em que eu resetava o aparelho do cliente. Quase sempre chegavam novos aparelhos e então era mais conteúdo e mais vídeos... assim foi que eu fiz os primeiros vídeos e, por incrível que pareça, o sucesso foi imediato. O processo que eu já fazia por algum tempo para os clientes da loja, eu gravava e compartilhava aquele conhecimento, mostrando a forma correta de fazer no YouTube. De tanto fazer aquilo, sem qualquer pretensão de receber dinheiro ou algo assim, quando eu me dei conta eu já tinha um valor de 600 dólares no YouTube – e foi então que eu comecei a estudar mais e investir, afinal, há vários meses eu estava conseguindo ganhar mais dinheiro do que os mil reais que eu ganhava mensalmente na loja.

Esse processo foi um pouco mais difícil do que parece: eu fazia todo o processo de gravação, mas não podia narrar ou comentar em voz o que deveria ser feito porque eu estava dentro da loja com o cliente esperando e, além disso, com o patrão no meu pé. Então eu gravava tudo, juntava os arquivos de vídeo e levava pra casa para narrar, editar, e publicar no YouTube quando eu chegasse da faculdade, por volta de dez ou onze da noite. Eu fiz isso por muito tempo, trabalhava nas horas e dias de folga para só então conseguir manter um ritmo de publicação.

Com o passar do tempo, eu comecei a ver que o negócio dava pra tirar uma renda extra, então comecei a estudar mais e mais. Meu patrão chegou a ficar chateado, mas depois ele entendeu que eu não estava fazendo nada de errado. Um caso curioso é que havia aparelhos que eu pedia para o cliente deixar e buscar no dia seguinte - esses aparelhos eu levava para a minha casa, sem que ninguém soubesse, só pra ter a liberdade de gravar o vídeo já com o áudio narrado; no dia seguinte, eu devolvia o aparelho para a loja. Embora eu, geralmente, gastasse apenas uns vinte minutos para gravar o áudio sobre o vídeo, eu fazia isso pra poder entregar mais qualidade no meu canal do YouTube.

Como eu disse antes, fui estudando a plataforma e comecei a testar novos formatos de vídeos, não queria ficar preso somente a vídeos de aparelhos celulares, ensinando alguma coisa a alguém. Fiz então vários tutoriais de internet: qualquer situação simples, por mais besta que fosse, eu fazia. O resultado foi também o sucesso, eu tirava uma média de 1.500 a 2.000 mil reais mensalmente, ou seja, eu já estava ganhando mais com os vídeos do que o meu emprego na loja me pagava.

Com o tempo, eu também criei um vídeo sobre como passar na prova psicotécnica do Detran e esse vídeo hoje é o meu mais assistido, tem milhões de visualizações. Eu tinha ido tirar minha habilitação e muitas pessoas me botaram medo sobre essa prova e no fim eu achei fácil. Eu vi aí mais uma oportunidade de ensinar as pessoas e assim eu fiz; já que eu sabia o método, só bastava replicar.. Repare que todos esses modelos de vídeos criados até então no canal

que se chamava *Tecnologia Radioativa* seguiam um modelo: eu sabia a dor das pessoas e então eu procurava ajudar com algum tipo de conhecimento. Esse canal se resumia a esse estilo e assim perdurou por bastante tempo, até o dia que eu recebi uma proposta de emprego como estagiário em uma filial da operadora *Vivo*. Como eu já estava estudando, surgiu uma ideia também de trabalhar como estagiário, seria uma chance de ganhar experiência no mercado de trabalho fazendo serviço sobre a área em que estava me especializando.

Com mais de dois anos trabalhando na loja de celular, abdiquei do meu canal do YouTube, já que, tendo saído da loja de celulares eu não teria mais material para gravar os vídeos. Eu teria que me reinventar, mas era algo que eu queria - afinal de contas, estava estudando para isso e queria topa esse novo desafio.

Fiquei um ano como estagiário, passei por várias funções, conheci um pouco mais do mundo administrativo das empresas e achei que aquele era o meu caminho. Com um ano como estagiário e o curso se encerrando, eu resolvi não ficar na empresa. Eu tinha acabado de me formar e a empresa queria me pagar um salário-mínimo, mas eu sabia que conseguiria ganhar mais se eu focasse no YouTube, até porque eu já tinha bastante conhecimento da plataforma.

Certo dia, já nos últimos dias na faculdade e na empresa, eu encontrei um amigo com quem estudei no ensino médio, o Ramon (éramos bastante amigos, tanto de sair pra festas como de jogar bola). Eu tive um papo de dez minutos com ele, enquanto ambos esperávamos o ônibus na hora de ir pra casa. Vou tentar reproduzir a conversa, que foi mais ou menos assim:

Pedro: — Fala Ramon, de boas, boy? Tá fazendo o quê da vida?

Ramon: — Boy, tô pensando em trancar a faculdade, eu tô fazendo contabilidade aí, mas eu tô sem tempo, tem coisa pra fazer em casa, etc.

Pedro: — Oxe, cê tá maluco? kkk... Cê vai trancar pq?

Ramon: — Tô com um canal no YouTube, jogando Free Fire, pô, faço lives, aí estourei, geral jogando tá me pedindo pra fazer live, etc... e eu tô sem tempo.

A conversa foi em torno disso, ele me falando sobre o quanto ele estava crescendo e ganhando dinheiro na plataforma e, do outro lado, eu tentando entender como ele cresceu, sendo que ele era muito “lesadão” com as coisas do dia a dia.



Encontro de amigos: Ramon (GGeasy) e eu (The Radioativo), em evento da Garena em SP

Fonte: arquivo The Radioativo.

Eu peguei meu ônibus pra casa e não conseguia pensar em outra coisa, a ideia era uma só: eu teria que fazer a mesma coisa que ele estava fazendo, pra ontem! Jogar Free Fire, a nova sensação do momento! Eu já estava determinado a não continuar na empresa e, além disso, eu estava a algumas semanas da formatura na faculdade.

Depois de apenas alguns dias sem trabalho formal e sem estudar (ambos tinham chegado ao fim), eu comecei meu canal do YouTube - criei um novo e deixei o anterior de lado, uma atitude de muita força, já que o outro canal tinha mais de 100 mil inscritos. O novo canal era totalmente zerado e nele eu comecei a fazer lives diárias - todos os dias eu fazia cerca de 3 a 5 horas de live, fiz isso durante três a quatro meses. Porém, algo me frustrou: por mais que já tivesse

conquistado um público e sempre tivesse gente comigo nas lives, eu senti que não iria conseguir crescer como queria.

Foi aí que parei e comecei a analisar como funcionava todo o ecossistema do Free Fire e como era o cenário com um todo. Passei uma semana apenas assistindo os *streamers* pra observar que tipo de vídeo funcionava na plataforma, e foi aí que eu vi vários canais de cortes com quinhentos mil *views*, cem mil, tinha até com um milhão de *views*. Eu fiquei um pouco surpreso com tudo aquilo, mas eu não pensei duas vezes, comecei a assistir todos eles para entender como faziam e o que usavam. O principal para se trabalhar com um canal de corte é o título, ele precisa ser chamativo, usar frases persuasivas para induzir o *click* do telespectador. Eu já tinha esse recurso, graças ao meu antigo canal do YouTube, só que, para eu começar a fazer isso, eu tinha a consciência de que seria mais um no meio da multidão. E aqui entra novamente mais um “pulo do gato⁴” - eu teria que fazer algo que eles não estavam fazendo e foi então que surgiu o jornal do Free Fire (irei falar mais sobre isso um pouco mais adiante).

Porém, isso não começou do dia para a noite, eu comecei clicando as transmissões oficiais da Garena e os vídeos começaram a dar certo. O anteriormente chamado de *Pro League* era o principal campeonato da época e, com alguns meses de trabalho, eu já conseguia ver um bom resultado, mas, como eu já disse, eu estava sendo apenas mais um. Foi então que eu percebi que os canais maiores colocavam apenas a informação principal no título do vídeo. Então pensei: é... eu só preciso agora neste momento entregar mais conteúdo, mais tempo de vídeo (até porque a retenção dos vídeos, na época, era a principal métrica do YouTube, os canais de clipes concorrentes só entregavam vídeos de oito minutos, o mínimo para monetizar e ganhar um pouco mais. Então, eu comecei a fazer isso sozinho, tracei um tempo de trabalho e uma meta: eu precisaria apenas criar vídeos com mais de oito minutos. Eu listei os dez maiores concorrentes - todos eles tinham uma média de oito a doze mi-

4. A expressão sugere que o indivíduo teve a astúcia e estratégia que um gato tem ao dar um salto rápido. A expressão indica um conhecimento ou habilidade especial que faz a diferença na resolução de um problema ou na obtenção de um resultado positivo.

nutos e então os meus vídeos teriam que ter quinze minutos ou mais de duração. E assim eu comecei a tentar fazer.

Tracei então um tempo de trabalho, eu seria meu próprio patrão e teria que definir tempo pra começar e parar, era um horário entre tarde/noite/ e madrugada para editar e publicar o vídeo. Detalhe é que comecei a incluir gravações nos *stories* do Instagram, fotos no feed, e cortes de momentos no YouTube – um compilado de informação, um atrás do outro, tudo isso narrado por mim, descrevendo ou contextualizando a ‘cena a seguir’: a ideia era entregar ao telespectador tudo de bandeja, o trabalho dele era apenas dar o *play* no vídeo.

Outro “pulo do gato” que eu também fiz foi clipar apenas o áudio, e esse áudio seria alguma informação soltada em live. Então, basicamente, meu vídeo seria apenas ouvido, mais do que assistido – o que estavam falando se tornava o principal tema do meu vídeo, com mais informações, algo que nenhum deles fazia, pois eles cli-pavam apenas jogadas, momentos de campeonatos, algo bonito de se ver, jogadas bonitas.

Com isso tudo, o formato inovador começou a fazer bastante sucesso na plataforma com o passar de três meses. Fazendo isso eu tive um *boom* absurdo nas *views*, isso no começo de 2020.

Outro detalhe bem forte: eu percebi que eu precisava aparecer, não queria me manter atrás de tudo, eu sabia que minha imagem precisaria ser trabalhada e vista por todos. Acho que isso também foi ponto crucial para ganhar destaque durante todo esse processo, bem como a criação de um bordão que perdurou por bastante tempo nas lives dos outros *streamers* e que até hoje é usado com certa frequência. Para criar o bordão eu pensei em Faustão e Silvio Santos. Assim como grandes nomes da tv brasileira eram reconhecidos através de seus bordões, eu tinha que ter algo nesse estilo e foi então que surgiu o “No vídeo de hoje você vai ver” – esta frase sempre ecoava, principalmente quando tinha algo polêmico nas lives dos *streamers*, ou algum tipo de vazamento. O chat em si *floodava*⁵ isso com bastante frequência, quando algo nesse sentido acontecia e daí, consequente-

5. São mensagens disparadas repetidamente no chat, dificultando a leitura.

mente, alguém parava e mandava essa informação para mim na DM do Instagram (falaremos disso um pouco mais na frente, de como era feita essa coleta de conteúdo e resumo para que o vídeo do dia ficasse pronto).



O primeiro estúdio: reportagem para a TV local sobre ganhar dinheiro com jogos

Fonte: arquivo The Radioativo.

Assim, durante todo esse processo, houve uma série de coisas que eu tive que fazer ou das quais eu precisei abdicar pra que o canal desse certo e fizesse sucesso. Obviamente, o fato de eu já entender da plataforma e ter criado um outro canal antes disso tudo, facilitou muito o processo. Eu publicava um vídeo por dia no canal e então começaram a chamar de “Jornal do Free Fire” e foi assim que eu o apelidei e criei até uma vinheta com essa entrada. Era o resumo do dia completo de tudo que aconteceu no cenário competitivo de Free Fire, em apenas um vídeo, que tinha entre vinte e trinta minutos.

E isso se tornou um ciclo viciante de assistir: se eu postasse vídeos curtos, com menor tempo de duração, eles reclamavam e sempre ansiavam mais, era algo incrível/curioso que eu não conseguia entender, mas achava magnífico. Com o canal crescendo, obviamente, eu ficava muito feliz e começava a focar cada vez mais. A cabeça seguia firme em um único objetivo: produzir incessantemente, sem parar.

Porém, nem tudo são flores. Eu gosto de dizer que, de fato, tive uma grande jornada de herói durante todos esses momentos até, de fato, chegar ao equilíbrio dos dias atuais. Antes de todo esse sucesso repentino, antes de todo esse bônus, o ônus também se fez presente no decorrer da minha jornada.

Na época, eu namorava a Tamires, hoje minha esposa, com quem estou junto há quase oito anos. Ela estudava e trabalhava o dia todo e os nossos encontros sempre aconteciam nos finais de semana. Porém, no final da semana acontecia a principal competição do país, aquela que eu tinha que assistir, realizar o corte da live, rever o melhor momento e publicar no canal, o quanto antes. Para contextualizar, nessa época eu ainda não tinha “inventado” o “Jornal do Free Fire” do qual eu falei anteriormente.

Ou seja, eu precisava publicar o vídeo, mas eu também tinha que ir visitá-la.

Eu comecei explicando pra ela como funcionava, ela entendeu o que eu precisava fazer e o que eu estava determinado a fazer, ela foi muito compreensiva e me apoiou. Porém com o tempo, a paciência dela começou a se esgotar e eu tinha que tomar uma decisão. Pedi a ela um pouco mais de tempo, até que juntei uma grana com o dinheiro do canal e o pouco que eu tinha guardado desde meu primeiro emprego eu dei entrada em um apartamento próximo da casa da minha mãe. Tudo aconteceu rápido, eu já estava com ela há um bom tempo junto, ela morava sozinha com a irmã, os pais moravam no interior da Paraíba e, além disso, a irmã já estava quase “casando” também e em pouco tempo ela iria ficar sozinha na casa... então a decisão foi um conjunto de tudo: poder ficar com ela, nem que fosse no mesmo apartamento, pra ela não estar mais sozinha nos finais de semana e eu poder trabalhar, realizar os clipes com meu computador. Mas nem tudo são flores e mais um baque aconteceu: alguns meses após a conquista do novo apartamento, o meu canal perdeu a monetização, minha principal fonte de renda foi se esvaindo bem na minha frente.

O medo me tomou completamente quando eu vi aquilo acontecendo, eu tinha acabado de assumir uma parcela de 800 reais do apartamento financiado e tinha ainda todos os compromissos finan-

ceiros que um adulto tem, normalmente. Para que eu conseguisse cumprir com todos os compromissos assumidos eu teria que manter a renda de 3 ou 4 mil reais por mês do meu canal do YouTube que estava crescendo. Eu deixei de receber esse valor do dia para a noite, por um erro que eu mesmo cometi dentro da plataforma.

Eu não tinha praticamente mais nada em valor financeiro, pois todo o dinheiro que juntei dos 19 aos 22 anos, mais ou menos, foi o que investi na entrada do apartamento. A sensação foi uma das piores da minha vida, talvez pelo fato de estar entrando nesse mundo que era “novo” pra mim, eu meio que pensava: - como eu vou *tankar*⁶e pagar tudo isso?

(Porém, ainda aconteceria outro momento bem triste nessa jornada, que, de longe, nem se compara ao fato de não ter a condição financeira para manter o pagamento das contas. Falarei adiante).

Nos dias seguintes eu me acalmei. Sentei e falei para a minha esposa: - vamos dizer não a todo mundo, não a festas, não a amigos, não a todo mundo! Eu preciso fazer o que tem que ser feito e preciso ficar em casa estudando e produzindo uma nova forma para ser aceito novamente na monetização do YouTube.

Foi aí que comecei a estudar a plataforma. Eu não tinha outra opção: ou eu desistia ou teria que tentar entender onde errei para descobrir como melhorar e encontrar uma forma de ser aceito na plataforma novamente. Eu já tinha um público no canal, pequeno, mas eles gostavam de acompanhar e então eu decidi me apertar durante cerca de dois meses, que foi mais ou menos o tempo que eu levei para recuperar a monetização do canal. Para minha surpresa foi muito rápido.

6. No meio gamer, a palavra se popularizou como sinônimo de aguentar, suportar algo.



A montagem do segundo estúdio: aqui foi onde a magia começou a acontecer, eu estava 100% disposto a produzir no canal **The Radioativo**

Fonte: arquivo The Radioativo.

E então eu começava a aplicar tudo aquilo que citei acima, obviamente tudo que falei foi de forma bem repentina, mas isso não aconteceu exatamente assim: foi ponto por ponto, e aos poucos a coisa foi acontecendo, de forma gradativa, melhorando com base nos *feedbacks* e também em inspirações ao longo do caminho.

E sobre inspirações, aqui vai um grande canal do YouTube que também passou a me moldar a partir desse acontecimento: Cellbit, com seus enigmas misteriosos.

A partir de então, eu começava a ser reconhecido por muitos grandes nomes do cenário que estavam no auge. Definitivamente, esse modelo e formato de vídeo deu muito certo. Decidi que iria focar nisso e fiz uma pós-graduação em marketing digital, o que, de fato, foi algo muito legal, eu gostava de estudar e aprender coisas novas e então deu muito certo.

Com o tempo, chegou a pandemia e um grande nome também surgia no jogo, o DJ Alok que, naquele período, ganhava um personagem dentro do game e decidia passar boa parte do seu tempo fazendo *livestreams*⁷ e interagindo com a comunidade.

Eu não esperava isso, mas ele chegou a me chamar no WhatsApp e trocamos uma ideia rápida: ele queria entender como eu fazia tudo aquilo, ele já estava acompanhando, estava inteirado sobre o cenário como um todo e me elogiou, perguntou como ele poderia agregar no meu trabalho. Após alguns minutos falando sobre *job/* trabalhos, ele me explicou o básico que eu deveria saber para delegar atividades pra terceiros.

Eu fiquei pensando após esse dia e comecei a testar aquela ideia, comecei a contratar outras pessoas para me ajudar nesses processos e deu muito certo. A carga horária de trabalho era bem longa na época e, com isso, eu ficava um pouco mais livre em determinados momentos.

Uma curiosidade é que todo Youtuber, quando começa, é multifuncional. Faz tudo. Outro detalhe também é que temos um bloqueio mental, parece que se contratarmos alguém para fazer o nosso trabalho, ele não vai ficar tão bom quanto se eu mesmo estivesse fazendo. Isso é muito comum para qualquer criador. E foi sobre isso o papo que tivemos, eu e Alok.

Mas eu consegui superar essa barreira, não 100%, mas consegui. E montei uma equipe de duas pessoas comigo para seguir tocando o barco. Passei também a participar do campeonato do Alok e comentei algumas vezes – foi, de fato, o máximo pra mim, que nunca tinha feito aquilo. Ali eu passei a admirá-lo ainda mais, não só como cantor, mas sim como ser humano. Algum tempo depois, Alok tocou no Rock in Rio e fretou um ônibus de SP para RJ e levou diversos *influencers* para curtirem o seu show, com tudo pago.

7. Transmissão contínua feita em tempo real à gravação.

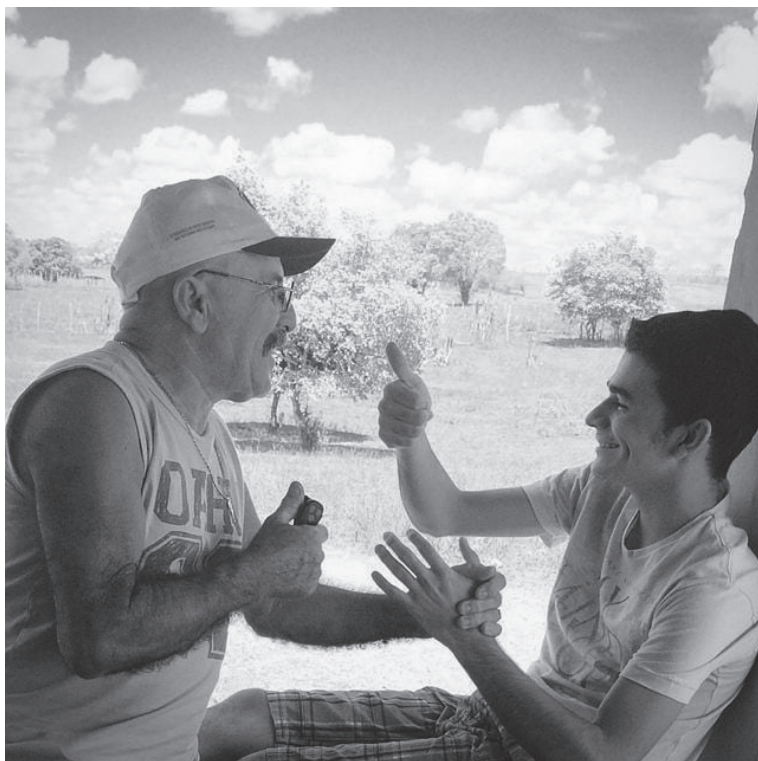


ALOK ROCK RIO NEXT TREMEU para OS CRIAS NOBRU EXPLICOU! VAZOU NOVO CAMP ALOK

O dia em que conheci Alok: eu gravava conteúdo no Rock in Rio, estava entrevistando as pessoas e quando eu o vi, dei uma de louco, tomei coragem e fui falar com ele

Fonte: arquivo The Radioativo.

Na pandemia, todos os criadores de conteúdo tiveram seus dígitos inflados, geral crescendo, até porque todos estavam em casa... mas uma pessoa única pra mim não estava mais, era meu querido e falecido pai que, infelizmente, se foi pela doença. Foi mais um baque que eu tive em meio ao bom momento da minha carreira profissional, mas eu entendi que tinha que levantar a cabeça e seguir em frente. E assim o fiz novamente. Muitos *streamers/influencers* da comunidade levantaram o pesar para mim, algo que me consolou bastante com todo o ocorrido, e eu segui em frente.



**Na foto, eu e meu falecido pai, no sítio onde ele nasceu, em
Mulungu-PB**

Fonte: arquivo The Radioativo.

Outro ponto que também me fez crescer bastante no Free Fire, foi o novo formato de conteúdo, o FireFlix – carinhoso nome que eu e a comunidade demos a um quadro especial de um vídeo que durava cerca de 40 a 50 minutos. Basicamente, esses vídeos se davam quando acontecia muita coisa no Free Fire, era tanta coisa que a expectativa em produzir um vídeo desses ia lá em cima, tanto da minha parte como da comunidade. Eu ficava muito animado, eufórico e não tinha um pingão de sono na madrugada, só trabalhando na produção, pois eu sabia que no dia seguinte o resultado seria dos melhores. Isso aconteceu durante a pandemia.

Com o fim da pandemia eu precisava alçar voos mais altos, mas na minha cidade, João Pessoa (PB), eu não conseguia voar mais alto do que eu já estava. Eu precisava conhecer todo mundo de forma presencial, participar dos eventos, estar ativo no meio da cultura gamer. Então decidi que teria que partir, mais uma dura e difícil decisão tinha que ser tomada. Após a notícia, minha mãe e minha irmã ficaram em casa chorando por conta da minha decisão. Mas novamente eu segui.

Casei e fiz uma despedida na festa de casamento. E parti para São Paulo com minha esposa.



**Meu casamento com Tamires, poucos dias antes de irmos
morar em SP**

Fonte: arquivo The Radioativo.

Em São Paulo, o Pedro estava predestinado a não mais existir: a partir dali ele seria apenas “The Radioativo”, assim como todos me chamavam. Meu propósito era de fato seguir carreira, trabalhar e continuar a me manter no auge criando conteúdo gamer e, obviamente, ganhar dinheiro. De João Pessoa para São Paulo foi uma mudança bem repentina, foi difícil a adaptação na grande metrópole, duas cidades totalmente diferentes. Mas se tem uma coisa que eu aprendi nessa curta trajetória é que eu precisava fazer o que tinha que ser feito. Bem objetivo e direto. Segui esse lema por um bom tempo e isso também me moldou para chegar até aqui. Essa inclusive seria uma dica que eu daria pra quem quer seguir essa carreira de criador.

Tudo aqui era novo: novos lugares, novos ciclos de amizades, uma nova rotina, uma nova saudade. O que mais me doeu foram as músicas, algo totalmente diferente do que estava acostumado a ouvir tocar nos bares, por exemplo. Outro detalhe foi o frio. Mas tudo isso e um pouco mais teríamos que engolir e seguir tocando o barco.

Com o tempo, eu passei a participar a cada vez mais de eventos, a conhecer pessoas e a criar mais conteúdo – de fato, fazendo o que eu queria. Porém, em certos momentos eu não conseguia levar minha esposa comigo para os eventos e ela tinha que ficar em casa sozinha, longe de todo mundo... ela acabou entrando em uma pré-depressão e acabamos comprando uma cachorrinha pra fazer companhia, o que nos ajudou muito, ela se chama Chloe.

O meu primeiro evento, assim que cheguei em SP, foi a festa de aniversário do time do Nobru e Cerol, o time da Fluxo, ambos me chamaram no WhatsApp. Fiquei bastante feliz de ter recebido convite de grandes nomes do game e isso foi um baque (positivo) porque na minha cidade eu não conseguiria nada disso. Nem sequer *network* eu teria. Eu vi então que São Paulo era o local onde eu deveria estar. Porém...

Chegamos em SP no mês de fevereiro de 2022 e passamos o ano de 22 inteiro, o 23 inteiro e agora estamos indo para o 24 inteiro. Ou seja, dois anos e seis meses se passaram desde a nossa chegada até o momento em que eu estou escrevendo esse texto. E a vontade de voltar para a minha terra pesa no final das contas, mas tomar a decisão de vol-

tar é uma faca de dois gumes, pois eu sei que posso perder bastante se eu me afastar e for “esquecido”, se eu não estiver mais ativo nos eventos presenciais. Tudo isso pesa muito na minha mente, é como se fosse uma linha tênue que está presente na minha vida junto à minha esposa. Mas a ideia ainda segue sendo tentar fazer o pé de meia e sair de SP.

Antes de vir de João Pessoa para cá, juntei uma grana e falei – pô, se der merda eu tenho essa grana aqui de emergência, então eu vendo tudo e volto. Felizmente, desde que cheguei aqui, esse valor financeiro nunca foi utilizado, pelo contrário, ele aumentou.

Durante esse tempo eu adaptei um pouco mais minha rotina, em SP eu não tenho a distração de amigos chamando para sair, não tenho compromissos com familiares ou qualquer coisa em família nos finais de semana. Com isso tudo, eu separei um dia com minha esposa, que é o sábado, além de uma parte do domingo que usamos pra sair, ou ver um filme pra, de fato, espairecer um pouco.

Mas sinto que não consigo dar tanta atenção para ela como eu deveria, sinto que eu peço nessa parte matrimonial entre nós. Em SP é basicamente eu e ela, ela e eu. E por isso precisamos estar mais unidos. Mas, abertamente, eu posso dizer que é a parte em que eu mais erro.

Porém ao mesmo tempo, eu ainda me cobro muito para poder sempre entregar o melhor, eu vim pra cá a fim de fazer exatamente isso: trabalhar. E mesmo tendo feito o que eu já fiz e ainda continuar fazendo um vídeo diário durante esses quatro ou cinco anos de publicações (com exceção do sábado) – com tudo isso acontecendo, talvez seja essa a minha maior falha como pessoa: não saber dividir o tempo entre família e trabalho.

Obs.: Eu cito aqui apenas o YouTube em todo o trajeto, mas também tem o Instagram e o Twitter que são, obviamente, alimentados diariamente.

Com isso tudo, minha rotina em SP consiste basicamente em ficar conectado durante todo o dia no cenário, para saber o que rola - até porque algo que acontece às 15 horas da tarde de um dia precisa estar no meu vídeo às 7 da manhã do dia seguinte. Com isso, eu separo principalmente a noite para modelar e organizar todo o conteúdo. Duas pessoas assistem lives e me enviam durante a noite

e madrugada – é o principal período em que coloco a mão na massa, eu finalizo por volta das 4:30 da manhã entregando:

1. Os arquivos de vídeo;
2. Áudio narrado;
3. A capa do vídeo;
4. Título do vídeo.

Assim, o editor consegue finalizar a edição e faz o upload no YouTube, inserindo todas as informações que passei para que o vídeo seja publicado às 7 da manhã. Eu durmo, geralmente, às 6 da manhã, pois ainda vou conferir e-mail, ver se tem alguma mensagem no pendente no WhatsApp, etc. Esse processo acontece diariamente já há uns três anos, aproximadamente. Eu acordo então às 13 ou 14 horas e a rotina se repete, até chegar o sábado. Pago academia, mas não consigo ir com frequência. Por não dormir durante a noite, acredito que isso chegue a refletir um pouco na minha saúde futuramente.

Outro ponto para falar com relação à saúde é o sol: passei a tomar cápsulas de vitamina D como meio de amenizar a falta de raios do sol. Afinal, ‘onde já se viu’ ir pra rua tomar sol? Eu morava onde o sol nascia primeiro, vou tomar em SP? Vou nada! E mesmo que quisesse, o horário que acordo é bem tarde. Com o tempo, eu passei a tomar umas quatro cápsulas de vitaminas diferentes, já que passo boa parte do tempo sentado.

Por terem uma rotina um pouco puxada e extensa, com a primeira crise do jogo Free Fire, todos os “concorrentes” (eu cito concorrentes, mas todos viramos amigos) não conseguiram continuar rendendo, hoje temos poucos nomes que fazem conteúdo semelhante ao meu. Felizmente, por todo esse esforço feito lá no passado, eu sigo sendo o único canal com frequência nas publicações (um vídeo diário), os outros não conseguem repetir o feito que era executado anos atrás.

Talvez, você possa estar se perguntando: “Mas aí? Como se consegue manter esse ritmo durante todo esse tempo?”. Bem... eu não sou um robô, eu já tive muitos momentos de não querer fazer nada na noite e então passava o tempo no TikTok rolando vários vídeos pra distração. Hoje eu já consegui melhorar um pouco. A chegada do TikTok atrapalhou diversos criadores de conteúdos, mas abriu também a porta para outros. O TikTok ultrapassou as horas assistidas do YouTube.

Mas, voltando... o que eu aprendi com isso tudo: o processo repetitivo é mais um dos pilares para quem cria conteúdo para internet. De tanto repetir, uma hora você vai acertar até chegar à excelência. (Talvez possamos usar este exemplo até para outras atividades da vida). Basicamente, se você prestar atenção, vai perceber que eu consegui tudo isso não foi só por ter a inteligência de fazer algo assim ou assado pra dar certo. Além disso, eu também me esforcei, o trabalho braçal também existiu.

Outro detalhe é que, com a minha chegada em SP, eu passei também a fazer mais publicidade, marcas passaram a me contratar, e passei até participar de eventos gamers que são pagos (mesmo quando não são pagos eu aceito, pois é minha visibilidade e meu nome, minha empresa que estão em jogo).



Palestra sobre a forma como os *influencers* e a cultura gamer moldam o mercado (Big Festival, São Paulo)

Fonte: arquivo The Radioativo.

Em se tratando de empresa, uma outra dificuldade que eu também tive foi no fator CNPJ, contabilidade e assuntos relacionados. Eu tive que aprender a lidar com isso e com todas as nomenclaturas de que eu nunca tinha ouvido falar – essa foi mais uma das dificuldades que o The Radioativo passou para se adaptar, no que se refere a dinheiro e aos assuntos da empresa The Radioativo.

Mais um detalhe: eu registrei meu nome no Inpi (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) e agora meu nome tem propriedade intelectual e, no cenário gamer, ninguém pode usá-lo sem minha autorização.

Por fim, trago aqui mais um detalhe sobre SP: com diversos campeonatos acontecendo, eu passei a ser chamado como convidado, então comecei também a perder o medo de aparecer nas câmeras, algo que (sabe-se lá por qual motivo), antes, me deixava um pouco trêmulo. No começo de tudo eu não conseguia me expressar bem, mas foi questão de tempo: eu comecei a me soltar e hoje eu consigo me expressar melhor. Isso foi, de fato, algo que eu consegui desenvolver por estar aqui, na grande SP.

Durante os últimos dois anos e meio, o início de 2023 ficou marcado como um período em que o Free Fire sofreu uma queda terrível de audiência. Então que tive a ideia de criar novos canais de nichos semelhantes no YouTube. Eu criei um de Valorant e outro de League of Legends, seguindo a mesma lógica do The Radioativo principal, que falava de Free Fire. Felizmente, essa crise do Free Fire passou, o jogo voltou à estabilidade e os dois canais criados estão fazendo sucesso tanto quanto o primeiro. Agora são três canais e esses dois recém criados (de Valorant e League of Legends) são administrados por uma pessoa que eu treinei e que recebe pelo trabalho uma boa porcentagem em cima dos lucros. Assim, eu aprendi a gerenciar o tempo e a delegar funções - algo que eu tinha bastante dificuldade no começo da carreira, como já falei anteriormente.

Em 2023, eu estava um pouco triste e desanimado com essa crise no Free Fire, mas algo mudou completamente o rumo e também o meu foco para continuar produzindo. Um evento internacional tinha acabado de me convidar para ir a Los Angeles participar da cerimônia sobre criadores de conteúdo. Foi algo que, de fato, eu não

acreditei. Recebi o e-mail, meu nome estava no site, eu estava concorrendo à categoria “Melhor criador *mobile* do mundo” pela Mobies (empresa que gerencia o Oscar dos esportes, o *Esports Awards*).

Então eu segui determinado para o próximo passo: viajar para os Estados Unidos! Tive menos de três meses para correr atrás do visto americano, fiz algumas loucuras, correrias, mas, no fim consegui tirar o visto e deu tudo certo. Viajei então pela primeira vez para os Estados Unidos e participei até da transmissão. Infelizmente, eu não ganhei, mas foi algo que me motivou a continuar produzindo para poder voltar ano que vem e vencer.



Em Los Angeles, concorrendo à premiação de melhor criador de conteúdo *mobile* do mundo

Fonte: arquivo The Radioativo.

Mas eu voltei frustrado, pois eu precisava saber inglês, eu não consegui me comunicar quase nada por lá e sei que perdi algumas

oportunidades de *network*. Então tracei como objetivo aprender inglês e criar mais conteúdo para concorrer novamente e buscar vencer essa premiação internacional. (Até o momento, essa vem sendo, de fato, a minha pedra no sapato – não falar inglês).

Em meio a tudo isso, surgiu para mim mais um objetivo: realizar a cobertura de um mundial de Free Fire em outro país, mas, novamente, o fato de não ter domínio do inglês pesa. Eu sigo estudando já há alguns meses, ainda não é suficiente, mas eu sigo firme, este é o meu principal objetivo nos dias atuais.

Aliás, durante toda a minha trajetória, acredito que eu sempre segui em frente, mesmo diante de todas as pedras no caminho. Parece bem clichê ouvir isso, mas é algo que funcionou para mim em todos os aspectos. O que eu posso dizer é que eu busquei olhar pra frente e continuar o percurso que precisava ser trilhado. Aprender a ser racional foi algo que me ajudou bastante também na tomada de decisão – um aprendizado que, com toda certeza, não foi criado do dia para a noite. Mas o Pedro lá de trás, que se tornou o The Radioativo dos dias de hoje, mudou bastante seguindo todas essas etapas. Ainda falta algo mais no emocional, mas ele segue mais maduro e mais preparado no intrapessoal.

Eu espero que algum trecho desta história não espante ou assuste os leitores que, no fundo, queiram ou tenham um sonho de crescer na Internet; eu só utilizei de meios mais drásticos para alcançar os resultados. Porém, pode ser que seja mais fácil para você, é subjetivo, o nicho do conteúdo é que vai definir tudo isso. Mas comece o quanto antes, o feito sempre vai ser melhor que o perfeito. Comece e depois se remodele, erre, aprenda, conserte e melhore. O processo sempre será contínuo. Parece clichê, mas foi exatamente o que fiz e deu certo.

No fim das contas, eu sou muito grato ao jogo Free Fire, ele mudou toda a minha vida: mudei de estado, conheci pessoas famosas, conheci um novo país... algo que o Pedro não imaginaria nem de longe que iria acontecer. O Pedro pensava muito no básico, no simples e suficiente. Não que isso tenha mudado com o The Radioativo, mas ele, talvez, tenha passado a pensar mais alto com todas as condições que lhe foram concedidas. Obrigado.

CAPÍTULO 4. UM SONHO, UMA META E A ARTE DE NUNCA DESISTIR

Rodrigo Aloan Ferreira Dias, SUPREME¹



Fonte: arquivo do autor.

Prazer, meu nome é Rodrigo Aloan Ferreira Dias, mais conhecido como SUPREME FF. Eu nasci em Santos (SP), em 1998, e hoje eu sou *influencer* do Free Fire, trabalho com lives. Eu comecei a ter o interesse no jogo por conta dos meus primos, na época jogávamos juntos, mas nossa família não nos apoiava, pelo fato de o jogo envolver o uso de armas.

Comecei a gostar muito do jogo e a me aprofundar a cada dia mais no decorrer do ano de 2017, quando eu decidi escolher o meu

1. Influenciador da Garena Free Fire, criador de conteúdo, graduado em Ciência da Computação.

nome no meio gamer como SUPREME, por conta da camisa² - quando eu consegui comprar a camisa, eu a perdi na escola e, desde então, todos me chamam de SUPREME, por conta do ocorrido.

Depois de um tempo, eu acabei tendo uma discussão em casa por conta do jogo: como eu disse antes, sou de família evangélica e meus familiares eram contra a minha atividade como jogador. Então fui embora para a casa da minha mãe, em Minas. Lá eu tive o acolhimento dela, sem julgamentos sobre o jogo nem sobre outras coisas. Lá eu consegui um emprego no mercadinho na rua de casa e falei para a minha mãe o que eu queria fazer: queria ser influenciador igual o EL Gato, então fui atrás do meu sonho.

Com o dinheiro que eu recebia no trabalho, consegui comprar meu primeiro computador e, em 2020, eu conheci a plataforma do TikTok. Ali eu vi que estava seguindo no caminho que eu queria! Eu estava crescendo a cada dia que passava! Até que um dia eu acabei perdendo o canal de 400 mil inscritos, por não saber direito das regras. Mas não desisti. Fui lá, montei outro e hoje, em 2024, estou com 337 mil inscritos.

2. SUPREME é uma marca de roupas, fundada por James Jebbia, em 1994, em Nova York. A marca atende as culturas de skateboard, hip hop, rock, e cultura jovem no geral.



Fonte: arquivo do autor.

Lembro como se fosse hoje: em 11 de agosto de 2023, eu consegui meu verificado no jogo. E com isso, família, eu posso dizer com toda a dedicação do mundo: se você tem um sonho, vai atrás! Hoje em dia moro com meus avós, estou em paz com eles, eles me apoiam muito no que eu faço.

Hoje eu posso olhar para o meu passado e dizer que valeu a pena a camisa perdida.

Tive uma infância bem conturbada pela separação dos meus pais, então, por isso resolvi morar com meus avós. Mas, fora isso, antes de conhecer o Free Fire, eu jogava bola. Joguei em vários times, tentei até seguir carreira no futebol, mas, por problemas no joelho, tive que largar alguns dos meus sonhos. Para meus avós, eu deveria estudar pra ser algo no futuro, um exemplo, daí eu segui minha vocação: meu primeiro curso técnico foi o “Técnico em Informática” e foi através dele que eu me apaixonei mais pelo computador e com tudo o que poderia fazer com ele.

Quando fui para Minas, eu trabalhei três meses em um mercado e recebia um salário mínimo de R\$1.430,00, mais o vale alimenta-

ção. Como eu morava com minha mãe, eu dava meu vale alimentação para ela comprar as coisas de casa e guardava mil reais todo mês para comprar um computador. O mês inteiro eu andava cerca de 5 quilômetros de bicicleta para ir almoçar em casa e não gastar com marmitas. Era a forma de economizar e conseguir comprar um computador. Aqueles três meses foram um ‘divisor de águas’ na minha vida, eu estava decidido a realizar meu sonho, mesmo sem apoio dos meus familiares, sabia que estava no caminho certo. Quando consegui comprar esse computador... é até engraçado eu falar isso hoje: eu quis comprar o mais cheio de luz que eu vi... sabe aquele que você pesquisa na net, que é o mais barato e bonito? Eu nem pensava em memória, placa de vídeo, etc., eu só queria ter uma ferramenta para começar meu sonho.



Fonte: arquivo do autor.

Enfim, comprei. E quando ele chegou, foi um momento de conquista que durou pouco porque eu vi que tinha comprado um PC que não aguentava o jogo da mesma forma que meu celular. Mas, mesmo assim, por um bom tempo eu me virei com o que tinha: fui gravando lives curtas, muitas vezes vendo o perfil dos jogadores, mas sempre mantendo a frequência com os vídeos e com as pequenas lives. Comprei fone, mouse, teclado... cada mês ia juntando, ia comprando as peças do meu sonho, até que decidi novamente voltar para o litoral de São Paulo, para a casa dos meus avós. Como a casa dos meus avós tinha uma edícula³ pedi a eles permissão para fazer dela um quarto onde eu pudesse usar meu computador. Durante um bom tempo eu dormi no chão (em um colchão) e minhas roupas ficavam em uma caixa - porém, o computador estava lá, meu cantinho estava lá.

Quando aconteceu a primeira chamada do FFCP⁴ eu perdi meu canal, que tinha quase 500 mil seguidores. Foi uma grande decepção. Lembro que todos me chamavam no Instagram, perguntando o que tinha acontecido, o que eu iria fazer... me cobravam as lives e tudo mais.

Tive que começar um canal do zero e, graças a Deus, continuei sendo abraçado pelas pessoas que acreditaram em mim, levo o nome de várias pessoas comigo, patrocinadores de live que eu conheci ao longo da minha trajetória. Alguns dos nomes que quero deixar aqui é o Vk e o Dry, que são algumas das pessoas que mais me ajudaram em live. Com a ajuda deles eu consegui montar meu quarto, comprar cadeira, peças e muito mais. Dry foi uma das pessoas que mais me apoiou no começo de tudo, antes de eu ter conseguido o difícil “verificado” da Garena. E o Vk foi um dos amigos que considero como irmão: ele foi quem mandou meus maiores presentes no TikTok, inclusive o famoso TikTok Universe, que é um dos mais valiosos presentes daquela rede social.

3. Casa pequena no fundo de um terreno.

4. *Free Fire Creators Program* – Programa de seleção de criadores de conteúdo de Free Fire.



Fonte: arquivo do autor.

Hoje sou formado em Ciência da Computação, paguei toda a minha faculdade com lives, sou completamente apaixonado pelo que eu faço e tenho total apoio da minha família. Conquistei um computador incrível, um pequeno escritório gamer, entre outras coisas. Para um garoto que jogava em um celular J2 core com a tela quebrada, hoje é possível dizer que o sonho virou realidade! Faço meus próprios horários, tenho uma rotina bem gostosa: acordo, faço alguns exercícios, faço live no período da manhã, tenho uma família dentro do TikTok (muito mais amigos virtuais que presenciais lá) e sou líder de uma guilda chamada Hype, focada em criadores de conteúdos, através da qual eu ajudo os integrantes com tudo o que eu posso, mostrando que todos podem chegar onde eu cheguei.

O que eu quero dizer sobre sonhos e metas é que, por mais que, às vezes, não tenhamos condições e apoio de familiares, devemos

nos dedicar porque, por mais que a sua mãe olhe nos seus olhos e diga que você deve lutar para se tornar um advogado, um médico... pode ser que seu coração não diga isso! Siga seu coração! Tire um tempinho para colocar o joelho no chão e dizer “Papai do Céu, o Senhor sabe dos meus sonhos e da minha vontade, me guie no caminho”. Faça isso que Ele vai te capacitar para ser uma pessoa incrível

Para quem está começando agora, um conselho básico: trate seus seguidores como se fossem sua própria família. Dê bom dia, pergunte como estão e, se estiverem bem, amém! Mas se estiverem mal, tente ao máximo fazer com que eles saiam da sua live rindo; que, por mais que tenham problemas, saiam da sua live bem.

Forme amizades: seu público precisa saber do que você precisa, o que está passando. Você, sendo você mesmo, abre as portas para que as pessoas possam te ajudar!

Mostre suas conquistas, mostre suas perdas, aprenda com elas!

E não mude jamais o seu jeito de ser – lembre-se sempre de que, se hoje você tem sucesso é porque pessoas lá atrás acreditaram em você.

Agradeço a todos os que acreditaram em mim e em meus sonhos, a estes eu dedico esta minha história.

CAPÍTULO 5. ENTRE AS POSSIBILIDADES VIRTUAIS E A VIDA REAL

Carlos Saul, SaulTV⁵



Fonte: arquivo do autor.

Olá, caro leitor. Me chamo Carlos Saul e tenho 24 anos de idade. Nasci em Goiânia, Goiás, cidade na qual permaneço até os dias de hoje. Atualmente trabalho no meio publicitário, como analista de marketing em uma incorporadora de minha cidade e, embora eu já esteja nesta área há cinco anos, meus caminhos anteriores em relação a este atual que percorro foram bem diferentes, acreditem. Da mesma forma como uma boa parte das crianças e adolescentes sonham em se tornar jogadores de futebol, eu também já tive tais sonhos, eu não fui diferente.

5. *Streamer/narrador de Free Fire, CEO Fostin, analista de marketing.*

Dos 15 aos 19 anos de idade, joguei por alguns clubes da minha cidade e sempre via aquela minha atuação como uma possibilidade de ingressar cada vez mais no meio futebolístico e me tornar um jogador profissional. Porém, nem sempre é como queremos e imaginamos. Isso até porque, nessa idade, ainda nem conseguimos ao certo discernir o que realmente queremos para a nossa vida.

A adolescência pra mim sempre foi e sempre será a fase mais experimental da vida. Um tempo onde a intensidade e a vontade estão sempre em vigor. Contudo, é uma época onde as responsabilidades da vida ainda estão começando a se formar. Logo, nem sempre é fácil conseguir discernir o que de fato se quer para a vida.

Nessa fase, eu, um adolescente de carteirinha (totalmente indeciso de tudo), percorri, além do futebol, vários outros caminhos possíveis, entre os quais o de atleta profissional de *skateboarding* (acreditem, eu andei por alguns anos de skate e conquistei vários campeonatos na minha cidade. Ao ponto de poder receber um “apoio” (patrocínio) de marcas ligadas ao universo do skate).

Aos 17 anos (agora eu acho difícil vocês acreditarem, hein!), eu deixei o skate de lado e iniciei minha jornada no meio acadêmico cursando Teologia na PUC-Goiás. Sim, Teologia. Mas... como assim? O que esse curso tem a ver com futebol, skate e sei lá mais o quê?

Eu também não sei. Mas sei que, desde o meu primeiro ano do ensino médio, eu me fascinei por assuntos religiosos, filosóficos e históricos. Sendo assim, após ter obtido uma boa nota no Enem, não pensei duas vezes em cursar alguma dessas áreas. Porém... como um adolescente de carteirinha (como dito anteriormente), sabe lá o que de fato eu queria para a minha vida... afinal, no terceiro semestre do curso eu saí da universidade com o intuito de cursar outra coisa. Obs.: e mesmo eu tendo adentrado no universo dos questionamentos filosóficos, teológicos, eu não sabia responder o que eu, de fato, queria para a minha vida (acho que aquele pouco tempo me fez ter mais perguntas do que respostas, hahaha).

Sendo assim, me surgiu a oportunidade de começar a fazer um estágio dentro da área de marketing e, dessa forma, quando iniciei o curso de publicidade e propaganda eu já estava realizando o estágio.

É, eu fiz o caminho inverso, comecei a estagiar sem antes ter tido uma aula sequer daquele curso.

Mas não me pergunte como isso se deu, foi uma bagunça só. Mas posso adiantar algo para vocês: nunca iniciem um estágio sem antes terem assistido ao menos uma aula da sua faculdade... é bom saber, pelo menos, o significado do nome do seu curso. E assim, eu segui cursando publicidade e estagiando na área.

Todavia, como um adolescente... (vocês já sabem o resto), comecei a me interessar pelo universo gamer. Sendo assim, se iniciou uma nova jornada na minha vida. Bem... como uma boa parte das pessoas ligadas ao mundo gamer, eu também fui alcançado por um jogo que, no final do ano de 2017, teve sua inauguração no Brasil: Free Fire, um jogo *Battle Royale* que foi além das expectativas para todo mundo. Tanto para os *players* quanto para os desenvolvedores. Seu diferencial acertou em cheio a necessidade da maioria dos *players* que sonhavam em conseguir jogar um jogo *Battle Royale* em dispositivos mais antigos e com baixo desenvolvimento para rodar gráficos, ter uma boa jogabilidade e evitar travamentos. Outro diferencial do jogo era o de criar a possibilidade de comunicação com *players* do Brasil inteiro, coisa que, na época, só era possível em jogos que exigiam dispositivos mais atualizados, com capacidade de “rodar” todo o processo do jogo sem falha.

Esses, com certeza, foram os grandes diferenciais do Free Fire, pois possibilitaram a todos a oportunidade de jogar, conversar com pessoas do país inteiro, gerar novas amizades... tudo isso através de um dispositivo que não precisava, necessariamente, ser atual na época.

Diante disso, de conexões virtuais nasceram inúmeras histórias reais.

Minha trajetória como *streamer/narrador* iniciou no final de 2019, quando fundei a *Hypeteam*, guilda e organização que, posteriormente, mudou para *Foxtin*. Essa fundação se deu através de mim, Carlos Saul, com a colaboração dos outros dois desenvolvedores do projeto, Renato Filho e Amaury Neto.

No início, o intuito era apenas unir as amizades dentro de uma guilda e aproveitar ao máximo o jogo recém-lançado. Contudo, com

o desenvolvimento do jogo e do seu cenário como um todo, proporções maiores foram se desenvolvendo dentro da nossa organização.

Sempre fui muito comunicativo, interessado pelas conversas, diálogos e tudo que girasse em torno da comunicação. Diante disso, abri um canal no Youtube (*Foxtin*) junto com os outros dois desenvolvedores da guilda. O intuito do canal era de gravar partidas dos *players* da nossa guilda de forma descontraída e divertida, com transmissão feita por mim.

Ainda bem no começo da organização, eu transmiti um *X Treino* através do nosso canal com o intuito de narrar o evento. O *X Treino* é uma forma de treinamento com várias guildas dentro de uma sala personalizada, com regras e normas para se jogar. Ou seja, é um formato restrito do qual fazem parte apenas as guildas selecionadas para o treinamento, com o objetivo de melhorarem sua jogabilidade, como um todo dentro do jogo.

A partir disso, algumas pessoas gostaram muito da forma como eu transmitia os treinamentos, especialmente da interação que eu tinha com o público, da narração das jogadas e da forma que eu conduzia toda a live. Dessa forma, investi a maior parte do meu tempo às transmissões de *X Treinos* e campeonatos.

Com poucos meses, eu já tinha uma quantidade grande de transmissões agendadas para o nosso canal todos os dias, - chegando a haver dias nos quais eu narrava/transmitia mais de 10 horas, com mais de 20 partidas, sem pausa.



Fonte: arquivo do autor.

Com essa intensidade de transmissões, mais e mais eventos chegavam para que eu narrasse. Nessa época, cheguei a indicar alguns narradores/*streamers* que também conseguiam atender com as transmissões e narrações assim como eu, visto que a quantidade de eventos estava além da minha possibilidade de atender.

Dessa forma, o canal foi crescendo e as transmissões que chegavam para eu cobrir (transmitir e narrar) já tinham um peso maior dentro do cenário do jogo. Ou seja, eram campeonatos promovidos por guildas já reconhecidas nacionalmente: guildas, organizações, empresas que já viviam do jogo, isto é, que mantinham toda uma estrutura para determinados profissionais que integravam seu quadro de jogadores. Estes, em algumas organizações, já viviam 100% do jogo, moravam em *game house*, tinham contratos com plataformas de *streaming* (Nimo TV, Twitch, Booyah, entre outras...) e viviam em prol das lives.

Devido a essas transmissões, meu nome como Saul TV e a organização *Foxtin*, foram crescendo rapidamente, ao ponto de narrarmos campeonatos grandes, com várias premiações em dinheiro, tendo mais de 50 mil espectadores simultaneamente no Youtube, chegando a ter mais de 500 mil visualizações ao todo.

Foi uma época muito intensa e marcante pra mim, conheci gente de todo o Brasil, narrei grandes campeonatos do cenário do Free Fire, tais como: Copa LBR e Goianão Esports, evento presencial no maior *shopping center* do estado de Goiás, transmitido ao vivo pela TV Anhanguera, com reportagem publicada na Globo Play.⁶



Narração do Free Fire Goianão de Esports (2021)

Fonte: arquivo do autor.

Daquelas conexões virtuais, vieram centenas de histórias reais, mas, como há tempo para tudo na vida, minha jornada como narrador/*streamer* finalizou-se em 13 de novembro de 2021, após as minhas últimas narrações na final do Goianão de Esports. Esse término de uma das fases mais intensas da minha vida se deu pelo fato de ter

6. Free Fire Goianão de eSports. Disponível em: <https://bit.ly/3WZB4ww>. Acesso em: 15 jun. 2024.

que escolher qual caminho eu deveria seguir. Até aquele momento, além das lives diárias, eu ainda trabalhava com marketing e conciliava todo o meu tempo de trabalho com o projeto pessoal e a organização.

Contudo, funções e responsabilidades maiores foram direcionadas a mim pelo meu trabalho e eu não tive para onde correr. Precisei decidir por qual dos caminhos eu continuaria seguindo. Foi uma época onde pensei muito sobre tudo... sobre o meu trabalho, as lives e narrações, projetos... e eu acredito que cheguei a uma resposta que levarei para toda a minha vida:

As fases da nossa vida não precisam ser lembradas como apenas caminhos possíveis que decidimos ao longo da nossa vida trilhar ou deixar de seguir. Cada fase deve ser lembrada como uma época vivida com o coração, com a vontade, com dedicação a algum ideal, ou simplesmente pode ser lembrada como uma oportunidade que tivemos de vivenciar dias incríveis. É assim que precisamos lembrar de cada época da nossa vida, cada uma delas sempre será vivida na medida e no tempo certo de se vivê-la.



Fonte: arquivo do autor.

Foram inúmeros desafios, muitas horas narradas, mas sempre lembrarei dessa época com imensa alegria e orgulho de toda história criada e marcada na vida de todos que fizeram parte dela.

Tudo certo até aqui? Ok então.

E a pergunta que não quer calar: o que eu estou fazendo atualmente?

Hoje, exatamente no dia 28 de maio de 2024, às 18:29, continuo atuando na área da publicidade, hoje como analista de marketing Sênior.

E como será o amanhã?

Provavelmente ainda estarei na mesma área (até porque tenho relatório para entregar... brincadeiras à parte).

Enfim, a vida é essa infinitude de possibilidades a serem vividas e, sendo assim, nada impede de nos encontrarmos por aí, em qualquer momento da vida... seja por livros, lives, ou qualquer outra coisa que não tenha ligação com nada dito anteriormente.

A infinitude de possibilidades estarão sempre aí, então...

Até logo, caro leitor.

CAPÍTULO 6. CHE REKO REHEGUA ¹

Gilmar Tupã Chamorro, Biel Tupã²



Fonte: arquivo do autor.

Primeiramente, quero saudar vocês em minha língua indígena guarani: *Javyri* (que significa bom dia, boa tarde ou boa noite) e dizer que sou indígena do povo Avá-guarani, uma das 305 etnias existentes em nosso Brasil. Tenho dois nomes, um em língua portuguesa que é Gilmar e a outro em guarani, que é Tupã, nome com o qual fui batizado pelo meu avô (que é um líder espiritual) e que significa o Deus dos Avá-guarani. Também sou conhecido como Biel Tupã, nome usado em várias redes sociais onde faço vídeos ensinando a língua e mostrando a realidade do meu povo.

1. *Che reko rehegua* significa “minha história”, na língua guarani.

2. Vice-líder da Los Tribos, *digital influencer* Avá-guarani, professor de Geografia e Língua Materna.

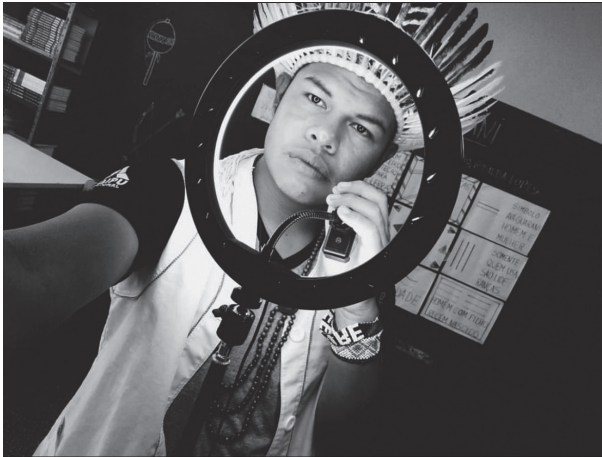
Minha aldeia se chama Tekoha Ocoy e fica no município de São Miguel do Iguaçu, localizado no oeste do estado do Paraná, onde moro atualmente. Nasci na cidade de São Miguel do Iguaçu, mas, logo que nasci, meus pais - ambos indígenas da mesma etnia - se mudaram para outra aldeia próxima na cidade chamada Diamante D' oeste, a aldeia Tekoha Anhetete.

Passei minha infância toda brincando, falando em minha língua materna e praticando a minha cultura na aldeia Tekoha Anhetete. Não lembro muito da minha infância, mas o pouco que lembro sempre foi brincando com outras crianças, subindo em árvores, indo pescar com meus pais no rio, nadando perto do rio e indo buscar frutas que se encontravam na floresta da aldeia. Também lembro dos meus avós maternos, que são líderes espirituais, de como eu gostava das visitas que fazíamos à casa deles. Eles moravam em uma casinha feita de madeira e capim, onde não tinha energia elétrica e, por isso, era comum que nos reuníssemos em volta da fogueira logo que começava a escurecer para escutarmos histórias contadas por eles, o que me fazia ir dormir com medo, pois escutava histórias que me causavam muito medo, embora também tivesse relatos que me deixavam curioso sobre o mundo. Eu também gostava muito da casa dos meus avós porque havia muitos pés de manga, pêssego, guaviroba, mamão, laranja e poká.

Além disso, meu avô tinha o seu *kokue* (roça), que era muito grande, mas não era uma roça como conhecemos hoje em dia e sim uma roça que respeitava a natureza, onde tinha de tudo um pouco. Eu brincava muito e sempre me machucava, minha avó tratava meus machucados com ervas medicinais que eram trazidas da floresta e até mesmo do quintal da casa. Lembro que a aldeia era grande, as casas das pessoas ficavam longe e para visitarmos parentes ou amigos tínhamos que sair bem cedo para ir a pé. Eu me divertia bastante pois via vários animais pela estrada, parávamos para pegar laranja e quando eu cansava de andar o meu pai me levava no ombro dele.

Logo que comecei a estudar, eu fiquei encantado em aprender, eu não gostava de faltar à escola nem um dia. Minha primeira escola era muito pequena e não tinha sala, lembro que para separar a nossa turma, era colocado um pano grande no meio para dividir as turmas,

eu gostava muito das comidas que eram servidas. Eu morava perto da escola, mas a maioria dos meus colegas moravam longe e vinham a pé para estudar. Minha mãe me falava que, mesmo quando eu não sabia ler, eu gostava de ficar brincando de escolinha com livros didáticos que eu ganhava - eu não sabia ler ainda, mas eu olhava as figuras e imaginava que estava entendendo tudo. Eu continuei sendo aquele menino curioso quando me tornei um adolescente, mesmo crescendo eu mantive aquela energia de querer sempre aprender mais.



Fonte: arquivo do autor.

Depois que cresci foi construída uma nova escola bem maior e com uma estrutura muito bonita – essa escola funciona até hoje na aldeia, mas com novas salas e também quadra. Quanto à antiga, ela ainda existe, mas foi reformada e é usada para atender as crianças no combate à desnutrição.

Com o passar do tempo, meu pai conseguiu um emprego como motorista de saúde indígena em uma outra aldeia, que ficava na mesma cidade, na verdade as duas aldeias ficavam uma ao lado da outra e o que diferenciava as duas era apenas o nome: esta onde meu pai foi trabalhar como motorista era a aldeia Tekoha Itamará. Quando eu e minha família nos mudamos para Itamará, conheci novas pessoas e estudei por um ano na escolinha que funcionava lá. No final da aula, eu

gostava de jogar bola e de ir ao rio nadar, eram horas e horas brincando no rio, um ponto de encontro com colegas, logo que a aula acabava.

Nessa aldeia também eu comecei a frequentar mais ainda a casa de reza, que é como se fosse uma igreja onde as crianças, adultos e líderes espirituais se reúnem todas as noites para cantar, rezar, ouvir conselhos dos mais velhos. Eu participava do coral e fazíamos apresentações em um evento que acontece todos os anos na nossa aldeia e também em outras aldeias. Hoje em dia não frequento muito a casa de reza como antigamente, mas, mesmo assim, sempre que eu posso, busco participar de danças, cantos e rezas. A casa de reza foi minha primeira escola, pois é lá que aprendemos muitas coisas.

Estudei na aldeia de Itamará por um ano e lembro que, assim que terminei o quinto ano, voltei a estudar na minha antiga aldeia, mas morando ainda na Itamará, ficando lá até terminar o nono ano. Nesse período, lembro que eu me destacava por me dedicar muito aos estudos. Eu sempre perguntava para os professores sobre o que os alunos fazem depois que terminam os estudos, pois eu não sabia como isso funcionava e tinha curiosidade em saber. Os professores me falavam que eu tinha que fazer aquilo que eu mais gostasse, alguma coisa com a qual me identificasse.

Já naquele tempo, eu gostava muito das aulas e fingia ser professor quando brincava com minhas irmãs. Eu tenho duas irmãs mais novas e quatro irmãos mais velhos, mas eu brincava mais com minhas irmãs pois éramos mais novos. Quando eu descobri que, ao terminar os estudos, eu poderia ser quem eu quisesse ser, não restaram dúvidas de que eu queria ser um educador. Logo que concluí o 9º ano, não tive escolha, tive que ir estudar na cidade, pois na aldeia não era ofertado o ensino médio. Foi muito difícil, pois éramos acostumados a estudar na aldeia desde pequenos, os professores eram não indígenas, mas também havia professores indígenas e a maioria eram falantes de guarani.

Quando comecei a estudar na cidade, eu falava pouco, só me comunicava na minha língua, caso o meu colega fosse um indígena - mas a maioria dos alunos não era. No primeiro dia de aula, eu e minha colega indígena chegamos atrasados e fiquei com muita vergonha, pois todos olharam pra nós quando entramos na sala, me olharam dos pés à cabeça, como se eu fosse uma pessoa de um outro mundo.



Fonte: arquivo do autor.

Nas aulas, eu era muito quieto, só abria a boca se o professor me perguntasse algo. Quando entramos na cidade, éramos mais de vinte, mas o número foi diminuindo, pois os meus colegas indígenas não se acostumaram, por terem dificuldade de se comunicar na língua portuguesa, ou por sentirem vergonha e até mesmo por não terem boa condição financeira. Na cidade, tudo tinha que ser comprado, desde uniformes, materiais escolares, materiais para fazer trabalho, até mesmo comida, pois, como na escola havia muitos alunos, quando acabava a merenda não comíamos e, algumas vezes, sentíamos vontade de comer algum doce ou salgado que era vendido na escola. Além disso, o que dificultava também era o deslocamento da aldeia até a escola: lembro que, na aldeia onde eu morava, havia muitos morros e, para chegar até ela, tínhamos que passar por uma ponte e o rio que cortava esse trajeto transbordava sempre que chovia, fazendo tudo ficar alagado. Assim, se chovesse, eu já sabia que teria que descer do

ônibus longe da aldeia, na chuva, e caminhar a pé até chegar em casa - nesses dias eu chegava muito tarde e todo molhado.

Diante dessa situação, como eu gostava muito de estudar e tinha um sonho de completar os estudos, decidi sair da casa dos meus pais para ir morar na minha antiga aldeia Anhetete, onde morava a minha tia. Fui morar com ela, pois lá não havia o problema com transporte quando chovia. Nesse tempo em que eu cursava o ensino médio, os meus pais se separaram, mas, como eu já não era uma criança mais, isso não me abalou tanto. Ainda assim, de vez em quando eu ficava muito triste, pois eu pensava muito na minha mãe, em meu irmão e minhas irmãs, que eram muitos novos. Meu pai foi morar em outra aldeia, numa outra cidade. Minha mãe, além de ser minha mãe, também era meu pai agora: ela batalhou muito para comprar meus materiais escolares e conseguir me manter estudando, pois ela sabia que eu conseguiria um dia. Assim, com a ajuda da minha mãe, consegui concluir o ensino médio na cidade.. Entre os mais de vinte indígenas que iniciaram o curso, no final, acabei sendo o primeiro indígena a se formar na cidade, juntamente com meus colegas *Juruas* (não indígenas). E pude participar da festa de formatura porque minha mãe pagava a mensalidade com a ajuda do dinheiro do Bolsa Família, que era de 500 reais, dinheiro que era usado para manter nossa família. Mas eu também, na época, ajudei a pagar, vendendo rifas e salgados na escola. Apesar de tantas dificuldades, fiz amigos não indígenas e tive professores incríveis que, de alguma forma, foram fundamentais para a minha trajetória de vida.

Assim que eu terminei o ensino médio, continuei morando com minha tia por um tempo, mas depois mudei da casa da minha tia para a casa do meu irmão mais velho, que era casado e morava na mesma aldeia. Não voltei a morar com minha mãe porque ela casou novamente e se mudou para a aldeia onde eu nasci, em São Miguel do Iguaçú. Quando fui morar com meu irmão, comecei a procurar um emprego e, ao mesmo tempo, comecei a me preparar para fazer vestibular e Enem, com o objetivo de conseguir entrar em uma universidade. Enquanto eu não conseguia, comecei a trabalhar em um frigorífico de aves, empresa que ficava em uma outra cidade. Mas meu foco sempre foi continuar os meus estudos.



Fonte: arquivo do autor.

Certo dia, quando eu estava indo fazer mais um vestibular, recebi um e-mail informando que eu tinha sido aprovado na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), que fica em Foz do Iguaçu. No primeiro momento, fiquei muito feliz, pois era uma porta se abrindo para eu conseguir realizar os meus sonhos. Mas, tinha um porém: a universidade ficava muito longe da minha cidade e tive que largar a empresa onde eu estava trabalhando há cinco meses. Larguei tudo e voltei para a minha primeira aldeia, Ocoy, que ficava na cidade onde nasci, São Miguel do Iguaçu. Fui aprovado no curso de licenciatura em Geografia (na verdade, o meu sonho era de cursar Pedagogia,

mas como a Geografia era minha segunda opção, aceitei. Afinal, eu estava na área da Educação). Em minha família, fui um dos primeiros a conseguir cursar o ensino superior.

Assim me despedi dos meus amigos, dos tios e da comunidade e, em 2019, comecei a morar na aldeia Ocoy e iniciei a minha vida acadêmica. A distância entre a aldeia e a minha universidade era de uma hora e meia de deslocamento, para ir e voltar para casa. Não fui morar em Foz, pois na aldeia Ocoy já morava a minha mãe e meus parentes; assim, optei por ficar na aldeia. Logo que entrei na universidade, as lideranças e professores da aldeia me chamaram para eu trabalhar em um projeto chamado “Mais Educação”, onde iniciei como professor de Matemática Básica e Língua Portuguesa. Mas era só um projeto e, assim que terminou, comecei a atuar como professor fixo e comecei a lecionar língua materna (guarani). Dessa forma, eu estudava na universidade em Foz do Iguaçu e dava aula.



Fonte: arquivo do autor.

Depois de um tempo, aumentei a minha carga horária na faculdade e consegui autorização para começar a lecionar a disciplina que está na minha área de formação, que é a Geografia. O colégio onde trabalho fica na aldeia mesmo, onde procuramos valorizar e fortalecer a cultura guarani através do ensino, pensando sempre a partir da realidade do estudante e sempre levando em consideração a cultura guarani.

A aldeia onde moro atualmente se chama Tekoha Ocoy, que tem uma população de, aproximadamente, 900 pessoas. A área tem um total de 250 hectares, mas apenas 15% desse total é utilizado, pois a área é ocupada pelo lago da Itaipu e, além disso, há algumas partes de reserva e casas. O meu povo pertence à etnia Avá-guarani e nossa língua materna é o guarani. A língua materna está muito presente em nosso dia a dia, sendo a língua portuguesa apenas a segunda língua, que é falada pela necessidade de comunicação com não indígenas, necessidade esta que levou ao ensino de Língua Portuguesa nas escolas.

Em 2020, quando começou a invasão da pandemia de Covid-19, com o surgimento de vários casos da doença em nosso *tekoha* (aldeia), todos os trabalhos do colégio foram interrompidos e começamos a ficar em casa nos prevenindo. A maioria da minha família e dos meus amigos tiveram essa doença e até eu mesmo tive o resultado positivo para Covid. Mas, graças ao *Nänderu* (Deus), os indígenas faziam remédios tradicionais para os enfermos e, assim, melhorávamos da doença. Nesse tempo de pandemia, como tudo parou, comecei a ficar mais tempo na internet e acabei criando um perfil numa plataforma de vídeo onde comecei a viralizar fazendo vídeos que mostravam o meu dia a dia como indígena e fazendo dancinhas que estavam na *trend*. Lembro que, naquele período em que viralizei com meus vídeos, eu era um dos poucos indígenas que tinha conta nas plataformas e por conta disso é que a viralização foi rápida. Atualmente, já existem vários indígenas *influencers* que estão também viralizando nas redes sociais.

Também naquele tempo de pandemia, comecei a jogar o jogo on-line chamado Free Fire – na verdade, eu já conhecia, mas não jogava com frequência, pois eu estava estudando e trabalhando. Mas depois que parei tudo, voltei a jogar de forma mais frequente, como uma forma de diversão e também para passar o tempo durante a quarentena. E foi nesse período que fui convidado por um amigo, o Leo-

nardo Gonzales, para participar de uma guilda chamada Los Tribos. Aceitei, comecei a treinar e me tornei membro da line, começando a participar de campeonatos não indígenas e também campeonatos organizados pelos indígenas (lembro que naquele ano muitas guildas indígenas começaram a surgir).



Fonte: arquivo do autor.

Depois de um tempo, os antigos membros saíram da guilda e ficaram apenas dez integrantes, que estão juntos até hoje. Atualmente, somos uma guilda bastante vista pela nossa aldeia e por outras aldeias como referência de line indígena, por conseguirmos uma visibilidade muito ampla, por sermos uma guilda diferenciada, pelo fato de levarmos a luta indígena para o campo do game. Aproveitamos a grande visibilidade que o Free Fire trouxe para falarmos sobre a luta pelos direitos dos indígenas e também para quebrar os preconceitos que ainda persistem no mundo atual e desconstruir a visão estereotipada

de que os indígenas são um povo inferior, não evoluído e que por isso não deve estar presente no mundo da tecnologia. Por isso colocamos esse nome na guilda, Los Tribos: porque o termo “tribo” é muito pejorativo, significa um povo selvagem, que não evoluiu. Portanto, o nome da guilda é um tipo de ironia com relação a esse termo. E o fato de nós, indígenas, estarmos presentes no mundo digital e de compartilharmos costumes do mundo atual, não significa que deixamos a nossa cultura para trás e um exemplo disso é a guilda Los Tribos.

Atualmente, nós, da Los Tribos, temos a nossa própria organização de campeonatos de Free Fire, que também está ganhando visibilidade a cada edição que acontece. Sempre realizamos esse campeonato anualmente e dele participam guildas indígenas de diferentes etnias e aldeias, não só da nossa região, mas até mesmo de outras regiões do Brasil. Mas, nesta área de atuação, estamos apenas começando, ganhando visibilidade na organização, ficando conhecidos aos poucos; é o campeonato mais aguardado pelas guildas indígenas, mas, para que ele aconteça, é necessário contar com a ajuda de parcerias.



Fonte: arquivo do autor.

A Los Tribos é também um grande exemplo para os jovens brasileiros indígenas e não indígenas, porque a maioria dos seus membros são jovens acadêmicos e professores que mostram que a tecnologia deve ser utilizada de forma consciente, é preciso usufruir tudo de bom que ela traz, sem passar dos limites. Através do Free Fire, queremos continuar a levar nossa luta pelos direitos indígenas e ganhar cada vez mais visibilidade e espaço no mundo do game e em outros espaços do mundo digital.

Ha'evete!³

3. Muito obrigado, na língua Avá-guarani.

CAPÍTULO 7. A GUILDA INDÍGENA LOS TRIBOS

*Ana Idalina C. Nunes
Gilmar Tupã Chamorro*



Fonte: arquivo da Los Tribos.

Criada no final de agosto do ano de 2020, período da pandemia mundial de Covid-19, a guilda Los Tribos reúne indígenas da etnia Avá-Guarani da aldeia Tekoha Ocoy, que localizada no município de São Miguel do Iguaçu no oeste do estado do Paraná. Em entrevista concedida no ano de 2021 ao canal Ciberultura.Game¹ Biel Tupã explica que no início a guilda era composta apenas por quatro membros, mas, com o passar do tempo, ela foi ampliando o seu quatro de jogadores, chegando ao final de 2021 com dez membros, todos da mesma aldeia – aliás, este é o critério fundamental para a aceitação de novos integrantes: só são aceitos jogadores e jogadoras da etnia Avá-guarani, moradores da mesma aldeia e a razão dessa exigência é o fato de tornar possível uma maior integração entre todos.

1. Guilda indígena Los Tribos - Série guildas do *Free Fire*. Canal Ciberultura.Game, 30 out. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/4cm5E7U>. Acesso em: 12 jun. 2024.

Segundo Biel Tupã, o objetivo principal da guilda é quebrar estereótipos e mudar a concepção que as pessoas têm do indígena, mostrando que as tecnologias estão presentes nas aldeias e que, tanto quando nos grandes centros urbanos, os jovens indígenas utilizam redes sociais como TikTok, Instagram e, por que não... também marcam presença no universo do game Free Fire. A Los Tribos defende a importância da humildade dentro do jogo e, segundo Biel Tupã, é necessário aprender a jogar com respeito, sem desvalorizar os oponentes: a humildade é fundamental para que o jogo seja um espaço de alegria.

Los Tribos é muito mais que um grupo de jovens indígenas que se reúnem para jogar juntos: ela é um espaço de valorização dos povos originários e, sobretudo, de organização política e social que busca suscitar debates acerca de importantes questões relacionadas ao campo indígena brasileiro.

Entre os integrantes da guilda, trazemos aqui relatos autobiográficos de três dos seus nomes mais representativos: Elma Martines, Leonardo Gonzales e Osmar Ramos, o líder da Los tribos.

Elma Julia Tataendy Martines



Fonte: arquivo da autora.

Meu nome é Elma Julia Tataendy Martines, tenho 22 anos, sou da etnia Avá-guarani. Tive uma infância igual das outras crianças e, sobretudo, tinha que ir à escola todos os dias. Como era uma comunidade que não tinha, às vezes, transporte para os alunos, tínhamos que caminhar até a escola, mas, mesmo tendo muitas dificuldades, não desisti dos estudos.

Muitas das dificuldades não eram só nas questões de transporte, mas também na compreensão das línguas, tudo era muito diferente. Nos anos infantis, do fundamental até o ensino médio, tive professores não indígenas e, com muito esforço, consegui finalizar meus estudos. Uma das maiores dificuldades sempre será a compreensão de línguas maternas e não indígenas e, nessas fronteiras de diferença, muitos dos meus colegas desistiram de ir à escola.

As vidas são diferentes umas das outras e eu fui uma das alunas que tinha uma família em que os pais nos deixavam para estudar e trabalhar, para termos alguma coisa na vida. Minha mãe é professora e meu pai é também professor, vim de uma família de professores que estão sempre tentando ajudar a comunidade e, com isso, me veio a influência de ter o mesmo caminho.

Estou continuando com os estudos no meu curso de licenciatura em Geografia, estou na expectativa muito grande de terminar para ajudar minha comunidade, não só pensando em mim, mas, com a dificuldade que passei na infância, penso que um professor indígena dando aula pode ensinar de uma forma mais compreensível para os alunos indígenas.

Comecei a jogar Free Fire como um meio de achar distração e, com isso, iniciamos uma equipe com quatro integrantes que, com o tempo, foi aumentando e passamos a levar essa experiência a sério: nos juntamos nos finais de semana para conversarmos sobre o jogo como meio de sermos reconhecidos.

A mensagem que eu deixo é que os jovens possam refletir sobre a vida para não irem por um mal caminho, que não parem de estudar.

Leonardo Tupá Rerojoguera Gonzales



Fonte: arquivo do autor.

Meu nome é Leonardo Tupá Rerojoguera Gonzales e meu nome indígena é Tupá. Tenho 23 anos, nasci no município de São Miguel do Iguaçu (PR), e moro na aldeia indígena Tekoha Ocoy. Tenho seis irmãos. Na minha infância, morei junto com minha tia e gostava muito de brincar de taco,² de futebol, de esconde-esconde

2. Tipo de jogo que envolve duas pessoas e que envolve o uso de dois tacos, uma bolinha pequena e duas casinhas (que podem ser latas vazias). Desenha-se um círculo no fundo de cada lado da quadra, onde ficam as duas casinhas – uma de cada lado. O time de ataque tem que derrubar as casinhas que ficam no fundo da quadra para conquistarem o direito aos tacos. O time de defesa, com os tacos em mãos, tem que evitar que isso aconteça, rebatendo a bolinha. Os pontos são marcados quando a defesa cruza os tacos no meio da quadra e os jogadores trocam de lado. O jogo termina quando uma das duplas atingir o número de pontos combinado pelos jogadores. Esse número varia de acordo com a vontade do grupo (informação enviada por Gilmar Tupá Chamorro).

e de bolitas (bolinhas de gude), junto com os meus amigos e sobrinhos – gostávamos muito de marcar um dia de pescaria e de tomar banho no lago. Naquele tempo, a infância não tinha muito o uso de tecnologia, somente alguns dos meus colegas tinham celular.

O avanço de uso do celular afetou muito o meu sobrinho, que acabou deixando as brincadeiras tradicionais em 2018, quando ele descobriu um jogo on-line chamado Free Fire.

Dois anos depois, eu comecei a ter um celular em mão e foi compartilhado comigo esse jogo para eu baixar e experimentar o Free Fire. E fomos compartilhando o jogo com os colegas também e foi assim que começou a surgir uma ideia de criar um grupo de amigos para todo final de semana jogarmos em um único lugar. Pra mim foi muito legal e divertido, pois era uma forma de diversão, de ir fazendo novas amizades de outros lugares – tanto irmãos indígenas como não indígenas.

Com o passar do tempo, foi sendo criada uma equipe do jogo na aldeia: o grupo Los Tribos e, com o passar do tempo, fui convidado a fazer parte dessa equipe e foi assim que me tornei um membro da Los Tribos.

Amigos e colegas, a importância desse jogo pra mim é que ele, realmente, me trouxe muitas coisas boas e bastante amizade. Sempre fui muito brincalhão e humilde com todos os jogadores desse jogo on-line. Mantemos esse grupo Los Tribos sempre na humildade, respeitamos todos, mas, atualmente, alguns não jogam mais por diversão e sim buscando ser um jogador melhor que os outros e isso é muito triste pois, às vezes, vemos as pessoas xingando em palavrões outro colega por não saber jogar direito.

Eu frequentei a escola indígena Teko Nêmoingo e concluí o meu estudo de ensino médio na mesma escola. Atualmente, sou professor e, ao mesmo tempo, sou acadêmico de Universidade Unioeste, de Foz do Iguaçu.

Assim, eu termino aqui essa parte da minha história.

Ha'evete, Aguyjevete (Muito obrigado).

Osmar Karai Miri Poty Ramos (Líder da Los Tribos)



Fonte: arquivo do autor.

Meu nome é Osmar Karai Miri Poty Ramos, tenho 24 anos e nasci na aldeia que se chama Tekoha Ocoy, que fica localizada no município de São Miguel do Iguçu, no Paraná. Minha infância foi normal, como a de outros indígenas da minha aldeia.

O Free Fire entrou na minha vida em 2019. Um dia veio um amigo em minha casa perguntar pra mim se eu jogava Free Fire e respondi que não. Eu não conhecia esse jogo. Então, ele me ensinou, instalou a plataforma de jogo pra mim e eu acabei entrando no ritmo do jogo e gostei muito. Jogo até hoje.

Eu tinha uma ideia de formar uma equipe de jogo no Free Fire para participarmos de campeonatos e daí nos reunimos para conversar sobre isso. E aí, por sermos uma equipe indígena, juntos criamos o nome Los Tribos. Eu fiquei sendo o líder e o meu amigo entrou como vice-líder.

Participamos de muitos campeonatos, até que um dia tivemos a ideia de também criar um campeonato no jogo e a partir daí várias equipes indígenas de outras aldeias entraram para participar do nosso campeonato, e as competições acontecem entre eles.

Hoje, eu trabalho como assistente administrativo na escola da aldeia, mas continuo sendo o líder da Los Tribos, estamos todos juntos representando a nossa aldeia e a nossa cultura no mundo do Free Fire.

CAPÍTULO 8. DE MENINO A MESTRE: A TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR GAMER E LÍDER DE GUILDA

Diego Lucas Nunes de Souza, Arkan¹



Fonte: arquivo do autor.

Minha infância foi marcada pela pobreza, passamos por muitas dificuldades financeiras e, algumas vezes, sequer tínhamos o que comer. Mas, mesmo na escassez, havia uma magia na simplicidade dos biscoitinhos de fubá e manteiga, dos bolinhos de chuva e outras invenções que minha mãe fazia com tanto amor. Ela é, para mim, o maior exemplo de vida a ser seguido, pois, mesmo enfrentando tantas adversidades, conseguiu transformar cada momento em algo mágico e especial.

1.. Doutorando em Ciências Sociais (UFJF), com pesquisa financiada pelo CNPq. Pesquisador do Laboratório de Antropologia Visual e Documentário (Lavidoc). Líder da guilda Supra.

Vivíamos em um bairro periférico marcado por tradições indígenas que emergiam nas histórias e nos costumes – até mesmo os nomes das ruas remetiam aos povos indígenas: rua Tupis, Aimorés, Guaranis e Goitacazes, eram as principais ruas de nosso bairro. Além disso, havia também no bairro uma forte influência afro-brasileira: quando as horas da noite avançavam, o som dos atabaques e o canto dos terreiros se expandiam com o vento por toda parte, de forma que dormíamos ao som de uma trilha sonora profunda e cheia de significado. Minha vó era muito católica e muito procurada por ser boa benzedeira, muitas vezes ela benzia crianças que estavam até mesmo em outro estado, a pedido de familiares que moravam na nossa cidade. Ela enchia um copo com água, pegava sete pedaços de brasa com o garfo (quando não tinha brasa, ela fazia isso com os palitos de fósforo em brasa) e recitava uma oração, enquanto fazia o movimento de cruz sobre o copo. Ainda lembro de como ela falava: “se fulano está com quebranto, mau olhado ou qualquer outro mal, com dois olhos puseram e com dois eu tiro, em nome das três pessoas da Santíssima Trindade”. Fazia isso sete vezes e a pessoa que estava se sentindo mal, pouco a pouco, melhorava.

Quando a noite caía, eu e as outras crianças do bairro íamos para a frente da casa da minha avó para ouvir histórias de um antigo morador da nossa rua. E quando faltava a energia elétrica no bairro, brincávamos de fazer sombras na parede da sala, através da luz de vela. Os brinquedos e brincadeiras criados por nós, meninos de pés descalços, consistiam em elemento que possibilitou a constituição de um imaginário extremamente rico que, talvez, nos tenha preparado para enfrentar as dificuldades da vida de uma forma criativa e mágica: os palitos de fósforo se tornavam braços e pernas dos bonecos feitos com batata, transformavam-se em patas dos boizinhos feitos com melão de São Caetano. Tudo isso trazia beleza e romantismo para as nossas vidas. Lembro que, certa vez, minha mãe ganhou um minúsculo gravador e me deixou brincar com ele: eu saía pelas ruas do bairro entrevistando os vizinhos junto com um colega que morava ao lado da minha casa.

Enfim, posso dizer que tudo o que eu vivi na infância foi muito importante na construção de quem eu sou hoje. Ainda criança, para conseguirmos botar comida na mesa todos os dias, minha mãe começou a fazer temperos para vender e assim, para ajudar nas despesas da casa, todas as tardes quando voltava da escola eu saía pelas ruas do bairro para fazer a venda dos saquinhos que ela enchia com uma mistura de alho, sal, cebola e cheiro verde. Ela botava tudo em um tabuleiro e eu vendia tudo. Eu tinha cerca de oito anos. Minha irmã, seis anos mais velha que eu, vendia no colégio onde estudava as camisetas pintadas à mão que minha mãe confeccionava (antes disso, quando eu era bem menor, ela vendia na escola roupinhas de boneca e lápis personalizados - pintados com guache e cobertos com glitter e esmalte incolor).



Fonte: arquivo do autor.

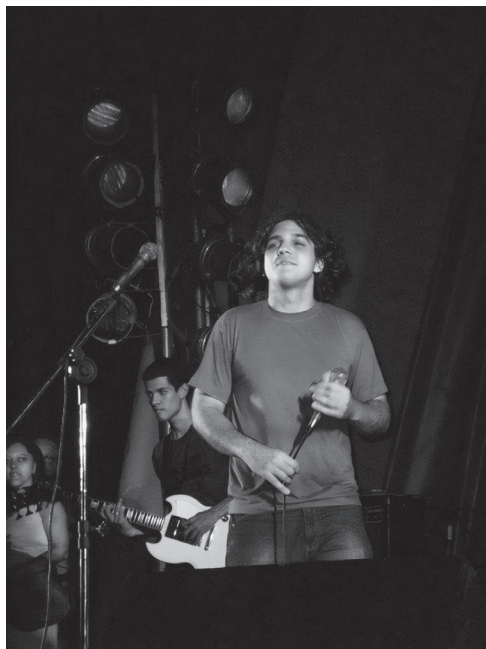
Nossa vida foi bem difícil, até que minha mãe conseguiu trabalho em uma fábrica de tecidos e aí as coisas começaram a melhorar. Tínhamos conta na padaria, lanchávamos fora semanalmente, tinha comida na mesa. Ela até começou a fazer faculdade e foi designada como professora da rede estadual logo no primeiro ano de curso.

Daí, enquanto ela virava noites preparando aulas, corrigindo provas ou trabalhando em um jornalzinho literário que ela enviava pelos correios todo mês, eu ficava acordado junto com ela para fazer companhia. E foi assim que comecei a cultivar um amor profundo pela leitura e pela escrita – um amor que floresceu a tal ponto que, na terceira ou quarta série, produzi um pequeno jornalzinho literário com poesias minhas e dos meus colegas de escola.

Quando entrei no ensino médio, aos quinze anos, comprei um violão que passei a carregar para a escola, onde eu tocava e cantava com os amigos durante o intervalo. O meu grupo de amigos era formado por colegas de uma mesma turma, éramos muito musicais, a arte sempre esteve presente na minha vida. Naquela época, lembro que minha mãe havia sido indicada para assumir o cargo de coordenadora de apoio, na Secretaria de Cultura da nossa cidade e isso coincidiu com o período em que eu entrei para o grupo de Coral *À Capella*, através do qual tive a oportunidade de viajar para apresentações em vários lugares e cidades; nos apresentamos até mesmo em um festival internacional que aconteceu na cidade de Juiz de Fora. Eu costumava fazer parte também de um grupo de amigos que se reunia sempre às noites na praça, para conversar, tocar violão e fazer luau. Alguns tinham bandas de música e estávamos sempre presentes quando queriam mostrar alguma composição, quando estavam em algum festival ou algo do tipo. Nesse mesmo período, eu comecei a fazer aulas de canto lírico e violão clássico no Conservatório Estadual de Música, o que me colocou em contato com um grupo que, assim como eu, também respirava música. Lá eu convivi com pessoas muito queridas, conversávamos muito, tendo sempre como fundo o som dos instrumentos que se misturavam pelos corredores.

Antes do Enem, as oportunidades de ingressar em uma Universidade Federal eram muito maiores para quem estudava na rede particular de ensino. Na época em que tentei o vestibular, eu não conhecia ninguém que tivesse estudado em escola pública e estivesse cursando graduação em uma Federal. Era muito difícil porque, além do deslocamento para fazer o processo seletivo, os pais tinham que arcar com pagamento de república, despesas com transporte e

alimentação em outra cidade, o que tornava inviável a Universidade pública para estudantes de famílias menos abastadas. Apesar de ser algo muito desejado, estudar em outra cidade era inviável pra mim e foi assim que acabei cursando minha graduação, em Letras em uma faculdade particular situada na minha cidade. Durante a graduação conheci vários colegas envolvidos com música e fizemos boas parcerias para apresentação em alguns shows de voz e violão e obtive o primeiro lugar em um festival de música do qual participaram estudantes de diversas instituições de ensino da cidade, com uma canção composta e interpretada por mim.



Performance no festival de música FestVida

Fonte: arquivo do autor.

Com o dinheiro do prêmio, comprei meu primeiro computador. A partir daquele momento é que os games passaram a estar mais presentes na minha vida, porque eram mais fáceis de serem baixados. Eu

chegava do trabalho e me trancava no quarto para conversar com alguma amizade virtual, estudar e jogar. Não era raro, inclusive, virar a noite jogando com amigos virtuais, quando passei a conhecer melhor o cenário *multiplayer*. Comecei a trabalhar como professor logo no terceiro período da minha graduação e, dessa forma, quando terminei a graduação eu já estava totalmente inserido na atividade docente. E daí em diante minha rotina de trabalho e estudo se intensificou, pois passei a conciliar a atividade docente com viagens semanais para as aulas de especialização em Estudos Literários na UFJF. E tão logo terminei a especialização, acabei sendo aprovado em um processo seletivo para lecionar como professor substituto no Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet), numa cidade próxima da minha. Atuei por dois períodos naquela instituição federal de ensino, sendo que na segunda vez, eu já havia concluído o meu mestrado.



II Semana da Consciência Negra – à mesa como coordenador do Neab e professor no Cefet/MG

Fonte: arquivo do autor.

No segundo semestre de 2018, enquanto trabalhava como professor na rede estadual, observei um aumento significativo no número de alunos envolvidos em conversas sobre jogos na escola.

Dada a minha proximidade com os alunos, durante os intervalos eu costumava me aproximar para observá-los jogando e compreender melhor o jogo. Era evidente que todos estavam sempre muito entusiasmados e imersos nesse universo.

No Natal daquele mesmo ano, enquanto nós, adultos, estávamos conversando na sala, observei meus sobrinhos se divertindo num canto do sofá, cada qual com seu smartphone, totalmente absorvidos pelo jogo. Procurei me juntar a eles e foi então que me convidaram para baixar o Free Fire e jogar também. Resisti de início, mas acabei fazendo o download e foi assim que iniciei minha jornada no Free Fire, em janeiro de 2019. Durante esse período inicial, deparei-me com dificuldades para compreender a dinâmica do jogo, uma experiência comum para qualquer pessoa que adentra um novo ambiente com o qual não tem familiaridade. Certo dia, um dos meus alunos me adicionou como amigo no jogo e me convidou para integrar a guilda da qual ele fazia parte. Aceitei o convite e fui conhecendo melhor o Free Fire, através das interações com alunos e outros integrantes. Era uma guilda criada exclusivamente para reunir jogadores para momentos de entretenimento, não tinha uma estrutura organizacional definida, sequer o objetivo de se inserir no cenário competitivo.

Poucos meses depois, fui convidado para ingressar em outra guilda mais bem organizada. Ela possuía um grupo de WhatsApp composto por todos os jogadores, um conjunto de regras básicas, sessões de treinamento interno voltadas para o desenvolvimento de habilidades específicas, um sistema de penalidades e um grupo coeso de amigos já consolidado. Fazer parte dessa guilda não apenas me proporcionou uma experiência mais estruturada no jogo, mas também resultou em amizades valiosas que permanecem até os dias de hoje.

Nesse novo contexto em que eu estava, o fato de ser professor e ter habilidades de argumentação e comunicação verbal desempenhou um papel crucial em minha rápida ascensão ao cargo de vice-líder na nova guilda. Lembro com clareza da noite em que eu discordei, de forma educada, mas enfática, de uma decisão da liderança, que estava penalizando um grupo de jogadores sem apresentar uma justificativa clara para a punição. Expus meus argumentos

de maneira articulada e persuasiva e, ao apresentar minhas razões, consegui angariar o apoio dos demais membros da guilda. Vale ressaltar que minha intenção não era instigar conflitos, mas sim propor uma abordagem mais transparente e compreensível para o processo de penalização, de modo que todos os envolvidos pudessem entender as razões por trás das punições.

Pouco tempo depois do ocorrido eu fui promovido a vice-líder, assumindo a responsabilidade pela comunicação da guilda, resolução de conflitos e outras tarefas correlatas. Gradualmente, a líder delegou a mim também outras funções administrativas, confiando em minha capacidade e competência no gerenciamento da guilda, com o objetivo de solidificar a sua boa reputação no cenário do jogo. Motivada ao ver o progresso que a organização vinha alcançando, a líder expressou o desejo de renomear a guilda, a fim de que ela assumisse um caráter mais comercial. Igualmente motivado, rapidamente propus um novo nome, elaborando uma justificativa detalhada para seu significado dentro do contexto do jogo e criei uma logomarca provisória para representar a nova identidade.

Apesar de nossa relação ser marcada por amizade e respeito, havia discordâncias com relação às ações da liderança. Eu não concordava com algumas decisões da líder, entre as quais destaco a falta de cumprimento de certas regras estabelecidas pela própria organização e a maneira como ela, a líder, tratava os jogadores. Isso acabou gerando desconforto e levando alguns membros a deixarem a guilda, enquanto outros consideravam a possibilidade de sair. Diante desse cenário, fui encorajado por vários membros a criar a minha própria organização e preciso destacar que um desses integrantes, a Erineide, exerceu uma influência significativa na minha tomada de decisão.

Assim, continuei fazendo parte dessa guilda, mas comecei a me dedicar à elaboração do projeto para a criação da minha própria, passando a estudar e planejar alguns detalhes importantes como a sua missão, objetivos, lema, cores, mascote e todos os demais elementos essenciais. Além disso, criei uma logomarca que permanece inalterada até os dias de hoje, juntamente com uma conta no Instagram para a guilda. No início, entrei como líder na minha guilda.

da, através de uma conta secundária, sob o *nickname* de Mantrax e apenas a Erineide ingressou na Supra, sendo a primeira integrante da guilda e se tornando a primeira vice-líder da nova organização.

Guilda: definição, estrutura e funcionamento

Para situar leitores e leitoras que não conhecem o universo do game Free Fire, vou iniciar o relato dessa trajetória explicando o que é uma guilda: trata-se de uma organização que reúne jogadores com interesses semelhantes, criando um ambiente de comunidade e apoio mútuo. No Free Fire, muitos jogadores e equipes profissionais surgiram a partir dessas guildas, que não só oferecem recompensas exclusivas, mas também proporcionam um espaço de convivência e crescimento dentro do jogo.

Nas guildas que focam no cenário competitivo, a entrada comumente é feita através de “peneiras”, que são como testes de seleção, anunciados nas redes sociais ou em grupos relacionados à guilda. Já nas não competitivas, a entrada é mais simples, cabendo ao jogador enviar uma solicitação no próprio jogo ou entrando em algum grupo de WhatsApp destinado à seleção de jogadores, que devem concordar em seguir as regras impostas. No entanto, outros métodos também podem ser utilizados, dependendo da organização da guilda.

No entanto, as guildas desempenham funções que vão além da competição. Elas funcionam como comunidades onde os indivíduos se unem por diversas motivações: estabelecer amizades, melhorar suas chances de sucesso no jogo e até mesmo buscar representatividade. Existem guildas dedicadas exclusivamente a mulheres, indígenas, comunidades negras e à comunidade LGBTQIAPN+, proporcionando um ambiente seguro e inclusivo, protegendo contra preconceitos e discriminações que podem surgir em partidas comuns.

No caso da Supra, sua jornada iniciou-se como uma guilda comum, dotada de regras claras, e evoluiu ao longo do tempo. Com o passar dos anos, aprimorou seu *modus operandi* até alcançar o status de uma organização completa. Este desenvolvimento incluiu a elaboração de regras mais detalhadas, o estabelecimento de um

sistema de cadastramento de jogadores, a implementação de um contrato simbólico, a obtenção de patrocínios e até mesmo a oferta de apoio jurídico e psicológico.

Criada em agosto de 2019, o nome Supra foi escolhido como uma forma abreviada de “supremacia”, refletindo a ambição da guilda de alcançar o mais alto nível de excelência e dominar no cenário competitivo do jogo. O termo “supremacia” refere-se ao estado de ser superior ou predominante em relação aos outros, indicando a aspiração da guilda de ser superior em habilidades, liderança e sucesso em competições, estabelecendo-se como uma referência de poder e autoridade no universo do Free Fire.

O leão foi escolhido como mascote da guilda Supra, e essa escolha foi muito deliberada. É um animal imponente e amplamente reconhecido como símbolo de força, coragem, determinação e liderança. Essas características são essenciais para qualquer equipe que deseje se destacar nos esports, onde a capacidade de superar desafios e a resiliência são cruciais para o sucesso. Além disso, o leão representa a vontade de liderar e ser reconhecido como uma potência no cenário competitivo do Free Fire.

A presença do leão no logotipo da guilda não só transmite essas qualidades, mas também sugere proteção e nobreza, inspirando confiança e respeito tanto entre os membros da guilda quanto na comunidade mais ampla do jogo. O escudo escolhido para o logotipo adiciona um toque de elegância à identidade visual da guilda, reforçando ainda mais sua imagem de prestígio e poder.

Apesar da cor amarela ter sido definida no projeto inicial, a logomarca preta com fundo branco foi usada ao longo do primeiro ano, modificando o fundo quando aprimoramos o formato da guilda. A cor amarela é uma cor associada à energia e vitalidade, refletindo o entusiasmo dos jogadores nas partidas. É uma cor que causa uma ideia de otimismo e confiança, e, assim como o sol nos causa uma sensação de positividade, a guilda também busca transmitir essa mesma energia.

Quando Ana Idalina manifestou seu interesse nos jogadores da Supra, e fez com que a guilda se tornasse objeto de pesquisa de doutorado na Universidade Federal de Juiz de Fora, isso trouxe visibilidade

e um fator relevante de diferenciação em relação a outras guildas, pois nenhuma outra possuía tal distinção. No cenário competitivo amador, apesar de encontrar pessoas que não sabem o que é um doutorado ou mesmo o que é uma universidade, conseguimos desfrutar de alguns benefícios em razão disso. Aliado ao nosso histórico como organização, obtivemos acesso a treinos pagos de forma gratuita, como equipe de elite, e até mesmo vagas gratuitas em campeonatos pagos. Alguns jogadores se mostraram motivados por participar da pesquisa e desfrutar de uma visibilidade que poderia ir além do jogo.

Um grupo de jogadores que estiveram presentes desde a formação da Supra continua comigo na guilda até os dias atuais e alguns deles, como Erineide (que atualmente usa o *nick* Deusa), Negrito e Morena, trouxeram suas histórias de vida para este livro. Em minha concepção, uma guilda transcende a mera competitividade e se torna um espaço de encontro entre amigos, um ambiente de troca de conhecimentos e aprendizado mútuo.

No início, percebi que muitos jogadores buscavam ingressar em guildas já estabelecidas e possuidoras de um grande número de honras² e, em decorrência disso, a adesão de novos membros não era tão fácil, especialmente para uma guilda nova no cenário. No entanto, nosso grupo inicial de jogadores era satisfatório e foi fundamental para o nosso crescimento e desenvolvimento contínuo.

Mesmo diante dos desafios, a Supra conseguiu formar sua primeira *line* competitiva e engajar-se em treinos e campeonatos. Naquele período inicial, como eu não investia financeiramente na guilda, participávamos de campeonatos que tinham inscrição gratuita e que, em grande parte das vezes, exigiam apenas a inscrição em canais de YouTube ou Instagram, como uma forma de pagamento. Em outras ocasiões, fomos convidados para participar de campeonatos, nos quais alcançamos resultados expressivos.

2. Honra é uma pontuação acumulada pelas guildas para avançar de nível. Cada partida jogada por membros da guilda contribui para essa pontuação, e a quantidade de honra recebida aumenta à medida que mais membros participam simultaneamente. Esse sistema incentiva a atividade e a cooperação dentro das guildas, motivando os jogadores a jogarem juntos para alcançarem melhores níveis e benefícios no jogo.

Um momento significativo para a guilda ocorreu em fevereiro de 2020, quando realizamos nossa estreia na Série C da LBFF (Liga Brasileira de Free Fire).³ Posteriormente, em novembro do mesmo ano, participamos da Liga NFA Challenge,⁴ outra competição de destaque no cenário. Durante a LBFF, conseguimos avançar até as oitavas de final, enquanto na NFA conseguimos alcançar um desempenho satisfatório na semifinal, o que destacou nossa habilidade e comprometimento no competitivo. Essas participações em competições renomadas foram um reflexo do empenho e dedicação de toda a nossa equipe.

Ao longo de toda a trajetória da Supra, muitas lines deixaram de fazer parte da equipe em busca de oportunidades que nós, naquele momento, não éramos capazes de oferecer. Alguns jogadores optaram por integrar equipes que ofereciam patrocínios para participar de campeonatos e proporcionavam maiores benefícios, enquanto outros buscaram equipes que já possuíam uma reputação estabelecida no cenário. Essas saídas foram uma parte natural do processo de evolução da equipe e da busca individual por melhores condições e oportunidades.

Eu não lidava muito bem com as saídas da equipe, especialmente quando alguém partia sem comunicar previamente, eu encarava a saída como falta de gratidão ou até mesmo como quebra de amizade. Eu sempre me esforçava para ser um bom ouvinte, atender às demandas dos jogadores, ser um líder amigo e acessível. No entanto,

3. A Série C da Liga Brasileira de Free Fire (LBFF) oferece uma oportunidade para equipes emergentes e jogadores talentosos se destacarem no cenário competitivo. Esta série corresponde à terceira divisão do campeonato brasileiro de Free Fire, onde equipes de toda a comunidade do jogo no Brasil competem para conquistar uma vaga na Série B e, conseqüentemente, ascender à Série A, que é a divisão principal.

4. A Liga NFA é atualmente o maior campeonato independente de Free Fire no mundo. Diferenciando-se da LBFF, a NFA realiza torneios no emulador, proporcionando um ambiente competitivo para jogadores. Além disso, a NFA desempenha um papel social relevante, impactando positivamente a vida dos participantes. Internacionalmente reconhecida, a Liga NFA oferece oportunidades para equipes se destacarem. No Qualify, há seis grupos, com 432 equipes, e na final, competem 12 times. Os seis melhores da NFA Challenge avançam para a NFA Division, elevando seu nível de competição e reconhecimento na comunidade.

percebi que, nas relações profissionais, essas características por si só não eram suficientes: para atingir os objetivos traçados e conseguir a colaboração do grupo era preciso que eu agisse de maneira firme, ciente de que eu não seria amado por todos, mas seria respeitado. Eu repetia na liderança da guilda um comportamento que tinha como professor e me afetava profundamente atitudes que revelavam alguma grosseria, falta de reconhecimento ou desrespeito.

Na guilda, assim como na escola, eu sempre buscava constantemente a aprovação das pessoas, aspirando ser uma figura querida e popular. Sentia uma grande dificuldade em lidar com a rejeição, em dizer “não” para as pessoas, o que, frequentemente, me levava a realizar atividades ou aceitar situações que, no fundo, eu não desejava vivenciar. Esses padrões de comportamento podem ter sido influenciados por experiências passadas e pela busca por reconhecimento e aceitação. No entanto, esse sentimento não impedia que eu fosse mais incisivo em minhas atitudes como líder: nos grupos de WhatsApp da guilda, eu reprimia qualquer comportamento que violasse regras fundamentais da organização, como postagens com conteúdo pornográfico ou que insinuasse pornografia, o que poderia levar à expulsão. Além disso, penalizava jogadores que publicassem algo não relacionado ao jogo.

Também não tolerava atitudes de “farpa” – provocações e críticas - entre as lines da guilda, enfatizando que, se um vence, todos vencem, e que é essencial apoiar as vitórias uns dos outros. Um aprende com o outro, e não existe bom ou ruim; todos estão em constante evolução. Essa mesma política era reforçada em relação às equipes externas, pois cada jogador da Supra representa a guilda a qualquer momento. Portanto, se um jogador tem uma conduta imprópria, ele mancha a reputação da guilda. Aconselhava sempre que, ao fazerem um treino contra outra guilda, agradecessem pela oportunidade e, se recebessem provocações, não revidassem. Isso reforçava a importância de manter uma postura respeitosa e profissional, independentemente da situação. Essa cultura foi transmitida continuamente a cada novo jogador ou equipe que se juntava à guilda ao longo dos anos. Promovíamos uma cultura ética, de

respeito, comprometimento, cumprimento de regras, responsabilidade e exemplo. Durante essa fase inicial, aceitava jogadores mais jovens e não era raro que alguns pais me chamassem no WhatsApp para perguntar sobre o comportamento de seus filhos ou para saber como eles estavam se saindo.

Assim, eu busquei manter na Supra uma política inflexível: quem saía não retornava. Essa postura era motivada pelo fato de oferecermos elementos que poucas guildas no cenário podiam proporcionar: nossa rotina de treinamentos diários, nossa organização interna e o suporte dado aos jogadores eram diferenciais que nos esforçávamos para manter. Era frequente que jogadores recebessem propostas de outras equipes, muitas vezes promessas vazias que traziam a ilusão de sucesso imediato; era comum que eles investissem nessas propostas e, em muito pouco tempo, buscassem retornar para a Supra. Essa política não apenas reforçava nossa credibilidade, mas também fortalecia o vínculo entre os membros da guilda, criando um ambiente de comprometimento e confiança mútua.

A ideia de “quem sai, não volta” não era apenas uma regra, mas sim um princípio que reforçava o compromisso, a seriedade e a fidelidade daqueles que permaneciam conosco. Ao entenderem que a política da guilda era firme em relação às saídas, os membros restantes eram incentivados a valorizar ainda mais sua posição dentro da equipe e a compreender a importância de seu papel na manutenção do grupo. Sentiam-se mais responsáveis por suas escolhas e menos propensos a considerar deixar a equipe, uma vez que conheciam as consequências dessa decisão. Isso criava uma cultura organizacional típica da guilda, que incentivava os membros a valorizarem a permanência, a contribuírem para o grupo, a seguirem as regras e a manterem a ordem. Era uma conquista única, um laço que valorizávamos e nos empenhávamos em manter, fortalecendo ainda mais os vínculos entre os membros da guilda.

No início, o processo de seleção de jogadores era conduzido de forma individual, onde as lines eram formadas de forma aleatória ou com base em afinidades dentro da guilda. Os treinos ocorriam em parceria com a outra guilda da qual eu fazia parte como vice-líder, e

eu mesmo assumia a responsabilidade pelas narrações e transmissões das partidas no YouTube, proporcionando aos jogadores a visibilidade que buscavam. Além disso, criei um espaço no Instagram para compartilhar vídeos com as melhores jogadas de integrantes que solicitassem a publicação.

Evitava a ideia de recrutar lines em seletiva, talvez por insegurança e receio de não obter a aprovação de um novo grupo, pois, ao mesmo tempo em que eu teria que aprová-las, também criava a expectativa de ser aprovado por elas. Quando uma line inteira formada na Supra saía da guilda, eu sentia que o erro estava em mim e que eu deveria ter feito mais pelo meu grupo; o mesmo eu sentia quando um jogador se retirava sem apresentar uma justificativa prévia. Hoje, analisando o meu comportamento naquele período, percebo que a insegurança impede de nos lançarmos ao mundo. O medo de falhar e a necessidade de manter o controle para evitar que algo ruim aconteça... tudo isso nos mantém em uma 'zona de desconforto' que não traz prazer, tampouco crescimento. É necessário sair do lugar, assim como fazemos no jogo, porque quem fica parado é absorvido pela zona de segurança. Ao longo do tempo, fui mudando minha postura e forma de pensar, e isso também teve um impacto positivo na minha vida fora do jogo. Apesar da Supra sempre ter sido uma organização impecável, foi a partir desse ponto de mudança da minha postura que ela assumiu um novo aspecto, tornando-se mais profissional.



A camisa oficial da Supra, com as cores preto e amarelo

Fonte: arquivo do autor.

A evolução e estruturação da guilda foram rápidas e, em muito pouco tempo, ela se transformou em uma verdadeira organização. Desde o início, os jogadores interessados em ingressar na Supra eram orientados a ler o “Código de Conduta, Ética e Treinamento” que elaborei e, só depois de concordarem com os termos presentes no documento, se tornavam aptos a se juntarem à guilda, fornecendo seus nomes completos e *nicks*. Com o tempo, esse código foi refinado e foi solicitado que cada jogador, inclusive os mais antigos, preenchessem um cadastro como jogadores. O documento funcionava como um contrato simbólico. Esse foi o primeiro passo rumo à transição da Supra de uma simples guilda para uma organização.

A Supra 2 foi criada devido ao grande número de lines interessadas em fazer parte da guilda. Com isso, disponibilizei no Instagram os *links* para inscrição na seletiva tanto de lines quanto de *streamers* e jogadores solo interessados em integrar alguma line que precisasse. Tudo devidamente registrado pelo formulário Google. A seleção de novos membros, a partir daí, passou a ser realizada apenas por

line, com inscrição via formulário. As que eram aprovadas passavam por um período de observação na guilda, em que analisávamos o desempenho, a ética, comportamento e interações com os demais jogadores. Esse processo meticuloso garantia não apenas a qualidade técnica dos novos integrantes, mas também sua integração harmoniosa dentro da comunidade da Supra.

A análise das lines participantes da seletiva era realizada de forma criteriosa, com base nas respostas fornecidas. Após a seleção, entrávamos em contato com o representante para agendar o dia e o horário, tudo de maneira formal. As equipes selecionadas deveriam competir entre si em algumas partidas, e, com base nos resultados registrados, elaborávamos uma tabela usada como parâmetro para aprovação. Praticamente toda a *staff* da guilda era mobilizada para acompanhar a seletiva, analisar o desempenho e registrar os resultados.

O resultado da aprovação era informado no grupo de WhatsApp específico, onde estavam reunidos os representantes das equipes participantes na seletiva. Após esse processo, um grupo de WhatsApp oficial da line como integrantes da Supra era criado e todos os membros eram adicionados. A partir daí, eu informava sobre o funcionamento da guilda e esclarecia dúvidas. Somente após todos declararem estar cientes sobre a maneira de trabalho da Supra, eu entrava em contato com cada integrante para enviar o formulário de cadastramento como jogadores da organização. Apenas após o preenchimento do formulário e a solicitação de entrada na guilda no jogo, eu adicionava o jogador no grupo geral de WhatsApp da guilda, onde recebia as boas-vindas dos outros jogadores.

Eu estava presente nos grupos de todas as lines, pois, dessa forma, eu poderia observar como era a relação entre eles, como se comportavam em relação aos demais jogadores da Supra, a organização e a seriedade da equipe na busca por melhorias no desempenho e resultados. Evidentemente, algumas lines possuíam um grupo paralelo onde discutiam assuntos mais descontraídos, mantendo uma imagem mais profissional diante da minha presença e evitando brincadeiras. Outras, no entanto, adotavam o novo grupo como o princi-

pal meio de comunicação e interagiam livremente. Em alguns casos, eu também participava desses momentos de descontração no grupo.

Apesar de eu nunca ser favorável a fazer distinção entre as guildas, alegando que a Supra 2 era apenas uma extensão da Supra, os próprios membros faziam essa diferenciação, considerando a primeira guilda como principal ou de elite. Não havia aprovação de novas equipes para a primeira guilda, pois lá se encontravam jogadores fiéis à guilda, com comprovação do bom desempenho, conduta ética, responsabilidade e respeito a todas as normas da organização. Todas as lines presentes na Supra 2 desejavam fazer parte da Supra principal, que era vista como uma guilda de elite, devido ao desempenho das lines e isso dava um caráter de status aos que estavam naquela guilda.

Cada treino seguia uma regra específica e, para que tudo ocorresse bem, era necessária a colaboração de todos, pois dependia do cumprimento dessas regras por todos. Quando criamos algo altamente desejado pelos jogadores, como é o caso da primeira guilda, eles passaram a se esforçar mais para seguir as regras e se adequar aos padrões estabelecidos para conseguirem fazer parte daquele grupo; por outro lado, os que faziam parte da primeira guilda se sentiam na responsabilidade de serem exemplos para os demais.

A motivação para alcançar um status elevado ou pertencer a uma comunidade prestigiada pode ser um poderoso incentivo para que jogadores compreendam a necessidade do cumprimento de normas e do desempenho excelente dentro da organização. Isso significa que os jogadores estarão mais dispostos a melhorar seu desempenho, manter uma conduta exemplar e aderir às diretrizes da guilda. Esse desejo de inclusão e reconhecimento cria uma cultura de disciplina e dedicação, trazendo benefícios individuais e coletivos para as comunidades do jogo.

Não vou negar que erros aconteciam nos treinos da Supra, mas eram analisados meticulosamente, mediante a evidências gravadas em imagens ou vídeos e, quando comprovada alguma infração, o jogador ou line responsável era devidamente penalizado. Em lines onde essas infrações eram recorrentes, a penalidade era a expulsão de toda

a line da guilda – ou seja, se um errasse, todos daquele grupo sofriam as consequências. Tudo foi sendo trabalhado ao longo do tempo, resultando na construção de uma cultura impecável dentro da organização. O treino que realizávamos, transformado posteriormente em Liga, tornou-se um exemplo de organização. Todos cumpriam rigidamente os horários e as regras, mantendo-se extremamente concentrados na partida e focados na vitória e no desempenho.

No processo de evolução da guilda, os investimentos em campeonatos se tornaram uma necessidade interna e eu assumi a responsabilidade de custear as inscrições, investindo mais recursos financeiros nesse aspecto. Em uma fase mais avançada, desenvolvi um sistema de pontuação em tabelas para avaliar o desempenho das lines da equipe em comparação com outras, premiando a que estivesse no topo da tabela no final de cada mês, com a participação em campeonatos. Inicialmente, a quantidade de investimento era limitada, mas eu enfatizava a possibilidade de aumentar o apoio financeiro, caso a line alcançasse um desempenho excepcional e conquistasse títulos.

A tabela interna de treinamento tornou-se uma ferramenta crucial para a visibilidade das *lines*, permitindo que elas se destacassem em relação às outras. Com o tempo, ampliei esse sistema, estabelecendo o treino como uma Liga,⁵ para torná-lo mais competitivo. Premia-va as lines que alcançassem o top 3 na tabela de cada guilda, visto que a Supra abrigava duas guildas na época, totalizando cerca de 100 jogadores. Cada guilda possuía sua própria tabela e sistema de treinamento. Ao final da temporada da Liga, a tabela final, juntamente com o banner das equipes campeãs e dos MVPs, representada pelos jogadores com maior número de abates ao longo do mês, era postada no feed do Instagram e divulgada no grupo geral da guilda.

Além disso, desenvolvi uma liga 4x4, com transmissões ao vivo no YouTube, contando com a participação de algum profissional da narração esportiva do Free Fire e guildas renomadas no cenário

5. Em uma liga de Free Fire, as equipes competem em várias partidas e acumulam pontos de acordo com suas vitórias ou derrotas. No final da temporada, a equipe com mais pontos é declarada a vencedora da liga.

como convidadas especiais. Algumas delas compartilhavam o banner de divulgação nos *stories*, o que nos permitia ter mais visibilidade. Os campeões dessa liga também eram premiados com participações em campeonatos e outros incentivos. O banner de divulgação deste evento mensal, assim como a tabela de progressão das equipes ao longo das fases e o banner das campeãs e MVPs, também era compartilhado nos grupos da guilda e da liga, nos *stories* e no feed do Instagram da Supra, sendo frequentemente republicado por alguns convidados. Esse sistema de competições internas e externas não apenas estimulava a excelência e o comprometimento dos jogadores, mas também promovia um ambiente de camaradagem e competitividade saudável dentro da Supra.

A Liga era amplamente elogiada pela sua organização, um aspecto que sempre valorizei profundamente. Cada partida tinha seu estilo determinado e a margem de erro era mínima, em comparação com qualquer treino pago. Eu reprimia qualquer sinal de rivalidade interna, pois o objetivo da guilda era que todos se apoiassem mutuamente, como uma verdadeira família. No entanto, com regras estabelecidas para cada treino, qualquer desrespeito por parte de uma line poderia prejudicar o andamento da partida e, por conseguinte, afetar a pontuação na tabela. Sempre busquei agir com justiça, evitando tomar decisões precipitadas. Analisava cuidadosamente cada situação, considerando diferentes pontos de vista antes de chegar a uma conclusão sobre como agir. O jogo me ensinou a ser uma pessoa mais firme e decidida em minhas escolhas. Aprendi a equilibrar a cordialidade com a firmeza, sabendo quando era necessário tomar medidas mais enérgicas. Estabeleci horários para atender às demandas e adotei uma postura mais rígida em relação a determinadas questões.

Quando alguém violava as regras, eu seguia um sistema de advertências. Após três advertências, o jogador era expulso da guilda. Em casos mais graves, a advertência poderia ter uma pontuação maior ou direcionar para uma expulsão imediata, mas todas as situações e pontuações eram claramente comunicadas aos jogadores por meio do Código de Regras. Lines que apresentavam problemas recorrentes eram removidas da guilda.

Com as tabelas das ligas internas e entendendo o desejo das equipes da Supra 2 em integrar a guilda principal, ao final da temporada, encerrada no final do mês, as duas melhores equipes da Supra 2 eram promovidas para a guilda principal, enquanto as duas com pior desempenho eram removidas, desde que fosse constatada falta de interesse, desmotivação ou algo similar. Era bastante comum que uma equipe com desempenho fraco se desmotivasse e parasse de buscar evolução. É importante ressaltar essas condições, pois, apesar de buscarmos desempenho, também valorizamos ser um espaço de aprendizado, onde as pessoas podem evoluir, desde que estejam empenhadas e motivadas.

Como a Supra havia conquistado uma boa reputação no cenário, eu não temia ficar sem jogadores, pois sempre havia novos interessados em entrar para a equipe. Se um jogador de uma line infringisse as regras a ponto de atingir a pontuação necessária para a expulsão, eu era obrigado a removê-lo e isso, por vezes, resultava na saída de outros membros do mesmo grupo que não concordavam com a decisão e consideravam que poderia ser relevado.

Apreendi a cultivar uma postura de firmeza e determinação, compreendendo que ser apenas amigável não é o suficiente - é crucial ser firme em minhas decisões. Dediquei-me integralmente à causa da guilda, trabalhando incansavelmente, de manhã à noite, ao longo dos últimos anos. Meu objetivo era garantir que tudo funcionasse sem falhas e de maneira organizada. Registrei meticulosamente todos os acontecimentos, desde listas de treinos e agendas de lines, até advertências e expulsões, além de manter um controle preciso sobre a entrada e saída de jogadores. Essa documentação detalhada foi essencial para garantir a transparência e a integridade de todas as operações da guilda.

A sensação de desejar estar no controle de tudo, de assegurar que as coisas sigam sempre conforme o planejado, pode gerar considerável frustração, já que imprevistos podem surgir e desafios inesperados podem se apresentar no caminho. Apreendi a lidar com essas frustrações ao longo do tempo. Na guilda, contávamos com diversas pessoas empenhadas em manter tudo em ordem: vice-líderes, equi-

pe de seleção, responsáveis pelas redes sociais e outros colaboradores que auxiliavam em diferentes áreas da organização.

A gestão de uma guilda, de fato, guarda muitas semelhanças com a gestão de uma empresa. A definição clara de papéis e responsabilidades, o processo de tomada de decisões, a resolução de conflitos, a comunicação eficaz e a cultura organizacional são apenas alguns dos elementos que a tornam uma instituição complexa e multifacetada.

Sempre oferecemos apoio jurídico aos jogadores da guilda e esse suporte foi especialmente enfatizado quando passamos a ter lines femininas na Supra. Afinal, se fazia necessário oferecer amparo em casos de assédio ou outro tipo de violência de gênero que pudesse prejudicar as relações sociais dentro da organização.

Além disso, em casos internos que indicavam indícios de assédio - comprovados por evidências - os responsáveis eram severamente punidos, sendo expulsos e banidos da equipe. Essas medidas eram aplicadas mesmo que as situações ocorressem de forma privada, fora do grupo geral da guilda, pois um jogador da Supra representa a equipe não apenas durante o jogo.

Quando a Garena lançou o selo de verificado⁶ para guildas, dediquei todos os meus esforços para conquistá-lo. As Centrais de Guildas tiveram um papel crucial nesse processo, pois muitas guildas afiliadas a elas conseguiram obter a verificação. No entanto, isso me causou grande desconforto, pois havia muitas guildas que obtiveram o selo sem possuir uma estrutura sólida. Algumas eram recém-formadas, não tinham reputação estabelecida e, em alguns casos, agiam de maneira antiética.

Aproveitando-se desse selo, muitas guildas começaram a cobrar pela entrada de jogadores ou até mesmo os líderes se retiravam de

6. O selo de verificação no Free Fire é um distintivo especial: uma insígnia dourada com a letra V, comumente possuída por influenciadores da Garena, desenvolvedora do jogo. Esses selos geralmente são exibidos ao lado do nome do jogador dentro do jogo e servem como uma indicação de que aquele perfil é legítimo e oficial. Isso ajuda a diferenciar os jogadores ou guildas reais de impostores ou perfis falsos, prevenindo grandes transtornos. Essa verificação proporciona uma camada adicional de segurança e credibilidade dentro da comunidade do Free Fire.

suas próprias guildas para “alugar” seus serviços como líderes para outras, concedendo a estas o status de verificadas ou mesmo vendendo a conta verificada. Vale ressaltar que o selo era conferido ao líder da equipe, o que levou a essa prática questionável.

Muitos jogadores aspiravam pertencer a guildas verificadas, pois isso conferia um *status* de visibilidade, mas nem sempre indicava organização efetiva. No caso da Supra, era comum acontecer de um jogador deixar a guilda para se juntar a uma guilda verificada e, posteriormente, pedir para retornar. Essa situação gerava frustração, pois sempre busquei construir uma guilda que fosse um exemplo de conduta, organização e promoção de ética entre os jogadores. Ver o mérito sendo dado a guildas que não seguiam esses princípios, enquanto o trabalho realizado pela minha guilda não era reconhecido, causava grande incômodo.

A busca incessante pelo *status* verificado tinha também o propósito de conferir aos jogadores uma visibilidade especial, uma espécie de reconhecimento que, aos olhos de muitos, era sinônimo de “*hype*”.⁷ Chegou um momento em que percebi que esse status talvez nunca fosse alcançado por mim, e, mesmo com certa frustração, aceitei essa realidade. Decidi então continuar fazendo o que sempre fiz, porque na vida, assim como no jogo, nem sempre conseguimos alcançar nossos objetivos apenas com nosso esforço, dedicação e reconhecimento pessoal.

Devido à intensa rotina envolvendo todas as atividades da guilda, cheguei a um nível de ansiedade que me causava desespero. Esse sentimento se agravava especialmente nos momentos agendados para o treino diário - na época, esse desconforto era inexplicável para mim, não conseguia compreender o motivo daquela inquietação. Sentia-me impedido de me ausentar, viajar ou aproveitar momentos de lazer, pois tinha a sensação de que, ao retornar, encontraria tudo desorganizado, como se toda a estrutura dependesse exclusivamente

7. O termo “*hype*” é originário do inglês e se refere a um estado de entusiasmo ou euforia. Em outras palavras, é algo que está gerando grande interesse e é amplamente discutido e comentado.

de mim. A agenda de treinos das *lines* e campeonatos estava sob minha responsabilidade, o que me obrigava a estar constantemente atento aos horários para garantir que nada fosse perdido. Além disso, em todas as outras funções que exigiam atuação diária, havia uma exigência rígida quanto aos horários de envio de informações.

Ao longo da trajetória da Supra, cheguei ao ponto de administrar três guildas. Após tantos anos investindo uma grande quantia em dinheiro e dedicando minha vida inteiramente ao projeto de fazer sucesso com a guilda, de ter destaque no cenário competitivo, de ter o mérito de ter uma guilda verificada (reconhecida pela Garena) e de obter um retorno financeiro que pudesse suprir pelo menos uma parte do que foi investido, decidi desacelerar.



Mais que um *nickname*, Arkan é um segundo nome que uso desde quando entrei no mundo dos games

Fonte: arquivo do autor.

Com mais tempo disponível, pude refletir sobre meu padrão de comportamento, sobre a minha insistência em buscar ser sempre o melhor, a autocobrança exagerada pelo perfeccionismo, a vontade de fazer tudo certo sempre. Foi um período de autoterapia, no qual eu fui identificando as coisas que me causavam incômodo internamente e aprendendo com elas (ou desvalorizando aquilo a que eu estava dando uma grande importância).

O jogo me proporcionou e ainda me possibilita manter relações de grande amizade com pessoas que vejo como parte da minha vida, mesmo vivendo em lugares tão distantes, e que me fazem rir, me desarmar e ser “eu” numa versão que, muitas vezes, reprimo na vida social - uma pessoa brincalhona e divertida. Gosto de me comunicar e conhecer pessoas, mas tenho um grande bloqueio em me divertir socialmente e, diante dessa dificuldade que apresento desde a minha adolescência, não consigo me soltar de forma leve em ambientes de lazer. Nas oportunidades que já tive de descontrair e interagir com as pessoas, eu sempre procurei me manter ocupado, trabalhando ou mantendo uma postura contemplativa, atenta, de controle sobre tudo o que estava acontecendo.

O jogo me possibilitou identificar isso. Hoje busco ser uma versão diferente do que tenho sido, busco ser “eu” de uma forma mais plena - apesar de não ser fácil quebrar um comportamento de longa data.

Como professor, ser líder de uma guilda me fez ter mais iniciativa, ser mais firme nas minhas decisões e equilibrar melhor os momentos de ser amigável ou mais rigoroso. Passei a me reinventar e mudar um padrão que eu seguia e que não era muito efetivo. A atitude que tomamos no campo de batalha, muitas vezes, reflete aquilo que fazemos na nossa vida: podemos recuar e nos esconder diante das dificuldades, ou podemos tomar a iniciativa de resolver logo os problemas que estão à nossa frente, enfrentando os riscos. O fato é que o Free Fire não é apenas um jogo: é um lugar de relações, autodescoberta e experiências que ficarão na memória para toda a vida - é um universo paralelo muito rico.

Com minha entrada no doutorado, precisei dedicar mais tempo à pesquisa. Realizei uma última reformulação, em julho de 2022, no

sistema interno da guilda: reduzi o número de lines e consegui patrocínio para todas elas, garantindo uma quantidade significativa de campeonatos por mês, treinamento remunerado, além de terceirizar os serviços de uma *manager* para ficar responsável pela agenda das lines. Nesse treino remunerado, eu pagava aos organizadores pela participação das lines da Supra, cabendo a elas apenas confirmar a participação. Como resultado, o investimento na Supra aumentou ainda mais. Meu vice-líder ficava encarregado em elaborar os gráficos de aproveitamento em campeonatos, a gestão de campeonatos ativos e concluídos e outras funções afins. Além do serviço jurídico, a Supra passou a oferecer também suporte psicológico aos jogadores, com atendimento via Discord para aqueles que manifestassem interesse. Algumas lines optaram por administrar a própria agenda diária, otimizando os resultados nos treinos e campeonatos. Algumas dessas lines contavam com *coachs* e analistas. Isso reduziu minha carga de trabalho, uma vez que havia outros profissionais qualificados assumindo essas responsabilidades. Fazia reuniões com todas as lines, pelo Discord, toda sexta-feira, com assuntos debatidos em pauta.

Neste texto, é evidente que o relato aqui apresentado não abrange todo o percurso da Supra, pois sua trajetória é vasta e rica em detalhes. Da mesma forma, o recorte da minha própria jornada foi baseado em *flashes*, com ênfase no jogo, que desempenha um papel significativo em minha vida até hoje, especialmente devido ao meu envolvimento com a produção científica. Fato é que tudo o que vivemos molda quem somos, as experiências positivas e as negativas, as interações que temos e as lições que aprendemos. Estamos em constante transformação, cada dia nos tornando versões mais refinadas de nós mesmos.

CAPÍTULO 9. A GUILDA SUPRA

Ana Idalina Carvalho Nunes



Fonte: arquivo guilda Supra.

Para falar em Supra, é necessário iniciar falando sobre o seu líder, Arkan, um professor mineiro que imprimiu na liderança da guilda criada por ele algumas características que se assemelham às relações entre professor e aluno em sala de aula. Talvez, na produção de um levantamento da vida atual de todos os integrantes e ex-integrantes da guilda, durante os seus cinco anos de existência, se consiga perceber uma forte influência do Arkan nos direcionamentos estudantis e profissionais. Lembro de relatos dele sobre aulas preparatórias que ministrou para alguns jogadores que estava inscrito no Enem, em várias ocasiões. Outras vezes, jogadores e jogadoras recorriam a ele para buscar aconselhamento sobre conflitos da vida cotidiana e havia até casos de pais e mães que faziam contato com ele para conseguir informações sobre o rendimento dos filhos.

As competições internas e treinos da guilda aconteciam, normalmente, por volta das seis horas da tarde e se alongavam por aproximadamente duas horas. Era sempre após esse horário que eu conseguia coletar informações preciosas do líder, que me relatava os conflitos, as dificuldades na administração, enfim, ele contava o que havia acontecido naquele dia. Percebi, muitas vezes, através das conversas em áudio e texto pelo WhatsApp, o extremo desgaste emocional que demandava a liderança, as dificuldades em lidar com imprevistos e com o fluxo intenso de entrada e saída de lines da guilda e com as frustrações, entre as quais estava o fato de a guilda não conseguir obter o selo de verificado da Garena.

Esse selo, no ambiente do Free Fire, é um distintivo de poder, símbolo de prestígio que abre possibilidades de maior visibilidade para os jogadores e jogadoras de uma guilda. Cheguei a inserir um banner no Instagram da pesquisa (@cibercultura.game), onde marquei os canais oficiais do Free Fire, solicitando o selo de verificação, me juntando àquela equipe da qual eu agora fazia parte.

No dia 3 de setembro de 2021, eu pedi que o Arkan escrevesse uma breve narrativa que trouxesse a história da Supra, da sua criação até aquele momento, com uma descrição aprofundada do que representava a organização Supra no universo do Free Fire. Na ocasião, ele expôs a sua dificuldade em conseguir tempo para me atender, mas não se negou a colaborar, apenas solicitou um prazo de 30 dias para produzir o material. Propus enviar a ele um roteiro com perguntas para guiar a construção da narrativa e enviei o roteiro no mesmo dia.

No dia 24 de setembro, apenas 21 dias depois de receber a proposta, Arkan me enviou um documento com as perguntas respondidas, em forma de texto, pelo WhatsApp. E as respostas abriram a minha visão sobre a guilda: tomei conhecimento do código de ética da Supra, das rígidas regras dos treinos e de outros procedimentos, o que me dava a entender que ele buscava dotar a guilda de um caráter institucional, como se fosse uma escola ou uma empresa bem estruturada. Ao criar a guilda e construir a estrutura da organização, assumindo a liderança, Arkan se tornou uma atualização do professor Diego Lucas para o ambiente digital do jogo, ou seja, havia um diálogo profundo e intenso entre ser líder e ser professor. Nessa

dinâmica, os integrantes que faziam parte daquela organização, se afinavam com o seu propósito, adotavam as normas e concordavam em respeitar o regulamento. Ainda que de forma não consciente, talvez muitos jogadores tenham levado para a vida cotidiana algumas das regras, a conduta ética e a disciplina aprendidas ali.

Ética é a palavra mais abordada pelo líder Arkan, tanto no texto quanto em todas as conversas que tivemos pelo WhatsApp. A intenção da guilda sempre foi de desenvolver um sentido de equipe, de coletividade e, para conseguir isso, a organização punia com rigor todos os que desrespeitavam as regras. Quando havia reincidência nas infrações, as lines eram suspensas e, em casos extremos, até mesmo banidas da guilda.

Aliando as conversas pelo WhatsApp com o texto enviado pelo Arkan e ainda com o texto do código de conduta e ética da Supra, percebe-se claramente que, especialmente no período compreendido entre os anos de 2021 e 2023, a Supra atuou efetivamente como uma equipe competitiva focada na missão de promover a evolução dos jogadores. E essa evolução não se restringe apenas à preparação técnica dos jogadores para as grandes competições. Ao incentivar comportamentos pautados pela ética e pelo respeito a todos, inclusive aos adversários, o trabalho desenvolvido pelo líder Arkan ultrapassou os limites do jogo e promoveu também a preparação dos integrantes da Supra para a inserção no mundo do trabalho e na vida social.

No formulário distribuído em julho de 2021, foi feita a pergunta aberta “De tudo o que você vivencia todos os dias na Supra, tem alguma atitude ou aprendizado que você acaba levando para a sua vida atual, fora do jogo? Conte essa experiência”. Entre as 45 respostas, selecionamos algumas que representam bem o que foi respondido pelos integrantes da guilda:¹

1. Durante a incursão na Supra, foram disponibilizados, nos canais de comunicação da guilda, links de formulários para integrantes que quisessem participar. Houve, nos três anos consecutivos (2020, 2021 e 2023) uma adesão de, aproximadamente, 50% dos integrantes. O questionário não exigia identificação dos respondentes, apenas o *nick* no jogo. E as questões abordadas estavam relacionadas às percepções sobre o jogo e a guilda, bem como a horários e motivações no jogo.

SPR CRAZY: — A respeitar cada um no cenário do jogo e também não só no jogo mais eu aprendi q a vida te dá o troco do q vc faz então não precisa devolver na msm dose o q alguém faz com vc não gostou não faz o msm

SPR LT7: — Responsabilidade!! Aqui na Supra para você se manter você precisa ser responsável! E principalmente ter respeito ao próximo! Isso ajuda bastante aqui fora.

SPR HYZE.X: — Acredito que seja o exemplo de organização em geral já que a Supra exige isso dentro do jogo

SPR GB: - Sim a sempre respeitar as regras isso é uma lição que a gente tem que levar para a vida toda

SPR DREWZIN: — O respeito com os companheiros e o foco para fazer qualquer coisa.

SPR MENORX: — Sim, o respeito entre as pessoas e companheiros

SPR MATH: — Sim, o respeito e jogabilidade

SPR SK GRINGO: — “Juntos somos mais fortes.”

SPR KAKASHI MDM: — O companheirismo com todos

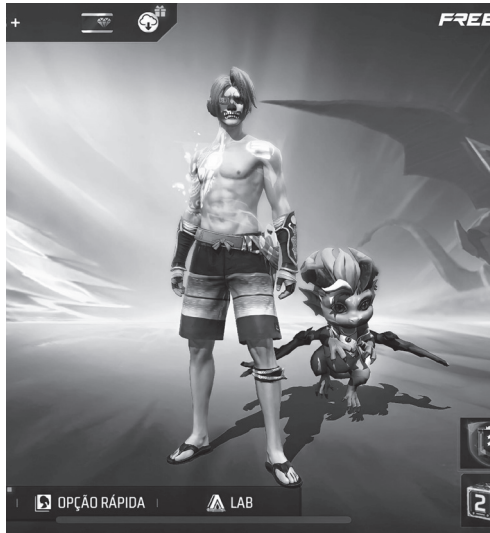
SPR VEGAS oN: — Sim, respeito ao próximo

SPR A51 PATYFE X: — Respeito ao próximo

SPR LEH: — Humildade sempre.

A partir da vivência como jogadora da Supra, me atrevo a dizer que a disciplina exigida dentro da organização, bem como as normas de conduta ética, são uma espécie de preparação, não apenas para competições do Free Fire, mas também para as competições e desafios da vida cotidiana, especialmente no que se refere às relações profissionais. Esse formato de conduta recomendado na guilda possibilitou a construção de fortes laços de amizade, que se mantêm para além do jogo e do ambiente digital. Quem foi Supra, será SPR sempre e prova disso é a presença de ex-integrantes da guilda entre os autores que apresentam seus relatos de trajetória a seguir. A lição que fica dessa experiência vivida tem a ver amizade, com parceria, com gratidão.

Andressa Cristina Peres Rangel (Dressa, manager)



Fonte: arquivo da autora.

Para começar essa história, gostaria de falar um pouco sobre mim. Sou natural do Acre (sim, o Acre existe!). Meu primeiro contato com os games, quando eu ainda era “menina”, se deu por meio de um Samsung Mini... e quem diria que dali sairiam tantas histórias para serem contadas? Ali foi só o começo. Migrando de um jogo para outro, do mais fútil ao mais complexo, conheci o Free Fire. Em meados de 2018, conheci o jogo que mudaria a minha vida em um piscar de olhos: o Free Fire.

Atualmente, trabalho com o esports em âmbito nacional, administro equipes do cenário competição de Free Fire, além de ser promotora de eventos, tanto no formato presencial quanto on-line. Para chegar até aqui, eu corri bastante e digo para vocês que a chave de tudo é persistência.

Logo no início, quando conheci o game, eu estava em um quadro de depressão e TAG (Transtorno de Ansiedade Generalizada). Sentia-me muito solitária, muito desacolhida, o tipo de pessoa que não sabe ainda qual o sentido do mundo. No começo, era apenas para me divertir; depois, com o passar do tempo, fui criando laços

no jogo, amizades que levo até hoje e sei que sempre vou levar. Porém, além de amizades, eu consegui me profissionalizar com o jogo, descobri a minha verdadeira vocação que é o mundo de esports, especificamente o competitivo. É algo que carrego no meu sangue, a sede da vitória. Apesar de eu não estar no mais alto nível do cenário competitivo do game, eu sei que ainda estarei lá.

Minha principal mensagem a vocês que estão lendo isso é: não desistam dos seus sonhos. E não deixem ninguém dizer que “não vai virar”. Só você sabe do seu potencial. Não falo só do Free Fire, falo do cenário de games. Não é apenas um joguinho. Vale ressaltar que os games são grandes geradores de empregos e, entre os que atuam profissionalmente nesse ambiente, podemos citar os *streamers*, criadores de conteúdo, jogadores, organizadores, líderes de projetos, entre outros. Os games mudaram a realidade social das pessoas: milhares de crianças e adolescentes, cativadas pelo seu sonho no “joguinho”, deixaram de lado caminhos ilícitos para se dedicar ao seu sonho.

Apesar de todo o barulho que o cenário de esports faz em âmbito nacional, existem pessoas que ainda abominam os games e quaisquer pessoas que estejam relacionadas a eles. Com os games, as lutas são diárias. Não só com relação ao preconceito, mas também no que se refere à sua desvalorização, apesar de ser comprovado por pesquisas o quão importante são os games atualmente. Os games me ajudaram a lutar contra a depressão, me trouxeram a sensação de um abraço apertado, de acolhimento. Havia pessoas comigo, mesmo de longe, me fazendo sentir abraçada. Muitas pessoas ainda não entendem isso e nunca vão entender, mas não devemos desistir.

Nosso principal papel como integrantes do cenário de esports é lutar pelos nossos direitos e pelo reconhecimento da nossa profissão, pela nossa importância. É fundamental que, mesmo que exista o competitivo dentro dos jogos, gente se una aqui fora pra incentivar as pessoas a cada vez mais buscarem conhecer mais a fundo esse mundo tão inovador, criativo e, como eu disse acima, um mundo que abraça a gente, muitas vezes, no meio da tempestade. A internet conecta a gente um ao outro, mas, não é apenas isso que ela conecta: ela conecta os nossos corações, uns aos outros, nos movimenta como uma potência mundial.

O que quero deixar como mensagem para vocês é que devemos estar todos juntos, todos unidos em prol dos nossos sonhos. Eu não desisti e todos os dias luto pelos meus sonhos e tenho pessoas incríveis que também lutam comigo e me apoiam.

Não desista, valorize essas pessoas que estão com você (seja dentro ou fora do jogo). Acima de tudo, NUNCA desista de você mesmo. Desistir nunca foi uma opção e nunca será. Juntos, somos mais fortes.

Erineide (SPR Deusa)



Fonte: arquivo da autora.

Olá, hoje eu vim aqui contar para vocês a minha história: me chamo Erineide na vida real e no jogo meu *nick* é SPR Deusa. Tenho cinco filhos, sou moradora da cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Atuo profissionalmente como *nail designer* há quatro anos, mas aqui hoje eu vou contar a minha história no Free Fire, dizer como foi que o jogo entrou na minha vida. Eu trabalhava numa loja de material elétrico, onde eu tinha uma amiga que era muito viciada no jogo e, certo dia, ela me chamou para entrar e jogar também, fazer parte da equipe dela.

Assim, eu comecei a jogar por volta de 2017 e, a partir daquele momento, eu não parei mais. Ali no jogo eu conheci várias pessoas e, com

o passar do tempo, fiz novas amizades e acabei encontrando uma guilda na qual eu entrei e permaneço até hoje. No Free Fire eu fiz amizades que eu vou levar para a minha vida toda, não só dentro no jogo, mas também para a vida real. Assim, o que eu tenho a dizer para vocês hoje é que o jogo me trouxe grandes amizades e me proporciona momentos de muita alegria e descontração e isso é muito importante pra mim.

Hoje eu não sou tão *bot* mais, né... como falam os jogadores de Free Fire (risos). Sigo ali com os amigos que eu conheci no jogo, conectando momentos de alegria e descontração para esquecer um pouco o cansaço do dia a dia, as dificuldades. O que eu tenho a dizer para você que está lendo esse meu relato é que o jogo me proporcionou muitas coisas boas, muito aprendizado, porque estando ali, a gente acaba aprendendo com cada pessoa que está ali também no jogo. E cada pessoa que entra, que conversa com a gente, que bate um papo descontraído... acaba se tornando um amigo depois do jogo. Isso é muito legal! Então, você, que tem oportunidade de conhecer o jogo, entra lá! É fácil! Seja feliz! Bora lá jogar!

Fernando Whyse (FN3F)



Fonte: arquivo do autor.

Olá, pra quem não me conhece, me chamo Fernando e minha história de vida é algo que, se eu fosse contar do zero, daria um livro de 200 páginas. Eu sou uma pessoa leve, alegre e que gosta de agradar o pessoal; com tudo o que já aconteceu ou que venha acontecer em minha vida, sempre tento trazer tudo pro lado mais leve, agradável e alegre do acontecimento. Estávamos nós na LBFF, quando perdemos a primeira e a segunda partida, mas, ainda assim, restavam quatro partidas. Quando senti que minha equipe e eu ficamos desanimados, logo em seguida eu falei: – Pessoal, vamos ter calma, ainda temos quatro quedas (e soltei uma leve piada da qual não me lembro, mas que, com toda certeza, fez toda a diferença para nossa próxima partida. Na terceira queda conseguimos ficar em 4º lugar e na quarta queda ficamos em primeiro). Ficamos super felizes com a vitória e eu tenho certeza de que as leves piadas alegres fizeram toda a diferença, exatamente por ser algo leve que nos acalmou.

Algo muito ruim que aconteceu comigo, foi o falecimento de uma pessoa que eu amei muito: a minha vó. Isso mexeu muito com meu psicológico, no começo eu não acreditei, mas, depois de uns meses, a ficha caiu e meu mundo desabou. Com isso, eu tive depressão e fiquei bem chateado, porque ela era meu ponto de apoio. Foi então que, em abril de 2018, eu descobri o Free Fire e comecei a jogar, primeiro de brincadeira. Estive em muitas guildas, mas nem todas eram sérias, a grande maioria não era. Eu passei muita dificuldade na questão de aceitação, por parte dos meus pais, a respeito de eu me tornar gamer: tivemos algumas discussões, minha mãe, meu pai e eu, sobre jogar Free Fire e ter que estudar no meio tempo. Quando comecei a jogar profissionalmente, infelizmente, veio a pandemia de Covid-19 e tivemos que ficar isolados em casa – foi nesse tempo que eu jogava muito e treinava para tentar ser bom, até eu conhecer a guilda Supra. Fiz o teste com o Diego, fiquei muito nervoso no dia, mas no final deu tudo certo. Uma conquista que me deixou muito feliz foi ganhar um Redmi note 8 pro, que eu tinha pedido à minha mãe pra poder jogar porque era um smartphone muito bom para jogo.

Eu tenho um amor incondicional em trabalhar com o marketing digital, por eu ter minha liberdade para trabalhar e poder ajudar as pessoas a também encontrarem a liberdade que elas tanto querem.

Na época que eu estava na escola, eu vivi uma situação bem complicada: eu tinha meus 11 anos de idade e ia para o colégio de moletom, não importava o calor que tivesse; mas, com o tempo, tive que me aceitar, mesmo passando por complicações.

Você, que tem sobrepeso ou é obeso, tente mudar ou pelo menos tente se cuidar ao máximo, porque nossa saúde não espera e nosso tempo é curto. Meu maior sonho é ser bem-sucedido financeiramente e poder ajudar o próximo. Um outro sonho que eu tenho e estou realizando é de emagrecer, para não ter dificuldades em tudo que for fazer. Curto muito jogar bola e nunca pude jogar ou, se jogasse, era sempre no gol. Isso sempre me incomodou, mas essa realidade está pra ser mudada: hoje em dia faço exercício físico, me alimento bem e me cuido (quando você estiver lendo esse trecho, eu acredito que já vou estar bem mais magro). Meu projeto é ter liberdade, acho ela muito importante, porque estamos nessa terra por 70, 90 anos se estivermos bem cuidados... então quero aproveitar a vida ao máximo que eu puder com quem eu amo, porque pra mim o mais importante é a família e a união!

João Jhúnnyor (Sanin)



Fonte: arquivo do autor.

Olá, meu nome é João Jhúnnyor, mas todos me conhecem como “Sanin”. Tenho 20 anos, sou um jovem de origem carioca, nascido e criado no Rio de Janeiro, mais precisamente no bairro de Saracuruna na Baixada Fluminense. Vim de uma família bem humilde mesmo, venho de uma realidade da periferia, onde vi e vivenciei coisas como o crime e as drogas, desde menorzinho.

Cheguei a me deixar levar por muita influência errada, mas sempre fui uma pessoa normal: na minha adolescência eu jogava bola como qualquer outra criança, soltava pipa o dia inteiro, até eu conseguir o meu primeiro celular bom, que aguentava pelo menos uns jogos — e foi aí que minha história dentro do Free Fire, como um *player* profissional, começou, em 2020, na guilda Supra. Nessa guilda eu tive meu primeiro contato com o mundo profissional, foi onde tive estrutura, coordenação e uma rotina como profissional. Nessa guilda eu participei do meu primeiro time (*line*), joguei diversos campeonatos e fiz história em alguns deles, como a Bsoffe, LBFF, NFA, entre outros. Fomos campeões de alguns campeonatos internos e externos, como liga 4x4 da Supra, por exemplo.

Falando mais sobre o meu time, esse time inicialmente era composto por quatro players: Cauã, Lc, Gln e eu. Nesse time todos tinham suas respectivas funções e sabíamos exercer com maestria nossas posições, mas ainda faltava algo, algo que puxasse mais a responsabilidade à frente do time. Foi quando decidimos chamar um quinto player e então convidamos, para compor o time, o nosso amigo Trem, que se tornaria o nosso capitão. Depois que o Trem entrou no time para exercer a função de capitão, nosso time se fortificou e começamos a seguir uma nova jornada, com novas rotinas de treinos e horários específicos, pois, como em uma partida cada *squad* é composto por apenas quatro jogadores, havia horários em que ficava *player* de fora.

Seguimos uma rotina pesada, com dias e mais dias de treino, dias muito cansativos. Algumas vezes começávamos a treinar meio-dia e só parávamos meia-noite ou até mais que isso. Não estou mentindo, já teve dias em que ficávamos mais de 12 horas jogando, e na mesma intensidade todos os dias. Tinha dias em que não dava pra dormir direito, mas fazíamos isso tudo em prol do sonho de sermos um dia reconhecidos no cenário do Free Fire.

Falando da nossa rotina mais a fundo, no início foi muito difícil, pois jogávamos muitas horas. Além disso, tinha campeonatos em que o dia da fase que teríamos que jogar caía em datas comemorativas como, por exemplo, aniversário de familiar, festas de amigos - e não podíamos ir, pois tínhamos nosso compromisso com o cronograma do dia. Quantas vezes ficávamos sem sequer sair na rua, pois estávamos treinando ou jogando campeonatos...

Confesso pra vocês que foi muito difícil isso tudo, pois eu morava em uma casa que só tinha quatro cômodos (quarto, sala, cozinha e banheiro), uma internet ruim... e a vontade de vencer. Às vezes, a internet caía no meio dos treinos e perdíamos a partida. Já teve dias de ficar sem luz, sem internet e não ter como jogar; sem contar que, pra quem quer ser gamer, o apoio familiar é super importante - e isso é o que mais faltava. Quando não se tem o apoio familiar é mais difícil ainda seguir a rotina de gamer, porque o que nós víamos como trabalho, nossa mãe ou pai só conseguiam ver como perda de tempo e essa parte influencia muito na nossa trajetória e rotina. Já cansei de ter brigas internas em casa, pelo simples fato de um familiar desligar a internet de propósito, ou querer zoar na hora em que eu estava treinando ou participando de campeonatos; e creio que não só comigo aconteceu isso, já vi muitas pessoas relatarem esse tipo de situação.

Se você aí que está lendo for mãe ou pai, por favor, apoiem seus filhos. Às vezes, o seu apoio é só o que ele precisa neste momento. Vá lá e apoie, pois, talvez, se eu tivesse tido o todo apoio de que precisava, poderia ter sido um *player* bem melhor na minha carreira como profissional.

E já que entrei no assunto sobre carreira, vamos voltar para o assunto da minha trajetória no jogo: em 2022, já fora da guilda Supra e meio afastado de algumas atividades no jogo, tive a oportunidade de voltar a jogar profissionalmente em um outro time formado por alguns amigos e fui chamado para jogar um campeonato presencial. Eu nunca tinha jogado um presencial na minha vida e vou compartilhar como foi minha experiência neste primeiro presencial, que aconteceu aqui mesmo, no Rio de Janeiro, minha cidade natal, pra ser mais preciso, em Madureira.

Alguns dias antes de jogar esse presencial, precisávamos de um jogador e foi quando eu chamei um amigo meu das antigas, o Rueb. Estávamos empolgados, pois foi o nosso primeiro presencial, tudo novo, uma mega estrutura, times do RJ, SP e *players* de outras cidades, foi uma experiência incrível! Até que fomos bem, por ser a nossa primeira vez em um presencial: conseguimos chegar na final, mas, infelizmente, não conseguimos o título. Mesmo assim, foi uma ótima experiência para nós, pois foi algo totalmente novo. Saímos de lá com as esperanças renovadas.

Na mesma semana fui chamado para mais um presencial no Rio de Janeiro, já com um outro time totalmente diferente e também conseguimos chegar na final, mas não conseguimos o título. Nesse presencial foi a primeira vez que eu vi bem de perto os *players* que eram famosos na época, tirei fotos, etc. Fiz amigos novos lá, uma experiência muito melhor que a primeira e muita esperança de um dia ser campeão. Mais pra frente esse time se desfez, mas, lembram do Rueb? Então... ele e eu decidimos criar um time só com amigos do nosso bairro e foi quando chamamos o Cauã, Kerlon e Gabriel – assim se formou nosso novo time para disputar presenciais pelo Rio de Janeiro. Jogamos diversos campeonatos on-line, fomos campeões de alguns, mas não tínhamos atingido nosso objetivo principal ainda, que era sermos campeões de um presencial.

Mais adiante surgiu uma oportunidade de jogarmos um presencial no estádio do Maracanã, onde, infelizmente, o Rueb não pôde ir, mas nosso time foi e representamos. Infelizmente, não saímos campeões, mas não desistimos. Passaram alguns meses e surgiu mais outra oportunidade de jogar um presencial chamado Cariocão, um campeonato muito cobiçado, pois quem ganhasse seria o campeão carioca. Além disso, com esse campeonato nós ganharíamos diversas recompensas... então vocês já sabem, né? Nossa ansiedade estava a mil!

Quando chegou o grande dia – vocês não vão acreditar – faltou apenas um ponto para conseguirmos a classificação. Sobre esse campeonato, não sei bem o que aconteceu, mas o fato é que até hoje ele não foi concluído e, além disso, ninguém mais falou sobre o assunto, ele nunca mais voltou a acontecer. Esse foi nosso último campeonato presencial e, depois dele, preferimos ficar só nos campeonatos on-line mesmo.

Por fim, com o tempo, nosso time acabou se desfazendo e cada um seguiu para o seu canto. Eu preferi parar de jogar definitivamente e até hoje não jogo mais Free Fire, preferi focar em outros objetivos e metas de vida, trabalho e carreira fora do game. Porém, não esqueço de nada que aconteceu na época em que eu queria ser um jogador profissional de esports, pois sempre fui e continuo sendo fascinado por videogames e tecnologia. Teve uma fase da minha vida na qual eu até cheguei a passar por certas dificuldades como a fome, por exemplo, por vir de uma família muito humilde e não ter tantas condições financeiras. Já cheguei a passar fome durante um período da minha vida quando eu já jogava, não profissionalmente, mas já jogava pela internet dos vizinhos e com celular emprestado.

Hoje em dia, graças a Deus, tudo está melhorando e já não passo mais tanto sufoco igual antes: agora trabalho, sigo minha vida, mas ainda tenho o sonho de ser influenciador ou algo do tipo, pois tenho talento pra isso – quem quiser me conhecer melhor é só pesquisar no Instagram @saningrau22 ou Sanin que vocês vão me achar.

Espero que alguma pessoa se identifique com a minha história, alguém que já passou por dificuldades, mas nunca deixou de acreditar, nem nos piores dias! Acredite primeiramente em Deus, depois confie em si mesmo, que tudo vai dar certo.

Kadu Rabelo (Shisui)



Fonte: arquivo do autor.

Meu nome é Kadu, era conhecido no jogo como “Shisui”, vou contar um pouco sobre minha carreira dentro do Free Fire.

Desde o início, minha jornada no Free Fire foi marcada por desafios e superações. Quando comecei a jogar, estava longe de imaginar que me tornaria parte de uma comunidade tão incrível e conquistaria reconhecimento dentro do jogo.

Como muitos, iniciei minha trajetória no Free Fire sem grandes pretensões. Aprendi as mecânicas do jogo, participei de partidas casuais e aos poucos fui me envolvendo mais e mais com o universo competitivo que o jogo oferece. Tive que enfrentar muitas derrotas e momentos difíceis, mas cada obstáculo superado me trouxe aprendizado e motivação para continuar. Um desses obstáculos era a parte da família, porque no início não aceitavam que eu ficasse horas jogando, levando em conta que era uma jornada incerta. Ao longo do tempo, tive a oportunidade de participar de algumas guildas que contribuíram significativamente para o meu crescimento como jogador. A convivência com outros membros, as estratégias desenvolvidas em conjunto e a troca de experiências foram fundamentais para aprimorar minhas habilidades e compreender melhor as dinâmicas do jogo.

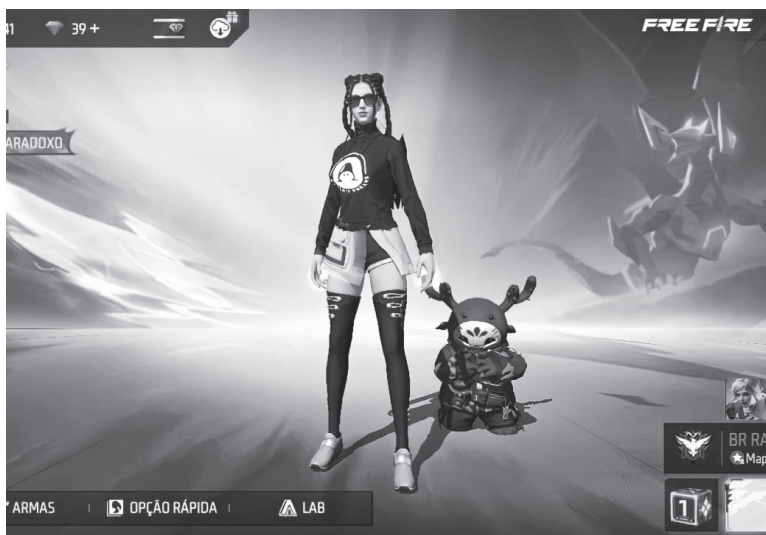
Foi quando tive a oportunidade de ingressar na guilda Supra que minha trajetória no Free Fire ganhou um novo rumo. Na Supra encontrei um ambiente acolhedor, repleto de jogadores talentosos e dedicados. A partir desse momento, pude me destacar ainda mais, contribuindo para as vitórias da equipe e consolidando meu nome como um jogador competitivo e comprometido.

À medida que fui me destacando dentro da guilda Supra, comecei a receber reconhecimento por parte dos demais jogadores da comunidade. Minhas estratégias ousadas e meu desempenho nas partidas despertaram a atenção de outros jogadores, o que resultou em uma crescente admiração pelo meu trabalho dentro do jogo. Além do reconhecimento, algo muito especial aconteceu durante minha jornada no Free Fire: pude construir laços de amizade com diversos jogadores. A convivência dentro da guilda Supra e os momentos compartilhados durante as partidas estreitaram os laços entre nós, transformando colegas de equipe em verdadeiros amigos. A troca de experiências, as vitórias comemoradas em conjunto e até mesmo

as derrotas nos uniram, mesmo com essas derrotas, a gente sempre estava firme e forte, sabíamos que tínhamos potencial para chegar cada vez mais longe como um time. Hoje em dia, olho para trás e vejo o quanto evoluí como jogador e como pessoa ao longo dessa jornada no Free Fire. O apoio da guilda Supra, o reconhecimento da comunidade e as amizades construídas são conquistas que valorizo imensamente. Sigo em frente com a determinação sempre buscando novos desafios e mantendo minha cabeça erguida.

Hoje em dia estou bastante afastado do jogo porque decidi focar nos meus sonhos que, além de tentar virar player de Free Fire, era tentar virar jogador também. Acabei de sair de uma lesão no joelho e estou me recuperando aos poucos para voltar às quadras. Agradeço demais a guilda Supra que me deu uma oportunidade imensa de tentar virar profissional, agradeço principalmente ao Arkan, por ter me dado uma chance na seletiva e mais na frente pude mostrar que tinha potencial. Só tenho a agradecer a essa guilda maravilhosa, vocês sempre vão estar no meu coração.

Luciana (Morena)



Fonte: arquivo da autora.

Meu nome é Luciana, tenho 48 anos, sou natural de Campinas, em São Paulo, e tenho uma filha que já está casada e mora em Curitiba (PR). Vou ser vó pela primeira vez e estou muito feliz pelo presente que minha filha vai me dar, ela está gestante de 3 meses.

Antes eu trabalhava como artesã e morava com minha mãe em Campinas, mas Deus veio recolher minha mãe no dia 3 de julho de 2022, ela estava muito doente do pulmão e do coração. Quando minha mãe faleceu eu quase entrei em depressão de tanta tristeza... ainda sinto muita falta dela: minha mãe, minha amiga, minha companhia de todos os dias... foi muito difícil superar a perda.

Sou jogadora de Free Fire desde 2018. Minha filha jogava e me apresentou o jogo e ali eu conheci pessoas especiais, assim como o líder Arkan, a Deusa (que me colocou na guilda Supra) e conheci também o meu amor, meu marido! Demorou muito pra gente se conhecer pessoalmente, a gente se conheceu no Free Fire em novembro de 2022 e, nesse período inicial, a gente só se falava no Free Fire e se via pelo WhatsApp. Somente em maio de 2023 é que ele veio ao meu encontro e depois disso eu fui até Santa Catarina para conhecer onde ele morava e a família dele, e daí, resolvemos morar juntos. No dia 26 de maio deste ano, fez um ano que estamos juntos.

Hoje eu moro em Santa Catarina e trabalho com o meu marido, ele tem pomar de maçã. Assim, eu só tenho a agradecer a Deus primeiramente, e ao Free Fire por me proporcionar tanta alegria! Eu amo Free Fire e jogo todos os dias!

Natália (NalaX)



Fonte: arquivo da autora.

Olá, meu nome é Natália, tenho 23 anos e moro em Águas Lindas de Goiás. Atualmente eu moro com meus pais, aqui em casa somos cinco pessoas. Minha infância foi longe de celular, sempre foi brincando na rua, brincando de bola, brincando de patins, de andar em bicicleta, ir no zoológico, etc.

Sabe o que marcou a minha infância? Foi ser diagnosticada com problema nos rins. É hereditário, meu pai tem e eu também tenho. Nunca fui uma criança de dar trabalho, a não ser quando eu ficava com muita dor nos rins. Sempre fui de assistir desenho, até hoje assisto.

Fui criada pela minha avó, vivia na casa dela, minha avó sempre foi uma pessoa importante pra mim e eu sinto muita falta dela. Na adolescência eu sempre fui uma menina tímida e chorava quando tinha que ler alguma coisa na frente dos professores e dos alunos. Sempre me mantive recuada com medo que algum(a) professor(a) pedisse para eu ler ou apresentar trabalho. Então pra mim era uma

coisa muito difícil estar na escola porque todo mundo ficava rindo da minha cara quando eu começava a chorar por vergonha de ler.

Essa coisa de escola, eu não gosto muito de lembrar porque isso me deixa mal, sabe? E tem uma outra coisa que aconteceu: quando eu tinha 16 para 17 anos eu comecei a namorar com uma garota (eu era apaixonada por ela), até que um dia eu sofri homofobia dentro da escola por causa do meu relacionamento. Cheguei a chorar muito, cheguei até a pensar em me cortar por causa disso, porque eu achava que eu nunca iria passar por isso.

Já passei por muita coisa que hoje eu não gosto de comentar, sabe? Quando eu estava na escola eu pensava em ser fazer faculdade de Veterinária ou fazer faculdade de Direito, mas até hoje eu não consegui decidir qual fazer. Meu sonho sempre foi ser veterinária pra cuidar dos animais porque eu amo animais, sou completamente apaixonada por eles. Hoje em dia eu tenho alergia a pelo de cachorro, mas, da mesma forma eu amo os bichinhos.

Até hoje eu não consegui decidir qual faculdade fazer porque eu sou uma pessoa muito indecisa e então para mim é difícil decidir porque eu amo as duas coisas, meu maior sonho é fazer uma dessas faculdades.

A Natália hoje em dia é uma pessoa muito quieta, muito calada, muito na dela. Continuo sendo a Natália tímida que não fala com ninguém. O que ela sente, ela guarda pra si; o que a machuca, ela não fala pra ninguém. Vive chorando para aliviar a angústia. Vive pensando muito, vive pensando em como ajudar dentro de casa, em como ser uma pessoa melhor e uma filha melhor. A Natália de hoje em dia está mais na dela, sabe? Ela prefere assim. Chora por tudo e vive brincando com todo mundo para arrancar um sorriso dos outros.

Sabe... hoje eu aceitei minha religião: eu sou umbandista, é uma religião que me acolheu muito... e eu me sinto tão bem de ter aceitado minha religião! Eu amo cada coisa relacionada a ela! Sabe quando uma coisa deixa seu coração quentinho? A minha religião faz isso comigo. Sou muito grata e, a cada dia que passa, eu aprendo mais com a minha religião. Sou uma pessoa melhor e, a cada dia que passa, sou mais apaixonada por mim mesma. A minha religião me ajuda a me conhecer: parece um desafio... até onde você é capaz de ir para conhecer a si mesma, para ter autoconhecimento...

Até onde minha religião vai por mim? Acredito que ela vai muito além do que eu imagino, ela faz eu me apaixonar mais por mim, a ter minha autoestima lá em cima, a sempre ajudar as pessoas, a sempre estar ali ajudando quem precisa. A sempre estar cuidando de mim mesma e cuidando do povo daqui de casa. Minha religião me deixa ser eu mesma sem ser julgada – e por isso tudo é que a minha religião me faz sentir muito bem acolhida.

Agora vou falar um pouco sobre como eu comecei a jogar o Free Fire:

Eu comecei a jogar Free Fire em 12 de abril de 2018. Acho que eu estava com 16 ou 17 anos de idade. Estava eu, em um belo dia de aula (na verdade, aula vaga), e tinha um professor subindo aula para a minha turma sair mais cedo. Estava todo mundo conversando na sala de aula e eu estava sentada perto de uma colega que estava jogando pelo celular, então eu comecei a prestar atenção no jogo que ela estava jogando. Eu, na minha inocência, perguntei para ela o nome do jogo e ela me falou que se chamava Free Fire. Assim que eu cheguei em casa, a primeira coisa que eu fiz foi baixar o jogo, porque eu já tinha gostado dele só de ver ela jogando.

Daí eu comecei a jogar, só que eu parei durante um tempo por causa dos estudos, tinha que focar nas provas, etc. Quando eu voltei a jogar, eu conheci uma pessoa com quem passava horas jogando, horas me divertindo e tudo o mais. Daí... passou um tempinho e eu conheci um garoto que era da Supra (não me recordo o nick dele). Ele chamou para entrar na guilda dele que ela era focada no competitivo, que tinha line etc. Só que eu não sabia muito sobre guilda. Aí ele conversou com o líder da guilda, o Arkan (que é um líder maravilhoso) e ele passou as instruções para mim. Assim que eu entrei na guilda eu já fui para a minha primeira line competitiva. Quando eu entrei na line... cara! Fui recebida tão bem!

Sempre fui bem tratada na Supra, foi uma das melhores guildas que eu já entrei e ela tem um espaço guardado no meu coração. Meu *nick* era Nevaska - comecei a jogar x-treino, jogava campeonato, jogava campeonato de 4x4 da própria guilda... a line tinha Instagram, tinha tudo! E isso tudo com a ajuda do líder da guilda e o *coach* da line.

Quando eu jogava x-treino ou 4x4 contra os outros membros da guilda, era muito divertido e também era uma oportunidade para a minha line aprender a se comunicar e a rotacionar... e na line eu sempre fui suporte e até hoje eu sou suporte.

Foi uma experiência maravilhosa que vai ficar guardada na minha memória. Por causa da guilda eu me apaixonei pelo competitivo, me apaixonei por 4x4, só que eu não jogo mais competitivo. Minha meta era ser reconhecida pelo cenário feminino de Free Fire e me tornar uma jogadora profissional e, como ser diz hoje... ser verificada.

Mas quem sabe meu sonho de ser reconhecida não se realize, né?

Foi na Supra que eu comecei a namorar à distância com um menino maravilhoso, ele sempre estava comigo, independente das brigas, ele sempre estava do meu lado. E também foi a guilda que fez eu ter meu próprio Instagram do jogo, fez eu acreditar que eu também posso chegar aonde eu quiser chegar.

Se alguma pessoa chegasse em mim hoje e pedisse para eu recomendar uma guilda, eu recomendaria a guilda Supra porque é a melhor guilda do cenário, na minha opinião. É uma guilda que apoia os jogadores, que sempre está lá quando os jogadores precisam de *camp* ou 4x4, é uma guilda de onde eu me arrependo até hoje de ter saído. (Mas se fosse para eu voltar eu voltava).

Hoje em dia eu faço parte de outra organização (guilda) e meu nick é NalaX, sou Level 83. Tem exatamente 6 anos que eu jogo o Free Fire, é um jogo que eu não troco por nenhum outro porque nele eu conheci pessoas maravilhosas, de coração bom. Nele eu conheci dois amigos que eu sempre vou levar para onde eu for porque eles sempre estiveram comigo quando eu precisei deles. Apesar dos vacilos, eles sempre estão comigo, aonde eu for eles vão junto. Só eles sabem o que eu já sofri no jogo, as palavras ofensivas dos aleatórios: “Já falaram q mulher não pode jogar jogo de tiro porque isso é coisa de homem” ou “O lugar da mulher é na cozinha”, entre outras coisas.

Eu vou deixar um recadinho para vocês:

Nunca duvidem dos sonhos de vocês, lutem pelos seus sonhos, não fiquem com medo de tentar ou medo de cair e não levantar mais. Se cair levanta e tenta novamente. Porque se ninguém acredita em vocês, eu acredito! Eu sei que cada um de vocês é capaz de che-

gar aonde vocês quiserem chegar! Porque vocês são capazes de fazer acontecer! Não deixe seus sonhos para trás, vá atrás deles!

Enfim, é isso!

Robson Pereira da Silva (Negrito)



Fonte: arquivo do autor.

Meu nome é Robson Pereira da Silva e sou um jogador ávido de Free Fire. No mundo frenético do jogo, encontrei não apenas uma forma de entretenimento, mas também um refúgio do estresse do trabalho. Sou um profissional ocupado, sempre correndo contra o relógio e o Free Fire se tornou meu escape para relaxar e me divertir.

Durante minhas aventuras no jogo, fiz amizades incríveis. Conheci pessoas de diferentes lugares, com quem compartilho a paixão pelo jogo. Uma dessas amizades se destacou: Maria. Nos conhecemos em uma partida aleatória e, desde então, formamos um time imbatível. Nossa parceria foi além do jogo, e hoje somos uma família e temos uma filha.

Mas nem tudo foram vitórias. Em alguns momentos, me empolguei e gastei mais dinheiro do que deveria no jogo, buscando itens exclusivos e *skins* raras. Essa empolgação acabou custando caro, literalmente, quando perdi o acesso à minha conta, que tinha muitas conquistas e itens valiosos.

Apesar desse revés, decidi recomeçar do zero. Com a ajuda dos meus amigos, reconstruí minha base no jogo e retomei minha jornada, mais determinado do que nunca. A experiência me ensinou a valorizar mais cada conquista e a ser mais cuidadoso com minhas decisões no jogo.

Hoje continuo jogando Free Fire com a mesma paixão do início. Para mim, o jogo não é apenas uma forma de diversão, mas também uma maneira de relaxar e recarregar as energias. E, acima de tudo, sou grato pelas amizades que fiz e que tornaram essa jornada ainda mais especial.

Vítor Rueb (Rueb)



Fonte: arquivo do autor.

Olá, me chamo Vítor Rueb, mais conhecido como Rueb. Sou natural do Rio de Janeiro, porém, fui criado em Duque de Caxias, município da Região metropolitana, mais especificamente na Baixada Fluminense.

Aqui na região enfrentamos vários problemas crônicos relacionados, principalmente, a falhas do poder atuante do Estado, tais como: falta de infraestrutura do transporte público de massa (trens e metrô), falta de saneamento básico e, além disso, os setores de saúde e educação são bem precários. Mas o nosso principal problema é a questão de segurança pública, na verdade, a falta dessa política de segurança pública. Nosso estado não tem uma boa gestão em programas de segurança pública: isso oferece muitos riscos à população e, principalmente, aos policiais. Para me resguardar, eu encontrei no Free Fire um refúgio de alguns desses problemas sociais.

Desde que comecei a jogar (no início de 2018) com o celular que pegava emprestado da minha mãe, eu fiz várias amizades dentro do game, por ser uma pessoa alegre, comunicativa e ética com o próximo. Comecei a jogar com alguns amigos da escola, fiz novos amigos que moram por todo o Brasil, mas, em especial, com uma galera que mora na mesma cidade que eu, mas que eu não conhecia.

No período em que jogamos juntos, fui recrutado para uma guilda que era composta, quase que completamente, por essas pessoas que moram no bairro e nas adjacências. Criei uma line chamada *Death Warriors* com alguns desses integrantes com quem eu tinha mais proximidade, porém, com o passar do tempo, fui recrutando pessoal de outras regiões do Brasil.

Sempre fui a liderança da line e cumpria com a responsabilidade de líder, capitão e até mesmo de *coach*. Passamos por algumas organizações, até que troquei o nome da line para *Outro Nível*, após entrar na guilda Supra, conhecer o líder Diego (Arkan) e toda a alta cúpula da liderança.

O tempo foi passando, eu fui jogando e criando laços de amizade e carinho com os integrantes da guilda, em especial com Arkan, Medusa, Deusa e Laís. Formamos laços fortíssimos de amizade que prevalecem até os dias de hoje.

Depois de um tempo na Supra, recebi propostas e acabei saindo da guilda e também deixando o cargo de vice-liderança. Após esse ocorrido, eu comecei a jogar campeonatos presenciais com alguns amigos da minha primeira line, sempre fomos um time muito forte e unido; por fim, voltamos à Supra e também representamos a equipe em alguns campeonatos presenciais estaduais.

Conforme o tempo foi passando, eu já não tinha muito tempo para me dedicar tanto ao jogo, pelo fato de trabalhar e chegar exaustivo em casa; também já estava desanimando com o jogo, até que tomei a difícil decisão de parar com o Free Fire.

Sou muito grato a tudo que o Free Fire e, principalmente, a guilda Supra me proporcionaram, carrego até os dias atuais as amizades, os muitos ensinamentos, a maturidade, a responsabilidade e as experiências que adquiri com o tempo.

Ana Idalina (SPR Lua)



Fonte: arquivo da autora.

Imaginem como é nascer em um mundo diverso, móvel, desterritorializado. Um mundo tão pequeno que cabe na palma da mão, no qual se pode correr sem sair do lugar e onde o dedo indicador não apenas aponta a direção, mas nos coloca em movimento e garante a condição de ficarmos vivos por mais tempo. Nesse mundo que cabe na palma da mão, tanto quanto neste em que vivemos em corpo e alma, a morte nos espera, está à espreita de um descuido, de uma reação mais lenta. Ela fatalmente leva todos, mas é possível morrer na próxima batalha, no dia seguinte, se desenvolvermos a habilidade de matar os medos e eliminar os obstáculos que nos afastam do *Booyah*.

Nasci no Free Fire no mês de dezembro de 2019, mais especificamente na Supra, guilda que me acolheu para a realização de uma incursão exploratória no jogo, por conta da minha pesquisa de doutorado em Ciências Sociais. Se me perguntarem por que eu decidi pesquisar o Free Fire no doutorado, adentrando um espaço totalmente desconhecido pra mim, eu diria que foi a minha inquietude em querer conhecer e compreender o que muito me incomodava. O Free Fire entrou na minha casa de uma forma impactante, transformando radicalmente a dinâmica de interações familiares: havia risos, havia conversas, havia movimento – todavia, os sons que eu ouvia não pertenciam ao meu mundo físico – minha família foi engolida por uma outra dimensão, de onde não era possível me ouvir, me ver. Algumas vezes eu respondia coisas que não eram perguntadas pra mim. Outras vezes, eu me assustava com alguma reação exagerada na sala, altas horas da noite. Mesmo com a música ligada no meu quarto, era difícil dormir com as risadas altas, conversas, sons do jogo.

Faltavam alguns meses para a abertura do processo seletivo para o doutorado em Ciências Sociais e eu pensei: tá aí um fenômeno importante de ser estudado. O Free Fire havia dominado também a escola, os meus alunos, as reclamações se tornaram um assunto recorrente na sala dos professores, havia alunos que chegavam à escola sonolentos depois de noitadas jogando. Outros levavam fone de ouvido e iam de agasalho com capuz, para jogar durante o horário de aula. Enfim, estava decretado: o Free Fire era o demônio em forma de jogo (risos).

Senti vontade de conhecer o jogo para compreender a razão pela qual ele atraía tanto as pessoas. Mas, como boa costureira, nunca dou ponto sem nó: a intenção era montar um projeto de pesquisa sobre o jogo, pois justificativas para o desenvolvimento da pesquisa eu tinha de sobra e a grande relevância da pesquisa seria lançar luz sobre um fenômeno desconhecido para grande parte dos professores e professoras, das próprias famílias. Assim, numa noite, pedi ao meu filho que baixasse o jogo no meu celular. Ele pediu que eu escolhesse um *nick*, e rápido (odeio coisas rápidas, preciso de tempo para me planejar, pensar). Lua! Falei sem pensar e depois quis mudar, mas ia dar muito trabalho e assim, mantive.

Meu primeiro contato com o game foi terrível porque uso óculos multifocal e, além disso, o meu J5 tinha uma tela bem pequena, ou seja: eu não conseguia enxergar nada. Fiquei tão nervosa que deletei o jogo e desisti da pesquisa. Todavia, com a proximidade da data prevista para o processo seletivo, revi minha posição. Comecei a pesquisar sobre o jogo pelo Google, comprei alguns livros que poderiam me ajudar a construir meu projeto, “calcei a cara” e pedi mais uma vez que meu filho fizesse o *download* do Free Fire pra mim. Depois de algumas semanas morrendo asfixiada ou sendo atingida antes mesmo de cair em terra firme, ou até mesmo suicidando sem querer no jogo, tenho uma lembrança clara da minha primeira conquista: era duas da manhã e eu consegui fazer um *Booyah*. Cara! Foi muito emocionante! Eu perdi a noção da hora e comecei a comemorar: *Booyah! Booyah!*

Meu filho e a namorada dele vieram ao meu quarto, assustados, e acharam uma adolescente de quase 60 anos em êxtase. Aquilo me motivou muito e comprei alguns livros que pudessem me ajudar a construir meu projeto de pesquisa: *O que é virtual* e *Cibercultura*, do Pierre Lévy, para compreender o ciberespaço. Também li *Homo Ludens*, do Johan Huizinga, para compreender a forma como o jogo exerce fascínio desde sempre. Segundo o Huizinga, o jogo é um elemento da cultura, isso quer dizer que tudo na vida é jogo: jogo da guerra, jogo da conquista, jogo político. E entendendo – o jogo como uma necessidade humana, ficaria mais fácil compreender o contexto do Free Fire.

Fui aprovada em primeiro lugar no doutorado e tão logo saiu o resultado do processo seletivo, em dezembro de 2019, meu filho me colocou em contato com o Arkan e fui aceita na guilda Supra. Iniciei meu doutorado em 2020, junto com o início da pandemia, tendo como orientador um professor do campo da Antropologia Visual, o prof. Carlos Reyna. Assim começa a história da Lua.

Todavia, eu – Ana Idalina - nasci bem antes da Lua, mas vejam que coincidência: ambas somos capricornianas, nascemos no final de dezembro – ela em 2019 e eu em 1960. Filha caçula de um pai pedreiro, de 57 anos e uma mãe costureira de 40, nasci em uma família com quatro irmãos homens e uma mulher. Fui uma criança extremamente solitária – o mundo parecia muito perigoso para uma menina, aos olhos do meu pai (um homem do início do século XX). Dessa forma, eu só podia brincar dentro de casa ou nos limites da grade que me separava da rua. Éramos tão pobres! Raramente tinha carne na mesa, nem sapato eu tinha – lembro do frio dos meus pés no tempo de inverno, quando voltava com meus pais da igreja, usando meu chinelinho de dedo.



SPR Lua

Fonte: arquivo da autora.

Quando eu entro no Free Fire, ainda hoje, quase cinco anos depois do meu nascimento como Lua, eu ainda jogo sozinha – tenho um certo amor à solidão. Corro por montanhas e vales, entro e saio de casas, recolho armas e me escondo, para evitar confrontos. Eu não sei matar e até já consegui chegar ao *Booyah* algumas vezes (quando o outro concorrente morria asfixiado pelo gás ou quando ele era tão mau jogador que conseguia ter pior desempenho que eu).

Fico pensando que eu reproduzo no jogo o comportamento da menina que eu fui na infância e adolescência: tímida, sozinha, silenciosa, com receio de atrapalhar as pessoas, com uma grande dificuldade de interagir e de me confrontar com as coisas que me separam das maiores conquistas. Penso que o Free Fire é um espaço onde aprendemos a nos enxergar de fora e, nesse sentido, a Lua tem um papel muito importante na construção do meu autoconhecimento, pois ela me mostra o quanto eu me sabotei e me escondi das boas oportunidades durante uma parte da minha vida.

Éramos muito pobres lá em casa: fogão de lenha, vassoura de mato, portas com tramelas, entre outras coisas que hoje me parecem um tipo de simplicidade extremamente romântica. Na nossa casa havia livros, aos montes. Havia também uma vitrola pequena e muitos discos, além de um rádio que meu pai ligava antes das 6 da manhã com música sertaneja. Eu acordava com o galo cantando e o grito do locutor: “Acorda gente, já é dia!”. Meu irmão José Luiz era radialista e gostava muito de ler – penso que ele exerceu grande influência na minha formação e teve um papel fundamental na construção da minha trajetória acadêmica e profissional. Ele tinha livros de bolso que guardava embaixo do colchão e me avisava: “Lina, não pode ler meus livros, eles são proibidos para meninas da sua idade. Não leia”.

Ele era incisivo, mas a proibição dele soava para mim como um convite irresistível: eu tinha 11 anos e chegava da escola por volta de meio-dia, horário de almoço dele. A ansiedade tomava conta de mim e eu contava os minutos para ele voltar ao trabalho e então eu teria exatamente quatro horas para ler o que eu quisesse e voltar os livros para o lugar certo antes das 6 da tarde. Havia livros de espionagem da CIA e FBI – ainda lembro de uma espíã chamada Brigitte

Montfort, de pele branca, corpo bem-feito, cabelos longos e pretos levemente ondulados, olhos azuis, seios protuberantes. Eu pegava o sutiã da minha irmã, bem como o sapato de salto e as roupas... me vestia e repetia as falas de Brigitte em frente ao espelho e conseguia, através da leitura, ultrapassar os limites do portão da minha casa e viajar por mundos desconhecidos.



Capa de um livro de bolso da coleção Pulp ZZ7, publicada no Brasil entre 1965 e 1992 (Editora Monterrey)

Fonte: imagem de domínio público.

Entretanto, para além dos livros de espionagem, também havia livros da literatura brasileira, que acabei lendo por engano, com a sensação de estar transgredindo regras e sendo subversiva. Li *O tron-*

co do ipê e Iracema, de José de Alencar, *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, *Os meninos da Rua Paulo*, do escritor húngaro Ferenc Molnár, e alguns outros dos quais nem lembro o nome. Havia também alguns livros religiosos que pertenceram à minha avó materna, que eu não cheguei a conhecer, mas que tinha o meu nome, Ana. Eu me identificava com ela, apesar de só tê-la conhecido por foto. Lembro, em especial, de um livro que tinha uma leitura para cada dia da semana, cujo título era *Breviário da Confiança*. O livro todo era um elogio ao sofrimento, dizia que a dor nos torna melhores e mais fortes (como se aquela leitura previsse tudo o que eu viria a viver no futuro).

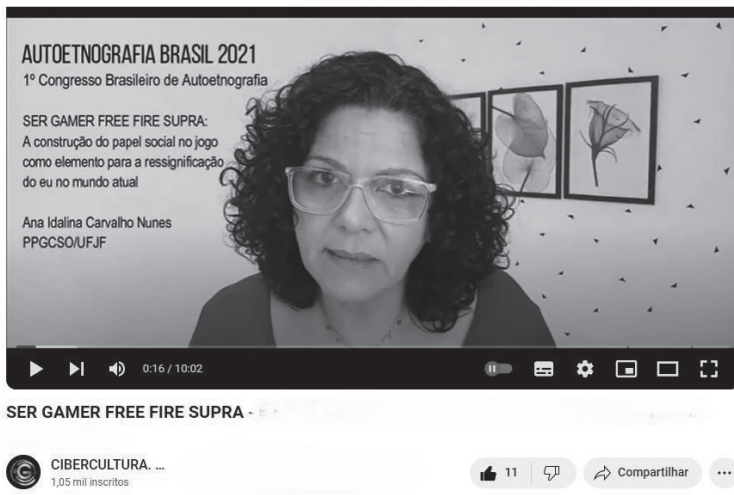
O ano era 1972, eu cursava a quinta série (hoje seria o sexto ano) do ensino fundamental, no Colégio Cataguases. Meu pai era um homem muito preocupado: recomendava que eu me afastasse de grupos onde se falava do governo, pois poderiam aparecer homens encapuzados que me levariam para onde ele nunca mais poderia me encontrar. Meu pai queria que eu aprendesse lutas marciais para que eu conseguisse me defender, no caso de algum rapaz querer me agarrar à força. Aquilo tudo parecia, para uma menina de 11 anos, uma grande besteira. Todavia, no contexto daquele período, hoje percebo que as preocupações dele tinham fundamento, em todos os sentidos.

Fato é que eu cresci como todas as meninas que viveram aquele momento de repressão à sexualidade, à manifestação do pensamento, à liberdade. Tive meu primeiro beijo na boca aos 16 anos e casei com ele, o primeiro namorado, aos 19. Tive a primeira filha aos 20, o segundo, aos 26, e já aos 40, recebi a minha caçula, filha do segundo casamento. Meu sonho era estudar, mas não deu: interrompi o curso Técnico em Contabilidade para casar. Além do mais, vivemos períodos de muita dificuldade, até mesmo de passar fome. Meus filhos trabalharam comigo desde sempre, eu os criei costurando roupas de criança, uma profissão que aprendi com minha mãe. Enfim, deu certo: os meus três filhos passaram pela universidade federal, todos têm curso superior. Com o tempo, deixei de costurar tecidos e comecei a costurar palavras, ideias, teorias, conceitos. Experimentei

a costura de forma múltipla e plural: trabalhei como produtora em rádios, fiz teatro, fui criadora e editora da Revista de Literatura e Arte Pensaminto (1995-2000), publiquei livros, fui Coordenadora Municipal de Cultura da minha cidade.

A vida não foi fácil, mas eu nunca desisti, eu acredito na vida.

Prestei vestibular aos 49 anos e fui aprovada em sexto lugar para o curso de Filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora. Eu ia na segunda, ficava na casa da filha e voltava na sexta para faxinar a casa, preparar a refeição da semana e organizar tudo para o marido, o filho e a filha caçula. Tive apoio de todos. Depois cursei especialização em Filosofia Política, mestrado em Ciências Sociais e, provavelmente, quando este livro for lançado eu já terei defendido a minha tese de doutorado sobre o processo de atualização de trajetórias a partir das interações sociais no game Free Fire.



Apresentação de trabalho no I Congresso Brasileiro de Autoetnografia (2021)

Fonte: Canal Ciberultura.Game.²

2. Canal Ciberultura.Game. Ser gamer Free Fire na guilda Supra. Autoetnografia Brasil 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3YFlk30>. Acesso em: 16 jun. 2024.

O que eu vejo no jogo é um grande número de jovens que, apesar da distância temporal que nos separa, são como eu era: extremamente dedicados e inteligentes, mas que, todavia, não conseguem pertencer a nenhum grupo da escola ou mesmo ter amizades para ir a festas, bares, etc. Eu era pobre, não tinha as melhores roupas, não tinha dinheiro e, além disso, era uma adolescente gordinha com o rosto cheio de espinhas. Embora não se falasse em bullying naquele tempo, havia os comentários estigmatizantes. Eu integrava o grupo da dança folclórica no colégio, sempre amei dançar e dançava muito bem. Certa vez, uma professora chegou até nós no final de uma apresentação e disse para a professora de dança, olhando pra mim: “Tadinha, ela dança tão bem, né?”.

O que tem de positivo no ambiente digital do Free Fire é que todos nós nos igualamos e o que nos diferencia não tem ligação com aparência ou condição socioeconômica – através dos personagens, somos todos iguais, com todas as nossas diferenças. Claro que também há preconceito e bullying no Free Fire, é um espaço que traz o que tem de melhor e pior das pessoas. Tudo depende do grupo, da guilda, da organização que cada qual integra: cada grupo segue o seu líder.

Mas não se pode negar também que o Free Fire é espaço de acolhimento. No período em que iniciei minha pesquisa, lembro que um aluno do primeiro ano do ensino médio me disse que sofria de ansiedade e quando estava nos momentos mais difíceis, jogar Free Fire e interagir com os amigos do jogo trazia para ele um grande alívio. Uma outra aluna, do sexto ano, me disse que a psicóloga dela explicou à sua mãe que quando ela matava alguém no jogo, na verdade, ela estava matando os próprios medos – muitas vezes até o medo de enfrentar as dificuldades da escola, de interagir com os colegas.

Essa questão do “acolhimento” pareceu muito evidente quando, no processo de produção da minha pesquisa na guilda Supra, passei um formulário com as mesmas perguntas em três anos consecutivos: 2020, 2021 e 2022. Ele trazia perguntas abertas e fechadas sobre a relação dos respondentes com o jogo, com a Supra e com seu líder, Arkan. Os respondentes se identificavam apenas por seus *nicks* no jogo e a intenção era descobrir a razão pela qual entraram no jogo,

porque haviam entrado na Supra, como se sentiam enquanto jogadores dessa guilda, enfim... perguntas subjetivas que buscavam identificar o que o ambiente digital do Free Fire representava para todos eles. Em meio a todas as respostas (cuja análise está presente na minha tese de doutorado), uma frase pareceu ser praticamente um *slogan*: “A Supra é uma família pra mim”.

Hoje eu entro no jogo dia sim e o outro também. Quando a solidão bate e o vazio interior ameaça engolir a minha alegria, eu jogo. E hoje eu entendo que preciso correr pelo campo de batalha porque só tem a chance de vencer quem se mantém em movimento. Só conseguem se divertir aqueles que ousam, que se arriscam, que se lançam sem medo. No Free Fire, morrer faz parte e equivale, na vida cotidiana, a receber os “nãos”, a ver frustradas as nossas expectativas. Assim como no jogo, é preciso renascer a cada morte, começar de novo, insistir. Afinal, o riso tem muito mais valor quando se experimentou o choro antes.

O que o Free Fire é pra mim? É a oportunidade de ser a Lua nos momentos em que ser Ana Idalina parece muito exaustivo. É um convite ao desenvolvimento da minha inteligência emocional, através da autossuperação, do autoconhecimento, da capacidade de enfrentar o risco de morte para tentar gritar o *Booyah*. É, por fim, uma espécie de treinamento para que eu consiga compreender e aceitar que viver é um grande risco – um risco que vale a pena correr!

RECADO FINAL

A mais misteriosa e arriscada viagem que se pode fazer é a viagem ao interior de nós mesmos – ninguém volta como antes. É lá, no passado distante, que entramos em contato com uma essência que foi sufocada pelas máscaras sociais.

Como você, leitor(a), se sente depois de ter mergulhado na vida de cada autor presente nesta obra? Como se sente diante da oportunidade de conhecer tão a fundo alguém que nunca viu, nunca abraçou?

Estamos certos de que ninguém saiu desta leitura totalmente ileso: houve um processo de volta ao passado, de reconstrução de lembranças, de ressignificação da própria vida. Ter a oportunidade de vivenciar esse tipo de situação nos torna mais humanos, mais sábios e mais capazes de compreender, de fato, as teorias que carregamos para o nosso campo de pesquisa.

Até mais.

Ana Idalina

Diego Lucas

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. História de vida nas ciências humanas e sociais: caminhos, definições e interfaces. *In*: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal [online]. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012, p. 37-57. Disponível em: <https://bit.ly/3M2f0e0>. Acesso em: 10 maio 2024.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2023.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2021.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z.; **Etnografia**: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro, v. 7, 2012.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. **Campos** - Revista de Antropologia, [s.l.], v. 12, n. 1, jun. 2011, p. 9-29. Disponível em: <https://bit.ly/4dAtRbr>. Acesso em: 18 maio 2024.

JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. *In*: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1999, p. 127-174.

KOFES, Suely. **Experiências sociais, interpretações individuais**: Histórias de vida, suas possibilidades e limites. Campinas: Cadernos Pagu, n. 3, 2007, p. 117-141. Disponível em: <https://bit.ly/4dAKTgt>. Acesso em: 14 jun. 2024.

LAZZARI, Marco. The role of social networking services to shape the double virtual citizenship of young immigrants in Italy. *In: Proceedings of the IADIS International Conference on ICT, Society and Human Being*. Artigo de Congresso. Lisboa, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3WwzsDI>. Acesso em: 10 mai. 2024

MEAD, Herbert George. **Espiritu, persona y sociedad**: desde el punto de vista del conductismo social. Barcelona: Paidós, 1982 (Trabalho original publicado em 1934).

MEAD, Herbert George. O jogo livre (folguedo), o jogo regulamentado e o “outro-generalizado”. *In: BIRNBAUM, Pierre; CHAZEM, François. Teoria sociológica*. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1977.

OLSON, Cheryl K. Are electronics games health hazards or health promoters? *In: KOWERT, Rachel; QUANDT, Thorsten. The video game debate: unravelling the physical, social, and psychological effects of digital games*. Nova York: Routledge, 2016, p. 39-51.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’. **Revista Ciência e Cultura**, São Paulo (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciências), v. 39, n. 3, 1987, p. 272-286. Disponível em: <https://bit.ly/4d5WM7v>. Acesso em: 10 mai. 2024


TAKAMI, Koushun. **Battle Royale**. Tradução de Jefferson José Teixeira. São Paulo: Globo, 2014.

Título	Conexões virtuais, histórias reais
Organizadores	Ana Idalina Carvalho Nunes Diego Lucas Nunes de Souza
Assistência Editorial	Beatriz Vieira
Capa e Projeto Gráfico	Vinicius Torquato
Preparação	Andressa Marques
Revisão	Eloísa Montes Marcia Santos Taine Barriviera Renata Moreno Talita Franco Giovanna Ferreira
Formato	14x21cm
Número de Páginas	192
Tipografia	Adobe Garamond Pro
Papel	Alta Alvura Alcalino 75g/m ²
1ª Edição	Outubro de 2024

Caro Leitor,
Esperamos que esta obra tenha
correspondido às suas expectativas.

Compartilhe conosco suas dúvidas e sugestões:

sac@editorialpaco.com.br

 11 98599-3876

Publique sua obra pela Paco Editorial

EDIÇÃO DE QUALIDADE, DIVULGAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NACIONAL



Teses e dissertações

Trabalhos relevantes que representam contribuições significativas para suas áreas temáticas.



Grupos de estudo

Resultados de estudos e discussões de grupos de pesquisas de todas as áreas temáticas.



Capítulo de livro

Livros organizados pela editora dos quais o pesquisador participa com a publicação de capítulos.




Técnicos e Profissionais

Livros para dar suporte à atuação de profissionais das mais diversas áreas.

Envie seu conteúdo para avaliação:

livros@pacoeditorial.com.br

11 4521-6315
 11 95394-0872

www.editorialpaco.com.br/publique-na-paco/

Todo mês novas chamadas são abertas:


www.editorialpaco.com.br/capitulo-de-livros/

Conheça outros títulos em

www.pacolivros.com.br

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658
Ed. Altos do Anhangabaú – 2º Andar, Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100



No complexo universo do Free Fire, as interações virtuais se entrelaçam em narrativas de luta, persistência e crescimento. "Conexões Virtuais, Histórias Reais" apresenta histórias de vida dos principais protagonistas desse ambiente digital. Entre os autores, destacam-se influenciadores significativos do cenário de Free Fire no Brasil, como Ale Maze, The Radioativo, ChazzaN e SUPREME. A comunidade indígena é representada pela autobiografia de Biel Tupã, influenciador da guilda Los Tribos. O livro também inclui a contribuição de Carlos Saul, narrador de esports e Dressa, a manager. Diego Lucas, o líder Arkan da guilda SUPRA, oferece uma autobiografia que revela a interseção entre seu papel de líder e sua atuação como professor. Jogadores e jogadoras das guildas mencionadas compartilham fragmentos de memórias e vivências, buscando eternizá-las através desta obra. Trata-se de um rico material para o estudo de histórias de vida e das conexões virtuais estabelecidas no jogo. Essas narrativas oferecem reflexões profundas para o campo da pesquisa e consistem em um valioso recurso para ser utilizado no ensino médio, como material de apoio para professores(as) de diversas disciplinas.



ISBN 978-85-462-2811-9



9 788546 228119



/PacoEditorial



@PacoEditorial



@Paco_Editorial